

ÉPOCA



www.epoca.com.br



DILMA SOB ATAQUE

Incapaz de fazer aliados no Congresso e acossada nos tribunais de Brasília, a presidente enfrenta sozinha a batalha decisiva para salvar seu mandato



Graciela P.
@g_pacha
Minha filha tem 8 anos, já tá na hora de começar a pensar na faculdade dele? #invista



Thiago Asthutti
@Tasthutti
Eu sonho em mandar meu filho estudar fora. Como tenho que me planejar? #invista



Márcio da Amuda
@marruda
Meu neto fez 14 anos e quer ser médico, mas a faculdade é tão cara. Será que ainda dá tempo de eu juntar dinheiro pra ajudar? #invista



Juliana Chaves
@j_chaves
Minha filha nem nasceu, mas já tô cheia de planos pra ela :) Vale a pena começar já a guardar dinheiro? #invista



Ana Aragão
@Aaragao
Como faço para garantir a faculdade das crianças? 📖 #invista



Júlio Abreu
@j_abreu85
Meu afilhado é tipo um filho pra mim. Dá pra ajudar no futuro dele? #invista



Ana Machado
@MachadoAna
Quanto tempo demora para juntar dinheiro para a faculdade dos meus sobrinhos? Dê-me: eu tenho 3! #invista



Alex Wolfenson
@Alex_W
Meu filho de 15 anos é louco por carros. Quanto tenho que guardar por mês pra dar um carro quando ele fizer 19? #invista



Marcelo Alencar
@alexalencar
Como posso garantir a faculdade do meu filho? #invista

*Planos de 1ª Previdência Itaú. Contribuição mensal a partir de R\$ 70,00. Verifique os planos disponíveis. Informações reduzidas. Prevalencem os termos dos regulamentos que você recebe na contratação dos planos, de acordo com a legislação vigente. Os recursos dos planos de previdência são aplicados em fundos de investimento, que não possuem garantia de rentabilidade, podendo, inclusive, ter rentabilidade negativa. O registro desses planos, na SUSEP, não implica, por parte da Autarquia, incentivo ou recomendação à sua comercialização. Os planos de previdência apresentam tributação no resgate ou recebimento de renda, conforme sua escolha na contratação: tributação progressiva compensável ou tributação regressiva definitiva. Itaú 1ª

Todo mundo
tem um
motivo
para investir. Ou mais de um.

Faça uma Primeira Previdência Itaú.

A partir de 3 reais por dia*, você já pode começar. Faça uma simulação em itau.com.br/invista e dê o primeiro passo para oferecer um futuro tranquilo a quem você ama.

#issomudaseumundo

Itaú. Feito para você.



10 MIL CARROS PRODUZIDOS NO BRASIL. UM DELES TEM DE SER SEU.



ActiveFlex

**BMW SÉRIE 3
ACTIVEFLEX
15/15**

A PARTIR
DE **R\$ 129.950***

**TAXA
0%**

**IPVA
+ DOCUMENTAÇÃO
GRÁTIS**

**BÔNUS
NO SEU
SEMINOVO**

PACOTES DE MANUTENÇÃO BMW**

MAINTENANCE 1
R\$ **540,00**

MAINTENANCE 2 - FLEX
R\$ **1.690,00**

Aproveite ainda o PROGRAMA DE VENDAS CORPORATIVAS BMW com condições imperdíveis para empresas.

Na cidade somos todos pedestres.



*Condições válidas para o BMW 320i Sport ActiveFlex, 2015/2015 – 0 km, pintura sólida. Preço sugerido de R\$ 129.950,00 à vista ou entrada de R\$ 77.970,00 mais 24 parcelas mensais de R\$ 2.260,55. Valor final do bem a prazo: R\$ 132.223,27. Taxa de juros de 0% a.m. (sem impostos). Taxa válida somente para financiamento dos veículos em sua configuração original. Custo Efetivo Total (CET): 4,22% a.a. Estoque: 35 unidades. IPVA grátis proporcional ao período de outubro/2015 a dezembro/2015, válido de 1º/10/2015 a 31/10/2015, e condicionado à obrigatoriedade da documentação do veículo ser realizada na concessionária da efetivação da compra. BMW X3 xDrive20i, 2015/2016 – 0 km, pintura sólida. Preço sugerido de R\$ 194.950,00 à vista. Estoque: 40 unidades. BMW 120i Sport ActiveFlex, 2015/2015 – 0 km, pintura sólida. Preço sugerido de R\$ 99.950,00 à vista. Estoque: 20 unidades. Plano de financiamento oferecido pela BMW Financeira. Sujeito a aprovação de crédito. Modalidade CDC - Pessoa Física. Tarifa de cadastro (R\$ 750,00), tarifa do Detran-SP (R\$ 101,54) e IOF estão incluídos nas parcelas e no CET. Condições válidas de 1º/10/2015 a 31/10/2015 ou até o término do estoque de 20 unidades. Ouvidoria Corporativa BMW SF: 0800 772 2369. Atendimento ao Cliente BMW SF: 0800 019 9797. **Garantia de recompra pela concessionária responsável pela venda por no mínimo 50% do valor da nota fiscal do veículo, desde que atendidas as demais exigências contratualmente previstas. Preços Públicos Sugeridos válidos até 29/2/2016, para todo o território nacional. ***Os planos de Manutenção BMW Maintenance 1, BMW Maintenance 2 e BMW Maintenance 2 - Flex podem ser utilizados pelo cliente, exclusivamente, na primeira e na segunda manutenção BMW, indicadas pelo sistema CBS no display central do veículo. O Pacote BMW Maintenance 1 inclui: substituição da quantidade de óleo recomendada pela BMW, troca de filtro de óleo, mão de obra e manutenção standard. BMW Maintenance 2 inclui: substituição da quantidade de óleo recomendada pela BMW, troca de filtro de óleo, troca do microfiltro do ar-condicionado, substituição da bateria da chave, mão de obra e manutenção standard. BMW Maintenance 2 - Flex inclui: substituição da quantidade de óleo recomendada pela BMW, troca de filtro de óleo, troca do filtro de combustível, troca do microfiltro do ar-condicionado, substituição da bateria da chave, mão de obra e manutenção standard. As peças trocadas possuem garantia legal de 90 dias, exceto em casos de desgaste e/ou mau uso. Itens adicionais serão orçados à parte. Para mais informações, consulte a Concessionária Autorizada BMW de sua preferência. A BMW do Brasil se reserva o direito de alterar as especificações e os preços sugeridos de seus produtos e serviços sem prévio aviso.



DPZ&T

BMW do Brasil

www.bmw.com.br



Puro Prazer de Dirigir

ActiveFlex

**BMW 120i
ACTIVEFLEX
15/15**

A PARTIR
DE **R\$ 99.950***

CONSULTE CONDIÇÕES
DE FINANCIAMENTO
PELO PLANO BMW
SIGN & GO.**

PACOTES DE MANUTENÇÃO BMW***

MAINTENANCE 1 R\$ 540,00	MAINTENANCE 2 - FLEX R\$ 1.690,00
------------------------------------	---



**BMW X3
xDrive20i
15/16**

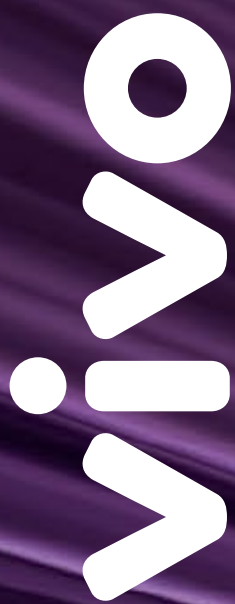
A PARTIR
DE **R\$ 194.950***

**BÔNUS
NO SEU
SEMINOVO**

CONSULTE CONDIÇÕES
DE FINANCIAMENTO
PELO PLANO BMW
SIGN & GO.**

PACOTES DE MANUTENÇÃO BMW***

MAINTENANCE 1 R\$ 540,00	MAINTENANCE 2 R\$ 1.150,00
------------------------------------	--------------------------------------

The Vivo logo is displayed vertically in white. The background of the entire advertisement features a dynamic pattern of purple and orange lines radiating from the top right corner, where a portion of a smartphone is visible.

vivo

Faça mais um plano
para o futuro do seu filho:
um plano 4G.

MEU PRIMEIRO

Telefônica

Vá até uma loja Vivo e aproveite.

Maior operadora em número de clientes 4G conforme relatório de participação de mercado da Anatel de julho/2015 pelo site teleco.com.br. A velocidade de transmissão de dados em internet móvel pode variar, entre outros motivos, por fenômenos naturais, deslocamento, distância da Estação Rádio Base e picos de tráfego. Mais informações em www.vivo.com.br/multivivo e www.vivo.com.br/controle. Consulte as condições para navegar na velocidade 4G em www.vivo.com.br/4g.

Planos a partir de
R\$ 49,99
mês

RO 4G

vivo Conectados vivemos melhor.



SUMÁRIO

EDIÇÃO 905 | 12 DE OUTUBRO DE 2015

PRIMEIRO PLANO

DA REDAÇÃO 15

PERSONAGEM DA SEMANA 17

Barack Obama conquista o pior inimigo que um político poderia imaginar: o Médicos Sem Fronteiras

A SEMANA EM NOTAS 20

A SEMANA EM FRASES 22

EXPRESSO 24

Apesar de anúncio, o governo ainda não sabe de onde vai cortar 3 mil cargos comissionados

EUGÊNIO BUCCI 26

O encanto partido de Lula

SUA OPINIÃO 28

NOSSA OPINIÃO 30

TEMPO

NOTÍCIAS DO PLANALTO 32

A agonia de Dilma ante o impeachment e o Congresso

INVESTIGAÇÃO 40

Os encontros de Lula, advogados e policiais federais para tentar abafar a Lava Jato

Esquema no Ministério da Saúde

ajudou a financiar a campanha de Fernando Pimentel em Minas Gerais 44

Prestes a dar um calote, empresa

que fornece sondas à Petrobras esbanja em benefícios 46

OBSERVADOR DA VIOLÊNCIA 48

O Brasil é um dos países com mais homicídios e não há transparência nos dados

POLÍTICA EM PERFIL 50

O candidato à prefeitura de São Paulo, João Doria Junior

ENTREVISTA 54

Henrique Capriles, governador do Estado de Miranda, na Venezuela

IDEIAS

CRÔNICAS DO POPULISMO 58

A retórica populista volta ao centro do debate político nos Estados Unidos e no Reino Unido

FRONTEIRAS DA EDUCAÇÃO 62

Uma iniciativa rastreia cidades brasileiras em que crianças têm mais oportunidades de aprender

ENTREVISTA 64

Glauco Arbix, professor da USP especializado em sociologia do desenvolvimento

HELIO GUROVITZ 67

O controverso *Vá, coloque um vigia*, de Harper Lee

FRONTEIRAS DA TECNOLOGIA 68

O Waze pode causar uma tragédia?

VIDA

FRONTEIRAS DA SAÚDE 70

Mães e gestantes, orientadas por médicos, mostram como as redes sociais podem ser usadas em programas de saúde pública

OBSERVADOR DA MODA 74

A tecnologia chega às passarelas

BRUNO ASTUTO 76

Sophie Charlotte é a nova musa brasileira da Louis Vuitton

WALCYR CARRASCO 80

A moda das caveiras

MENTE ABERTA 82

A jornalista e escritora bielorrussa Svetlana Alexievich, ganhadora do Nobel de Literatura

GUSTAVO CERBASI 83

Oportunismo ou equilíbrio?

OBSERVADOR DA RELIGIÃO 84

Como a América Latina adotou e adaptou a Virgem Maria

12 HORAS 88

RUTH DE AQUINO 90

Fidelidade se compra?



ÉPOCA

Diretor de Redação: João Gabriel de Lima epocadir@edglobo.com.br

Editor-Chefe: Diego Escosteguy

Diretor de Arte Multiplataforma: Alexandre Lucas

Editores Executivos: Alexandre Mansur, Guilherme Evelin, Leandro Loyola, Marcos Coronato

Editores-Colunistas: Bruno Astuto, Murilo Ramos

Editores: Aline Ribeiro, Bruno Ferrari, Danilo Venticinque, Flávia Yuri Oshima, Marcela Buscato, Marcelo Moura, Rodrigo Turrer

Repórteres Especiais: Cristiane Segatto, José Fucs

Colunistas: Eugênio Bucci, Guilherme Fiuza, Gustavo Cerbasi, Helio Gurovitz, Ivan Martins, Jairo Bouer, Marcio Atalla, Ruth de Aquino, Walcyr Carrasco

Repórteres: Daniel Haidar, Flávia Tavares, Grazielle Oliveira, Nathalia Bianco, Nina Finco, Ruan de Sousa Gabriel, Teresa Perosa, Thais Lazzeri, Vinicius Gorczeski

Estagiários: Ana Helena Rodrigues, André Fagundes, Ariane Teresa de Freitas, Cristina Kashima, Gabriel Lellis, Harumi Visconti, Igor Utsumi

SUCURSAIS | RIO DE JANEIRO: epocasuc_rj@edglobo.com.br

Praça Floriano, 19 – 8º andar – Centro – CEP 20031-050

Diretora: Cristina Grillo; **Repórteres:** Acyr Méra Júnior, Daniela Barbi, Marcelo Bortoloti, Nonato Viegas, Sérgio Garcia;

Repórteres Especiais: Hudson Corrêa, Raphael Gomide, Samantha Lima

Estagiária: Lívia Cunto Salles | **BRASILIA:** epocasuc_bsb@edglobo.com.br

SRTVS 701 – Centro Empresarial Assis Chateaubriand – Bloco 2 – Salas 701/716 – Asa Sul

Diretor: Luiz Alberto Weber; **Repórteres:** Alana Rizzo, Filipe Coutinho,

Ricardo Coletta, Talita Fernandes, Thiago Bronzatto

FOTOGRAFIA | Editor: André Sarmento; **Assistente:** Sidinei Lopes

DESIGN E INFOGRAFIA | Editor: Daniel Pastori; **Editora Assistente:** Aline Chica

Designers: Alyne Tanin, Daniel Graf, Renato Tanigawa;

Editor de Infografia: Marco Vergotti; **Infografista:** Luiz C.D. Salomão

SECRETARIA EDITORIAL | Coordenador: Marco Antonio Rangel

REVISÃO | Coordenadora: Araci dos Reis Galvão de França; **Revisores:** Alice Rejaili Augusto, Elizabeth Tasiro, Silvana Marli de Souza Fernandes, Verginia Helena Costa Rodrigues

ÉPOCA ONLINE | epocaonline@edglobo.com.br

Editora: Liuca Yonaha; **Editora Assistente:** Isabela Kiesel;

Repórteres: Bruno Calixto, Rafael Ciscati, Rodrigo Capelo;

Vídeo: Pedro Schimidt; **Web Designer:** Giovana Tarakdjian; **Estagiária:** Gabriela Varella

CARTAS À REDAÇÃO: epoca@edglobo.com.br;

Assistente Executiva: Jaqueline Damasceno; **Assistentes:** Nathália Machado Garcia, Victória Miwa; **Pesquisa:** CEDOC/Globopress;

INOVAÇÃO DIGITAL: **Diretor de Inovação Digital:** Alexandre Maron;

Gerente de Estratégia de Conteúdo Digital: Sílvia Balieiro;

Gerente de Tecnologia Digital: Carlos Eduardo Cruz; **Gerente de Interfaces Digitais:**

Valter Bicudo; **Designers:** Janaina Torres, Sheyla Amaral; **Esley Henrique e Marcella Maia (estagiários)** **Desenvolvedores:** Bruno Agutoli, Everton Ribeiro, Jeferson Mendonça, Leonardo Turbiani, Marcio Esposito, Tcha-Tcho, Victor Hugo Oliveira da Silva

MERCADO ANUNCIANTE: **Diretoria de negócios multiplataforma:** Emiliano Morad Hansenn, Marcia Soter; **Executivos de negócios multiplataforma:** Fabio Ferri, Cristiane Paggi, Selma Pina, Ciro Hashimoto, Ana Silvia Costa, Milton Luiz Abrantes; **Gerente de negócios multiplataforma Pequenas e médias agências e Grupo Casa, Galileu e Monet:** Sandra Melo; **Executivos de negócios multiplataforma Grupo Casa, Galileu e Monet:** Ana Silvia Costa, Marco Antônio Costa Gandares, Milton Luiz Abrantes, Cristiane Nogueira, Valquíria Blasoli Leite, Kella Ferrini; **Gerente multiplataforma Pequenas & Médias Agências e Grupo Moda:** Andreia Santamaría; **Executivos de negócios multiplataforma Moda:** Eliana Lima Fagundes, Neusi Maria Brigano, Rosa Maria Martini Barreira; **Gerente de negócios multiplataforma Marie Claire:** Graziella Daiuto; **Diretora de Negócios Digitais:** Renata Simões de Oliveira; **Executivos de negócios digitais:** Andressa Bonfim, Lilian Ramos Jardim, Bianca Ramos Piovezana; **Consultora de marcas EGCN:** Olívia Cipolla Bolonha; **Diretor de negócios multiplataforma Regional, PEGN, AE, GR e Época Negócios:** Renato Augusto Siniscalco; **Executivos de negócios multiplataforma:** Andressa Aguiar, Diego Fabiano; **Gerente multiplataforma:** Sandra Regina de Melo Pepe; **Executiva multiplataforma:** Alexandra Caridade Azevedo; **Diretor de negócios multiplataforma sucursais RJ e BSB:** Ricardo Rodrigues; **Gerente de negócios multiplataforma RJ:** Rogério Pereira Ponce de Leon; **Executivos de negócios multiplataforma RJ:** Andrea Muniz, Daniela Lopes, Maria Cristina Machado, Katia Correia, Pedro Paulo Rios, Suellen de Aguiar; **Gerente de negócios multiplataforma BSB:** Fernanda Requena; **Executivas de negócios multiplataforma:** Barbara Costa, Camila Amaral; **Diretor Estúdio Globo:** Rafael Kenski; **Gerente:** Eduardo Watanabe; **Gerente de eventos:** Daniela Valente; **Opec on-line:** Rodrigo Santana Oliveira, Danilo Panzarini, Higor Daniel Chaves, Henrique Fermino, Rodrigo Pecoschi, Thiago Previero; **Opec off-line:** José Soares, Carlos Roberto Alves de Sá, Douglas Vieira da Costa

MERCADO LEITOR: **Diretor de Marketing:** Cristiano Augusto Soares Santos;

Ger. de Vendas de Assinaturas: Reginaldo Moreira da Silva; **Ger. de Operações e Planejamento de Assinaturas:** Ednei Zampese; **Consultora de Marketing:** Cássia Christe



ÉPOCA é uma publicação semanal da EDITORA GLOBO S.A. – Avenida 9 de Julho, 5229, São Paulo (SP), Jardim Paulista – CEP 01407-907. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações GRÁFICAS: Log & Print Gráfica e Logística S.A. – Rua Joana Foreiro Storani, 676 – Distrito Industrial – Vinhedo, São Paulo, SP – CEP 13280-000.

Atendimento ao assinante

Disponível de segunda a sexta-feira, das 8 às 21 horas, e sábado, das 8 às 15 horas.

► **Internet:** www.editoraglobo.com.br/atendimento

► **São Paulo:** 11 3362-2000

► **Demais localidades:** 4003-9393*

► **Fax:** 11 3766-3755 (notificações da Justiça devem ser enviadas para 11 3767-7292)

*Custo de ligação local. Serviço não-disponível em todo o Brasil.

Para saber da disponibilidade do serviço em sua cidade, consulte sua operadora local

Para anunciar ligue: SP: 11 3767-7700/3767-7489

RJ: 21 3380-5923, e-mail: publiepoca@edglobo.com.br

Para se corresponder com a Redação: Endereçar cartas ao Diretor de Redação, Época. Caixa Postal 66260, CEP 05315-999 – São Paulo, SP. Fax: 11 3767-7003 – e-mail: epoca@edglobo.com.br

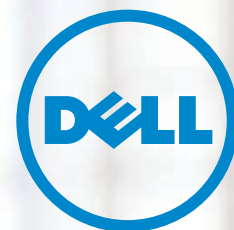
As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, endereço e telefone do remetente. Época reserva-se o direito de selecioná-las e resumí-las para publicação. Só podem ser incluídas na edição da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 12 horas da quarta-feira.

Edições anteriores: O pedido será atendido através do jornaleiro ao preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.



O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Inventário de Gases de Efeito Estufa - Ano 2012, da Editora Globo S.A., é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido; foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.

32



Menos espera. Mais trabalho.

Reduza o tempo de inatividade em 50%, aproveite uma performance 4x mais rápida e tenha uma bateria que dura 3x mais¹.

Seus funcionários querem dar o melhor de si. Atualize sua empresa com a tecnologia de alta performance da Dell e da Intel® e aumente sua produtividade.

Devolva a beleza para seu trabalho em Dell.com.br/performance




Dell Precision
M3800

 Windows 10

Windows 10 chegou! Atualize grátis - é fácil.


1 - Em uma comparação entre computadores novos e computadores de quatro anos ou mais. Empresa beneficiada pela Lei de Informática. Fotos meramente ilustrativas. Intel, o logotipo Intel, Intel Inside, Intel Core e Intel Core Inside são marcas comerciais da Intel Corporation nos EUA e/ou em outros países. Microsoft e Windows são marcas registradas da Microsoft Corporation nos EUA. *Tela inicial simulada, sujeita a mudanças. A disponibilidade de recursos e aplicativos pode variar. Os aplicativos da Loja Windows são vendidos separadamente. A oferta de atualização para o Windows 10 é válida para dispositivos qualificados com Windows 7 ou Windows 8.1 instalados (incluindo dispositivos que você já possui) por 01 (um) ano após o início da disponibilização da atualização para o Windows 10. Visite windows.com/windows10upgrade para mais detalhes. Precision é marca registrada da Dell Inc. © 2015 Dell Inc. Todos os direitos reservados.


1. Compre um computador Windows compatível com Windows 10
2. Faça upgrade grátis em windows.com/windows10upgrade quando disponível*


A black smartphone is shown vertically, with its flashlight turned on, casting a bright light. The phone is held by a person whose arm and hand are visible on the right side of the frame. The person is wearing green scrubs. The background is a solid green color.

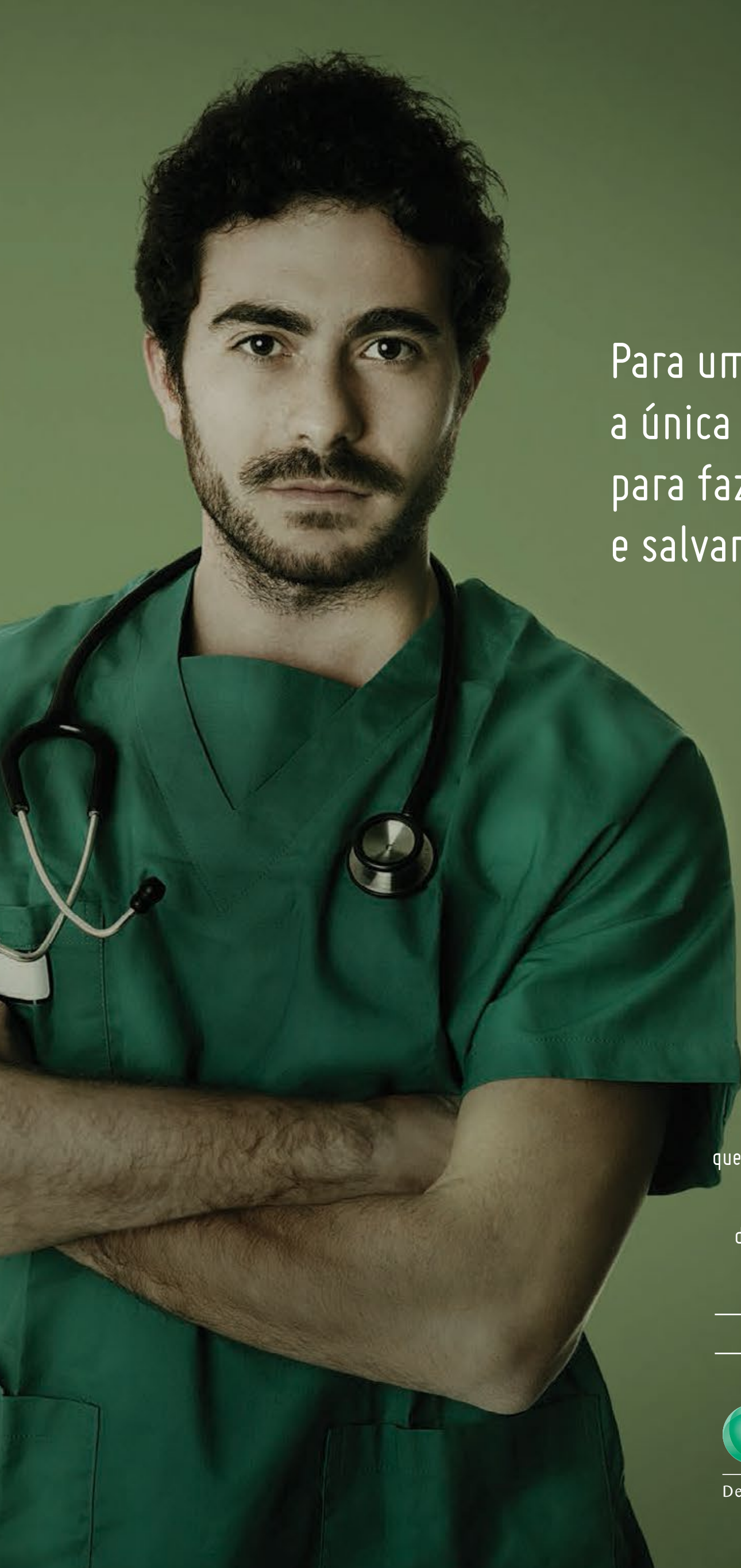
Para você,
é a lanterna
de um celular.

Conheça essa e outras histórias baseadas
em fatos reais no site portalmedico.org.br

 /conselhofederaldemedicina

 @Medicina_CFM

 /cfmedicina



Para um médico,
a única fonte de luz
para fazer uma cirurgia
e salvar uma vida.

Para salvar vidas, médicos brasileiros fazem de tudo com quase nada. Mas eles não querem ser heróis. São profissionais que exigem condições dignas de trabalho para cuidar da saúde e lutar pela vida das pessoas. Assim, eles cumprem a missão de todo o médico.

18 DE OUTUBRO. DIA DO MÉDICO.



CFM
CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA

CRM_s
CONSELHOS REGIONAIS DE MEDICINA

Defendendo princípios, aperfeiçoando práticas.



Conheça essa e mais histórias:
www.einstein60anos.com.br

*O dia em que
o Leonardo nasceu
e a Ticiane e o Marco
se casaram no Einstein.*

A Ticiane estava grávida do Leonardo quando ela e o Marco resolveram se casar. Eles só não contavam que o bebê fosse nascer exatamente no dia da festa. Foi aí que o pessoal do Einstein teve a ideia de realizar a cerimônia no próprio hospital e transmitir ao vivo para os convidados presentes no salão de festas. Teve padre, padrinhos, vestido de noiva e tudo mais. Todo mundo chorou de emoção. Principalmente o pequeno Leonardo, assim que nasceu.

*Cada dia mais histórias.
Cada dia mais Einstein.*



ALBERT EINSTEIN
SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA BRASILEIRA
Sua saúde é o centro de tudo.

COMO QUALQUER JOVEM, NÓS QUEREMOS MUDAR O MUNDO. E ESTÁ DANDO CERTO.

Este ano, o Canal Futura completa 18 anos. E, como qualquer jovem, o Futura não conseguiria chegar até aqui sozinho. Preciso da ajuda de muita gente para construir objetivos e planejar sonhos. Queremos agradecer a cada um deles por acreditarem que o espírito comunitário é mais inteligente que o individual, que a cultura e o saber definem quem somos, que ideias podem se tornar realidade com um pouco de empreendedorismo, e que ética é uma palavra que deve ser praticada. E já que a casa é nossa, fica o convite: vamos continuar a arrumá-la juntos, certo?

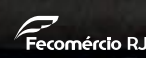
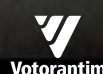
Canal Futura. 18 anos.

futura

ALIMENTO PARA OS INCONFORMADOS

PARCEIROS MANTENEDORES

www.futura.org.br [@canalfutura](https://twitter.com/canalfutura) [/canalfuturaoficial](https://facebook.com/canalfuturaoficial) [/canalfutura](https://youtube.com/canalfutura)



A legitimidade que pode nos unir

O jurista americano John Rawls, um dos mais influentes pensadores políticos do século XX, explorou como poucos os graves obstáculos para o progresso das democracias ocidentais. Um dos principais obstáculos, para Rawls, envolvia a recorrente falta de legitimidade política dos Estados modernos. A legitimidade política é uma virtude frágil, associada à integridade moral de instituições e pessoas que tomam – ou deixam de tomar – as decisões num Estado de Direito. Escreveu Rawls: “O poder político só é legítimo quando exercido em acordo com a Constituição, cujas ideias essenciais todos os cidadãos, razoável e racionalmente, podem endossar, à luz da razão humana comum”.

A legitimidade política, para Rawls, exige uma democracia feita não apenas de votos – mas também de justiça. Não somente a justiça dos tribunais, mas a justiça num sentido mais amplo, de uma sociedade em que todos os cidadãos são verdadeiramente livres e iguais perante a lei. Em que todos aceitem a autoridade dos governantes não apenas por meio de eleições, meramente terceirizando responsabilidades pelos rumos do país, mas também, e sobretudo, pelo uso da razão comum. Os governantes precisam apresentar suas decisões, com argumentos, aos governados; e os governados precisam usar igualmente a razão para cobrar as decisões certas dos governantes. É essa relação madura que cria e mantém a legitimidade de uma democracia – legitimidade que, por sua vez, constrói a autoridade política que une um país. Sem legitimidade, e a legitimidade só pode ser reconhecida pelos governados, pode até haver democracia. Mas não há Estado de Direito.

O Brasil de 2015 precisa prestar atenção às lições de Rawls. O país precisa, portanto, deixar a adolescência da democracia e se assumir como um adulto Estado Democrático de Direito. Precisa buscar a legitimidade que permitirá uma nova fase no desenvolvimento substantivo do país. Desde que a Constituição de 1988 foi promulgada, e uma nova República nasceu, o país não vive uma crise tão séria quanto a que se arrasta neste ano. É uma crise que se manifesta publicamente no declínio acelerado da economia e, com ele, do capital político da presidente Dilma Rousseff. As revelações cotidianas da relação corrupta entre líderes partidários e empresários poderosos são uma demonstração de amadurecimento institucional, mas, ao

mesmo tempo, agravam as outras duas faces da crise, a política e a econômica.

É da combinação desses três fenômenos – a crise na Esplanada, a crise econômica e a limpeza institucional da Lava Jato – que resulta a perda acentuada da legitimidade política de que a democracia brasileira tanto precisa. A erosão dessa legitimidade confunde o entendimento do passado, paralisa as ações do presente e suspende as esperanças quanto ao futuro. Já não se sabe com clareza o real significado da era petista no poder, Dilma se tornou uma presidente imobilizada, em larga medida, pela própria inépcia política e o horizonte do país nos próximos anos se divisa embotado, cinza.

Neste momento de incertezas profundas, em que o chão parece se mover para todos, resta uma certeza: a saída para o Brasil de 2015 requer o uso equilibrado da razão comum. Em outras palavras, do diálogo sincero entre governantes e governados. Apenas o diálogo pode recuperar a legitimidade política necessária para que as crises atuais sejam superadas. E o diálogo, neste momento, precisa partir da principal governante: Dilma Rousseff. No presidencialismo brasileiro, apenas ela tem poder para dar início a uma conversa honesta com o Congresso e os brasileiros. Dialogar não significa dar cargos à base aliada, mas convidá-la a participar dos debates sobre os rumos do governo – inclusive da política econômica.

Se Dilma não fizer esse gesto, continuará enfrentando um Congresso hostil. E um Congresso hostil pode até vir a preservar o mandato dela, mas ceifará o impopular ajuste fiscal proposto pelo governo. Está sobre os ombros de Dilma, portanto, o destino do Brasil. O que ela fizer, ou deixar de fazer, será decisivo para superar as crises do Brasil de 2015 e, especialmente, para estabelecer a legitimidade política do Brasil que sairá, de um jeito ou de outro, da adolescência democrática.



Diego Escosteguy
Editor-Chefe

16

BASEADA NA OBRA DE LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA.

COM DOMINGOS MONTAGNER, BIANCA COMPARATO, CHANDELLY BRAZ, NANDA COSTA
E GRANDE ELENCO. DIREÇÃO JOSÉ HENRIQUE FONSECA E VICENTE AMORIM.



NOVA SÉRIE
ROMANCE POLICIAL
ESPINOSA

ESTREIA 15/10, TODA QUINTA, 22:30.

gnt

**PRIMEIRO
PLANO**

PERSONAGEM DA SEMANA

BARACK OBAMA

Um desastre para o senhor das guerras

O ataque a um hospital
no Afeganistão coloca
contra o presidente
americano um oponente
de peso: a Médicos
Sem Fronteiras

EM GUERRA
Obama desce do
avião presidencial
na Califórnia. Ele
ganhou um Nobel
da Paz – mas já
autorizou ataques
a sete países

Cristina Grillo

Responda rápido: qual ganhador do Prêmio Nobel da Paz bombardeou o maior número de países? Acertou quem respondeu Barack Obama, vencedor de 2009 e responsável desde o início de seu governo, no mesmo ano, por ataques a sete países – Afeganistão, Iraque, Paquistão, Somália, Iêmen, Líbia e Síria. Mais do que seu belicoso antecessor, George W. Bush, que poupou os dois últimos territórios. Agora o presidente americano é acusado de crime de guerra por outro vencedor do conceituado Nobel da Paz, a ONG Médicos Sem Fronteiras, premiada em 1999. Na madrugada do sábado, dia 3, um hospital mantido pela instituição desde 2011 em Kunduz, cidade de 300 mil habitantes no norte do Afeganistão, foi bombardeado durante uma hora e sete minutos por um AC-130 da Força Aérea dos Estados Unidos. Vinte e duas pessoas morreram. Três eram crianças e 12 voluntários da Médicos Sem Fronteiras. Outras 37, feridas, foram levadas para hospitais em Puli Khumr, a duas horas de carro de Kunduz. Entre elas estão 19 voluntários da ONG. Até a tarde da sexta-feira passada ainda havia 24 voluntários e nove pacientes desaparecidos.

Hospitais em zonas de conflito são áreas protegidas, segundo a Convenção de Genebra, série de tratados internacionais firmados entre 1864 e 1949 para garantir a segurança da população civil e proteger militares feridos ou capturados durante guerras. Bombardear um hospital é, sob a convenção, um crime de guerra. Baixas civis em conflitos não são novidade e poucos responsáveis são, de fato, punidos e considerados criminosos de guerra. Os recentes ataques russos à Síria atingiram áreas civis, causaram mortes e alguns protestos – mas nada como a repercussão do ataque ao hospital de Kunduz. Obama encontrou um oponente forte, benquisto em todo o mundo por seu trabalho humanitário, capaz de causar barulho e arranhar sua imagem de “peacenik”, um defensor da paz mundial.

O ataque começou às 2h08 e prosseguiu de forma metódica e precisa. Terminou às 3h15. A cada 15 minutos, eram feitos disparos da aeronave contra o hospital. Nos intervalos, pacientes e voluntários ouviam o sobrevoo do AC-130. O entorno ficou intacto – se é que se pode usar essa palavra para uma cidade que há 14 anos é uma zona de guerra disputada por talebans e forças afegãs, apoiadas pelos americanos. “Vi seis pacientes queimando em suas camas no CTI”, disse o enfermeiro Lajos Zoltan Jecs, um dos feridos. Um escritório virou um centro cirúrgico de emergência onde médicos tentaram salvar a vida de um companheiro de profissão, sem sucesso. No momento do ataque, 180 pacientes estavam internados. Era o único hospital de grande porte funcionando em Kunduz.

Pouco depois do bombardeio, o Pentágono declarou que atingir o hospital havia sido um erro cometido no calor da batalha. Usou o comentário-padrão nesses casos: o alvo



MASSACRE
O hospital em Kunduz, após o ataque. Até a sexta-feira, havia 22 mortos, 37 feridos e 33 desaparecidos

eram “indivíduos que ameaçavam as Forças americanas e afegãs”, mas poderia haver “danos colaterais a uma instalação hospitalar”. “Um trágico acidente”, disse Obama. A resposta da Médicos Sem Fronteiras foi rápida: americanos e afegãos eram constantemente informados sobre as coordenadas geográficas do hospital – 36°43’4.91”N, 68°51’43.96”E. O último lembrete sobre onde ficavam as instalações tinha sido passado na tarde da terça-feira, dia 29, quatro dias antes do “trágico acidente”.

O cuidado até parecia excessivo. Imagens aéreas de Kunduz mostram que o hospital se destaca, por seu porte, no meio de centenas de casinhas minúsculas. Mais: durante o ataque, segundo a MSF, a organização avisou seus contatos no Afeganistão e em Washington sobre o que se passava. Mesmo assim, o bombardeio não parou. Veio a segunda explicação para o “trágico acidente”. De acordo com o comandante das tropas americanas no Afeganistão, general John Campbell, militares afegãos pediram ajuda aérea aos americanos porque estavam sob ataque. Mais uma pronta resposta da ONG: não se ouviam tiros àquela hora.

Uma placa na porta do hospital pode dar a pista para os motivos do bombardeio. “O Centro de Trauma da MSF prioriza o atendimento de feridos de guerra e outras pessoas severamente machucadas, sem distinção de etnia ou filiação política.” Talebans feridos, civis, soldados afegãos,



Obama pediu desculpas. A presidente da Médicos Sem Fronteiras diz que as recebeu – mas não que as aceitou

não importava. Ali, todos recebiam cuidados. Ao falar sobre o bombardeio, um porta-voz do Ministério do Interior afegão afirmou que havia terroristas no hospital, usando civis como escudos enquanto atiravam. “Todos foram mortos, mas também perdemos alguns médicos”, disse o porta-voz. Segundo a MSF, “ninguém de nosso grupo relatou qualquer tiroteio dentro do hospital”. A justificativa, para a ONG, é a admissão de que houve um crime de guerra.

Na quarta-feira, dia 7, Obama telefonou para a presidente da Médicos Sem Fronteiras, Joanne Liu, e pediu desculpas, um fato raro, mas não inédito. Em 2012, o próprio Obama escrevera uma carta ao então presidente do Afeganistão, Hamid Karzai, desculpando-se por militares americanos terem queimado exemplares do *Corão*. Seu antecessor, Bush, também desculpou-se, em 2004, quando vieram à tona imagens das torturas sofridas por presos iraquianos em Abu Ghraib. “Recebemos suas desculpas”, disse Liu, escolhendo cuidadosamente o verbo usado – receber, não aceitar.

Antes da ligação, a entidade anunciara ter pedido uma reação da Comissão Internacional Humanitária para a Apuração dos Fatos. O órgão foi criado em 1991, para investigar violações aos direitos internacionais humanitários estabelecidos na Convenção de Genebra. Jamais funcionou – e é pouco provável que funcione agora. Para que apure o que aconteceu, é preciso que haja um pedido formal de um dos 76 países signatários do tratado que a criou – o Brasil é um deles – e que os países sob acusação aceitem ser investigados. A chance de Estados Unidos e Afeganistão concordarem com o trabalho da comissão é nula. Mas o pedido arranha mais um pouco a imagem de Obama.

Na gestão do vencedor do Nobel da Paz de 2009, os Estados Unidos aumentaram de 30 mil para 90 mil o número de soldados no Afeganistão e a prisão de Guantánamo continuou em funcionamento apesar das promessas de que seria fechada. O uso de drones em ações no Paquistão subiu de 48 na gestão Bush para 328 sob o comando de Obama. Ele foi o primeiro presidente americano a autorizar a morte de um cidadão do país. Anwar al-Awlaki, nascido no Estado do Novo México e um dos comandantes da al-Qaeda, foi atingido por um ataque de um drone em 2011 no Iêmen.

Em seu discurso ao receber o Nobel, Obama disse: “Que ninguém se engane: o mal existe no mundo. Um movimento não violento não teria parado o Exército de Hitler. Negociações não convencerão a al-Qaeda a entregar suas armas”. Mas pedidos de desculpas tampouco convencerão o mundo a esquecer o crime cometido. Nem evitarão que Obama ganhe o pior oponente que ele poderia imaginar: a Médicos Sem Fronteiras. ♦



Cartão amarelo

O Comitê de Ética da Fifa suspendeu o presidente da entidade, **Joseph Blatter**, por 90 dias das atividades relacionadas ao futebol. O presidente da Uefa, Michel Platini, também foi penalizado. Blatter é investigado pelo Ministério Público da Suíça por suspeita de irregularidades em um contrato de direitos de transmissão na América Central. Na semana passada, patrocinadores exigiram sua renúncia imediata. Desde maio, a entidade vive os efeitos do maior escândalo de corrupção de sua história.



Agripino será investigado

O STF autorizou a abertura de inquérito para investigar o senador e presidente do DEM, **Agripino Maia**, por suspeita de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Maia é acusado de negociar propina com a empreiteira OAS na construção da Arena das Dunas, em Natal, para a Copa do Mundo.

Os suspeitos pegos

Oito policiais suspeitos de participação nas chacinas que aconteceram em Osasco, Barueri e Itapevi, na Grande São Paulo, em agosto e setembro, foram presos na quinta-feira, dia 8. As mortes de um policial e um guarda civil, no início de agosto, motivaram o assassinato das 23 pessoas – que, segundo as investigações, nada tinham a ver com o ocorrido.



O TPP triunfa

Após cinco anos de negociações, na segunda-feira, dia 5, 12 nações assinaram o maior acordo comercial regional da história, a Parceria Transpacífico (TPP, em inglês). Estados Unidos, Japão, Austrália, Canadá e Vietnã, entre outros, farão trocas comerciais sem amarras e ampliarão suas receitas. O acordo precisa ser aprovado pelos Parlamntos. Preso ao Mercosul, o Brasil, é claro, ficou fora da festa.



O OLÉ DE MESSI NO FISCO

A Justiça da Espanha pediu

22
meses

de prisão para o jogador argentino Lionel Messi e o pai dele.

Ele é acusado de uma fraude fiscal de

R\$ 18
MILHÕES



MAIS UMA VEZ No posto militar que separa a cidade de Ramallah e Jerusalém, um palestino atira coquetel molotov contra forças de segurança israelenses. Os ânimos voltaram a se acirrar na região depois de múltiplos incidentes violentos. Pelo menos oito israelenses foram feridos nos últimos dias e a repressão contra protestos na Cisjordânia se intensificou.



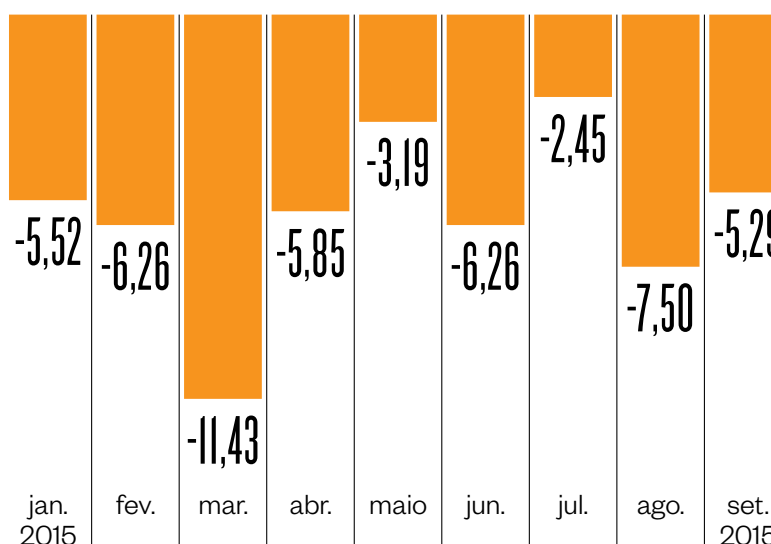
O Nobel é do Quarteto

A organização **Quarteto de Diálogo Nacional** ganhou o Prêmio Nobel da Paz, na sexta-feira, dia 9. O comitê do Nobel, na Noruega, considerou que a contribuição do Quarteto foi fundamental para a formação de uma democracia na Tunísia depois da revolução de 2011, que deu início à chamada Primavera Árabe. A escolha foi uma surpresa. O Nobel não divulga listas, mas o papa Francisco e a chanceler alemã, Angela Merkel, estavam entre os favoritos.

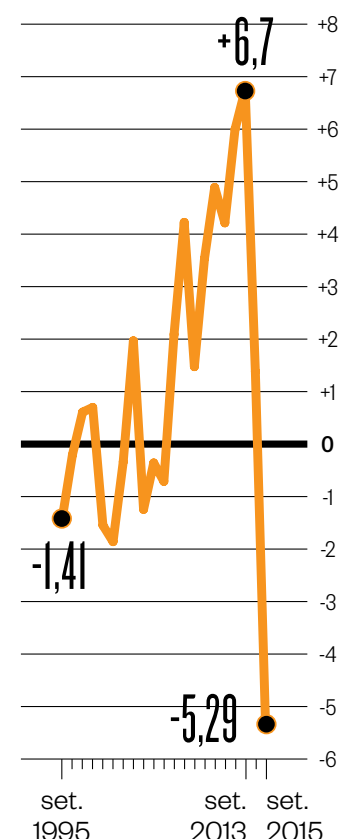
Poupança sem fundos

O Banco Central divulgou nesta semana que os saques de recursos da caderneta de poupança superaram os depósitos em R\$ 53,7 milhões entre janeiro e setembro. Trata-se da maior retirada desde o início da série histórica, em 1995. A crise econômica, o aumento do desemprego e do endividamento são apontados como os motivos para o movimento.

Mais de R\$ 50 bilhões de retirada da poupança até setembro – um recorde
Em R\$ bilhões



Resultado da poupança nos meses de setembro de cada ano
Em R\$ bilhões



Fonte: Banco Central do Brasil

NOVE FRASES

QUE RESUMEM A SEMANA



“As pessoas
ficariam
horrorizadas
se vissem
minha gaveta
de roupa
íntima”

Cate Blanchett,
atriz, que diz usar calcinhas
da época do ensino
médio, feitas pela mãe

“Eu estou vendo a luz no fim do túnel”

Dilma Rousseff, presidente da República, em entrevista a rádios da Bahia, sobre o futuro da economia brasileira

“Agora eu entendo por que Joaquim Barbosa se aposentou”

Augusto Nardes, ministro do Tribunal de Contas da União (TCU), em referência ao ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). Ele diz que espera “voltar a ter uma vida normal” depois de ter sido relator no julgamento das contas de Dilma Rousseff

“O PT cometeu erros políticos sérios. Um deles foi apostar mais no consumo do que na ética”

Renato Janine Ribeiro, ex-ministro da Educação. Ele repassou o cargo na semana passada a Aloizio Mercadante

“A Dilma tirou minha criatividade e a vontade de desfilar”

Alberto Hiar, estilista e ex-deputado estadual pelo PSDB de São Paulo. A Cavalera, marca que ele comanda, desistiu de desfilar na próxima edição da São Paulo Fashion Week – e ele diz que a culpa é da presidente

“Não sei o que faria se eu estivesse morrendo, mas não vou negar aos outros esse direito”

Jerry Brown, governador da Califórnia, Estados Unidos. Ele sancionou uma lei que autoriza o suicídio assistido no Estado

“Bem-vindo ao mundo, Isac, meu 32º herdeiro”

Mr. Catra, músico, funkeiro carioca, ao comemorar o nascimento do filho mais recente

DEDO NA CARA

“Enquanto não houver informações que comprovem o envolvimento, o PSDB vai manter sua posição de apoio ao presidente da Casa”

Carlos Sampaio (PSDB-SP), líder do partido na Câmara dos Deputados, em relação às denúncias de corrupção contra o presidente da Câmara, Eduardo Cunha

“Cunha é carne morta”

Alberto Goldman (PSDB-SP), vice-presidente nacional do partido, um dia após os comentários de Carlos Sampaio

TEMPOS DE LIDERANÇA PRÓ-SOLUÇÕES?



APG AMANA-KEY

Programa de Gestão Avançada

Um programa diferente de qualquer outro que, desde sua concepção, desenvolve líderes capazes de lidar com **desafios inéditos** (“equações impossíveis”) e formar equipes com atitudes positivas, pra frente e **pró-soluções**. Líderes que criam ambientes de alto engajamento e, por isso, capazes de gerar **inovações radicais** e dar saltos à frente, mesmo em tempos de incertezas e grandes turbulências.

Seja proativo e assegure sua inscrição já na turma especial de **19 a 23 de outubro**. Restam poucos dias e poucas vagas. Condições especiais para grupos.

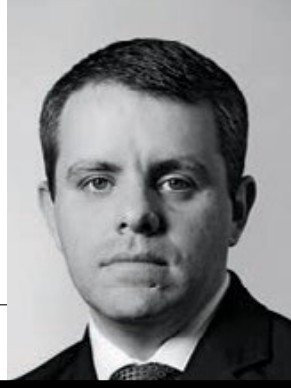
Informações e calendário completo em:
amana-key.com.br/apg



AMANA-KEY

atendimento@amana-key.com.br

Telefone: 0800 770 2328



Armação ilimitada

“Guerra de Guerrilha!”

A Polícia Federal apreendeu na sede da Odebrecht e-mails que revelam uma faceta ainda inédita de Marcelo Odebrecht: **plantador de falsas notícias**. Às 21h40 do dia 31 de janeiro de 2015, ele encaminhou e-mail a executivos da empresa propondo a criação de um “dossiê” com informações erradas sobre a empreiteira, que pudessem “destruí-la”. Ato contínuo, orienta-os a encontrar alguém que pudesse entregar o tal dossiê a ÊPOCA numa “quinta-feira de manhã (para não dar muito tempo de checar)”. Marcelo Odebrecht queria que ÊPOCA publicasse reportagem com informações do tal dossiê falso. Seu objetivo era “desmoralizar” a revista (*leia no documento 1*). Às 21h48, ele encaminha outro e-mail recomendando a produção de informações e contrainformações para proteger a empresa. Marcelo conclama seus funcionários: “Precisamos partir para uma guerra de guerrilha!”. A Odebrecht não negou os e-mails, mas diz que deles não resultou uma “ação concreta” (*leia no documento 2*). Se houve dossiê, nunca chegou a ÊPOCA.

1

From: Marcelo Bahia Odebrecht
Sent: Saturday, January 31, 2015 21:40
To: Roberto Lopes Pontes Simoes; Rogerio Luis Murat Ibrahim
Cc: Mauricio Ferro; Sergio Bourroul; Daniel Villar; Marta Pacheco; Zaccaria Junior
Subject: Contra-informação

Roberto e Rogério,



Veja se vcs conseguem produzir esta semana (até 4ª) um “dossiê” contra nós, com todas as “offshores” da OOG, inclusive com detalhes de algumas transações que possam parecer importantes. Um dossiê que parece que pode “nos destruir”, mas que na prática são todas offshores legais

Sergio/Zacca,

Vcs tem que encontrar alguém (sem ligação conhecida conosco) que possa entregar este dossiê a Epoca na 5ª

pela manhã (para não dar muito tempo de checar), dizendo que ou publicam na próxima edição ou que vai dar para outro. Pode ser alguém de outra empreiteira “dizendo que quer nos envolver no rolo todo”. E já preparem a resposta forte a ser dada de nossa parte para desmoraliza-los totalmente na semana seguinte.

2

Em 31/01/2015, às 21:48, Marcelo Bahia Odebrecht <mbahia@odebrecht.com> escreveu:

Marta, Zacca,

Vcs precisam gerar informações (que nos aliviem como a de aditivos Renest sob nós PRC) e outras contra-informacoes deste tipo.

Precisamos partir para uma guerra de guerrilha!

Supremas negativas

Investigadores da Procuradoria-Geral da República na Lava Jato estão incomodados com pedidos de diligências encaminhados ao Supremo Tribunal Federal e negados pelo ministro Teori Zavascki, relator do caso.

Quem diria

Esses procuradores custavam a acreditar que o doleiro Alberto Youssef seria tão útil para a investigação. Chama a atenção a precisão das informações passadas. Pode até demorar, mas acabam se confirmando. O FBI que o diga. Chamou o doleiro para negociar delação.

Mandou avisar

Preso no Paraná e negociando delação na Lava Jato, o ex-deputado Pedro Corrêa guarda mágoas do vice-governador do Rio de Janeiro, Francisco Dornelles. Corrêa atribui a ele sua derrocada na política e sua cassação em 2006, por causa do mensalão.

Dinheiro fácil

Poucos dias após ser detido com R\$ 113 mil pela Polícia Federal em seu avião, em outubro do ano passado, o empresário Benedito Oliveira, o Bené, amigo do governador mineiro Fernando Pimentel, fechou a compra de uma casa em Brasília por R\$ 4,9 milhões. Desse total, R\$ 2 milhões em dinheiro.

Faca cega

Apesar do anúncio da presidente Dilma Rousseff de cortar 3 mil cargos comissionados, o Ministério do Planejamento tateia e ainda não sabe quais deverá eliminar. Está estudando o assunto.

À espera

O vice-presidente Michel Temer já deixou claro. Daqui em diante, não vai mover uma palha para ajudar a presidente Dilma Rousseff. Mas também não deverá atrapalhar.

Dever de casa

O presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, não vai renunciar nem deixar de encaminhar os pedidos de impeachment que achar consistentes. O que fizer nas próximas semanas, acredita, entrará para os livros de história.

Muy amigos

As juras dos líderes da Câmara de que estão dispostos a finalmente manter, nesta semana, os vetos de Dilma não inspiraram a menor confiança no Planalto. Na semana passada, por duas vezes, eles não conseguiram reunir suas bancadas para dar esse presente a Dilma.

Muy amigos 2

A desconfiança continua mesmo após o governo ter promovido um saldão de cargos nos últimos dias, incluindo nomeações para PTB e PP.

Barbas de molho



Na porta

É o aumento do desemprego que assusta o ex-presidente **Luiz Inácio Lula da Silva**. Ele comentou com um senador petista que, se as previsões se confirmarem, a taxa chegará a dois dígitos no ano que vem e as chances de o PT lutar pelo Planalto despenham. Terá efeito nas eleições municipais também.

Quebrou o sindicato

O problema para Dilma é que, ao convidar o PMDB para a reforma ministerial, afastou os demais partidos da base aliada. O principal alvo da insatisfação deles é o líder Leonardo Picciani, considerado um fominha.

Amigão calado

O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, costuma desabafar com Carlos Ivan Simonsen Leal, presidente da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. Ivan, assim como Levy, é engenheiro.

Vida corrida

O publicitário Nizan Guanaes, de 57 anos, está pronto para correr a meia maratona (21 quilômetros) de Amsterdã, na Holanda, no domingo, dia 18. Nizan conta com uma equipe especializada de preparadores físicos e nutricionista, que o acompanham quando viaja para locais distantes do país. “Moderno é investir em saúde”, diz. Ele afirma que planeja correr uma maratona – inteira – no ano que vem.

Sai que é sua

O goleiro Rogério Ceni não diz quando vai se aposentar, mas já partiu para o ataque. Depois de relógio, o atleta lançará bustos, chaveiros e livros com sua marca. No caso dos bustos, serão 131 – o mesmo número que tem de gols na carreira. O mais barato custará R\$ 600.

Mar para peixe

Crise? Que crise? Em dois meses, a Marina da Glória, que atende o mercado luxuoso de barcos do Rio de Janeiro, viu aumentar em 43% o número de seus clientes. O período marca o início das operações dos novos hangares. Até dezembro serão abertas, ao todo, 655 vagas.

Habla e parla

O Itamaraty renovou o contrato da intérprete de espanhol e italiano **Letícia Cynthia Garcia**. Para acompanhar Dilma, no Brasil e no exterior, ela ganhará R\$ 160 mil por um ano, mais diárias. Ah, ela acumula a missão com um emprego na Autoridade Pública Olímpica (APO), em que fatura R\$ 18 mil mensais, mais auxílio-moradia para morar no Rio de Janeiro. A APO diz que vai averiguar a situação da funcionária.





EUGÊNIO BUCCI

O encanto partido de Lula

Há cinco anos, no dia 1º de janeiro de 2010, estreava nos cinemas o filme *Lula, o filho do Brasil*. Você provavelmente já nem se lembra mais. Se há um longa-metragem que não deixou saudades e logo caiu no esquecimento é esse aí. Mas, se você puxar um pouco pela memória, vai se recordar de que, à primeira vista, os espectadores diziam que ele até causava boa impressão: tecnicamente esmerado, contava com atores que demonstravam competência profissional e, ocasionalmente, talento. Alguns eram estrelas de TV, o que sempre ajuda. Enfim, ali estava uma superprodução genuinamente nacional sem defeitos graves de fabricação.

Acontece que aquele filme tecnicamente bem-feito era também um filme ruim, muito ruim. Sua única função era promover a idolatria do personagem – e o tal personagem, naquele ano eleitoral de 2010, era ninguém menos do que o presidente da República em exercício. Não apenas isso: era um presidente em campanha aberta para fazer da ministra Dilma Rousseff sua sucessora nas urnas. *Lula, o filho do Brasil* não era bem um filme como outros, mas uma peça de propaganda a serviço da marquetagem hollywoodiana da mais alta autoridade do país. Não era bem uma obra cinematográfica, mas uma extensão do horário eleitoral gratuito para dentro da tela do cinema.

Por isso era ruim: por meio do pior tipo de proselitismo que existe, o proselitismo governista, o proselitismo a favor do poder, idolatra o chefe de Estado. No enredo, Lula é quase um santo. Por pouco não faz milagres numa cena final.

Mas não colou. Feito sob encomenda para arrebatamentos e corações, para levar as multidões às lágrimas, o longa-metragem deu errado. Não que as bilheteria tenham sido um fiasco vexatório, mas o sucesso de público e de crítica, como se diz, não veio. A obra que deveria incendiar paixões nos eleitores incautos despertou reações mornas ou mesmo indiferentes. Logo caiu no ostracismo, frustrou os aprendizes de feiticeiro do Palácio do Planalto e deixou claríssimo que, àquela altura, a mística que tinha se formado em torno de Lula se esvaziava. O encanto estava partido. Com toda a justiça.

Aí você pergunta, também com toda a justiça: ora, mas se tudo era proselitismo de segunda, por que voltar a falar desse negócio justo agora? A resposta é simples: o velho filme (que envelheceu precocemente) tem muito a nos en-

sinar sobre a propaganda do lulismo e sobre as razões de seu ocaso. Tanto do ponto de vista estético como, também, do ponto de vista do financiamento, aquela aventura cinematográfica nos deixa lições preciosas.

Do ponto de vista estético, *Lula, o filho do Brasil* é uma prova documental de que os fabricantes do culto da personalidade de Lula se renderam totalmente ao formato do melodrama de TV. Pegaram carona nessa fórmula. É claro que existem produções melodramáticas brilhantes, inventivas, surpreendentes (basta ver a novela *Avenida Brasil*, de 2012), mas a cinebiografia mistificadora do então presidente era apenas um pastiche acomodado, solicitamente promocional, como os filmetes do PT que são exibidos no horário político – cuja eficiência também estava em declínio em 2010. A propaganda partidária do lulismo ainda

daria certo naquele ano e passaria raspan-do em 2014, mas já não tinha o mesmo charme. Ia ficando brega, simplesmente brega. Cercado de denúncias de corrupção, o lulismo perdia credibilidade – e não há melodrama eleitoral que resista à sangria de credibilidade. Ponto. Fim da primeira lição.

Do ponto de vista do financiamento, *Lula, o filho do Brasil* deixa uma segunda lição. Logo nos créditos de abertura, os produtores avisam em letras garrafais que não usaram dinheiro público (se usassem, convenhamos, teria sido uma afronta).

Usaram, e agradeceram, o prestimoso investimento de empresas amigas do Palácio, entre as quais grandes empreiteiras que, casualmente (ou não), eram generosas financiadoras de campanhas eleitorais. Isso mesmo: os grupos que patrocinaram o Lula fictício das telas eram os mesmos que patrocinaram o Lula real nas eleições. Como, hoje, alguns desses grupos estão enrolados na Lava Jato, o Brasil inteiro sabe que eles tinham acesso facilitado ao dinheiro público, dinheiro público saindo pelo ladrão. Para eles, não seria um problema dar um pouquinho para a sétima arte. O problema era outro: o problema era que aquele tipo de sétima arte já não compensava. E não compensa, até hoje. Fim da segunda lição.

Que *Lula, o filho do Brasil* fique no esquecimento é justo. Só não nos esqueçamos das duras lições que ele deixou. Para que não se repita. ♦

O FILME *LULA, O FILHO DO BRASIL* DEIXOU LIÇÕES. NÃO HÁ MELODRAMA ELEITOREIRO QUE RESISTA À SANGRIA DE CREDIBILIDADE

Eugênio Bucci é jornalista e professor da ECA-USP

PETRONAS SELÊNIA. O LUBRIFICANTE RECOMENDADO PELA FIAT É MAIS GARANTIA PARA O SEU CARRO.



ATOMO



PETRONAS
SELÊNIA



Com PETRONAS SELÊNIA, você aumenta a durabilidade das peças originais do motor do seu carro. Isso é mais economia de combustível. Não é à toa que PETRONAS SELÊNIA é o lubrificante sintético recomendado pela Fiat no mundo todo.


PETRONAS. PRESENTE NO MUNDO. NO BRASIL. NA SUA VIDA.




Escreva para:
epoca@edglobo.com.br

SAFARI POLÍTICO


ÉPOCA mostrou em “Uma aventura na África” (903/2015) documentos secretos do Itamaraty que revelam o lobby feito por Lula na África

 Certa vez, Lula disse que o Brasil tinha uma dívida histórica com a África. Os documentos secretos do Itamaraty, agora revelados, mostram que o ex-presidente pagou essa nossa dívida, mas cobrou um pedágio pessoal.

Abel Pires Rodrigues,
Rio de Janeiro, RJ

 Se isso gerou empregos e moveu a economia no Brasil, que mal existe? Que problema há em um presidente ou ex-presidente defender empresas, se isso gerar divisas para seu país? Não é esse o papel internacional desse cargo? Cada vez que um líder internacional visita um país, há encontros entre empresários visando negócios.

Carlos Bunde,
Pelotas, RS


 Quando, no governo Lula, foram abertos novas embaixadas e consulados em países subdesenvolvidos e aparen-

temente de pouca importância comercial, especialmente na África, achei muito estranho. Agora, com a reportagem, parece que as peças se encaixam muito bem nesse quebra-cabeça.


José Gabriel Bloise de Meira,
Itapetininga, SP

INVESTIGAÇÃO

“Abalroado pelos segredos da Suíça” (903/2015) revelou como contas bancárias secretas podem enfraquecer o presidente da Câmara, Eduardo Cunha

 Ainda tem muita gente se escondendo por baixo dos panos, mas com o rabo de fora. Logo vamos ter mais notícias. A Operação Lava Jato e a Polícia Federal estão agindo e outros, com histórias parecidas com a de Eduardo Cunha, aparecerão.

Dagoberto Azevedo,
via Facebook

 O presidente da Câmara, Eduardo Cunha, ainda tem muita munição. Não o subestime. E, se cair, levará muita gente com ele. Vamos aguardar.

Catia Calónico,
via Facebook

MAIS COMENTADAS

- 1 Documentos secretos revelam: Lula fez lobby para Odebrecht em licitação na...
- 2 Criador da “Dilma Bolada” anuncia fim de apoio a Dilma Expresso
- 3 Eduardo Cunha reúne cerca de 50 aliados em festa de... Expresso
- 4 “Não caio antes dela”, disse Eduardo Cunha a amigos Expresso
- 5 PF apreende mensagens de Ricardo Pessoa e investiga campanha de Dilma

MAIS LIDAS

- 1 Eike pechincha: mulher de Eike Batista faz sucesso... Coluna de Bruno Astuto
- 2 Criador da “Dilma Bolada” anuncia fim de apoio a Dilma Expresso
- 3 “Por ele, teria um filho a cada ano”, diz Giovanna... Coluna de Bruno Astuto
- 4 Documentos secretos revelam: Lula fez lobby para Odebrecht em licitação na...
- 5 “Não caio antes dela”, disse Eduardo Cunha a amigos Expresso

MAIS COMPARTILHADAS

- 1 “Não caio antes dela”, disse Eduardo Cunha a amigos Expresso
- 2 Criador da “Dilma Bolada” anuncia fim de apoio a Dilma Expresso
- 3 Documentos secretos revelam: Lula fez lobby para Odebrecht em licitação na...
- 4 Em jantar, senador José Serra diz que impeachment... Expresso
- 5 Por que Sergio Moro, responsável por julgar casos da Lava Jato, incomoda tanto




INSTAGRAM DO LEITOR


@lelesuzy venceu o tema “Infância”. Confira mais fotos e o tema da próxima edição no site de ÉPOCA: glo.bo/bombou

UMA LENDA APAGADA


Ronaldinho Gaúcho encerra sua breve – e decepcionante – passagem pelo Fluminense e se vê diante de um futuro incerto em “O craque na hora do ocaso” (904/2015)

 Ele tem de se aposentar. Não importa o que fez no passado: o que está fazendo hoje é apagar o prestígio conquistado.

Ezequiel Bernardo,
via Twitter

 Decadência? O cara jogou nos melhores clubes, em duas Copas do Mundo e juntou tanto dinheiro que ficou milionário. Deixa o Ronaldinho curtir a vida dele.

Alexandre Lopes,
via Facebook


 Um craque do futebol – ninguém tem dúvida quanto a isso. Mas a ida-

de chega e todo mundo tem seu momento de parar. O corpo não responde mais com a mesma velocidade. É mais difícil se recuperar das contusões que os jogos provocam. Ele já fez muito pelo futebol. Não tem mais o que provar para ninguém. É melhor parar agora.

Alencar Da Silva Terra,
via Facebook

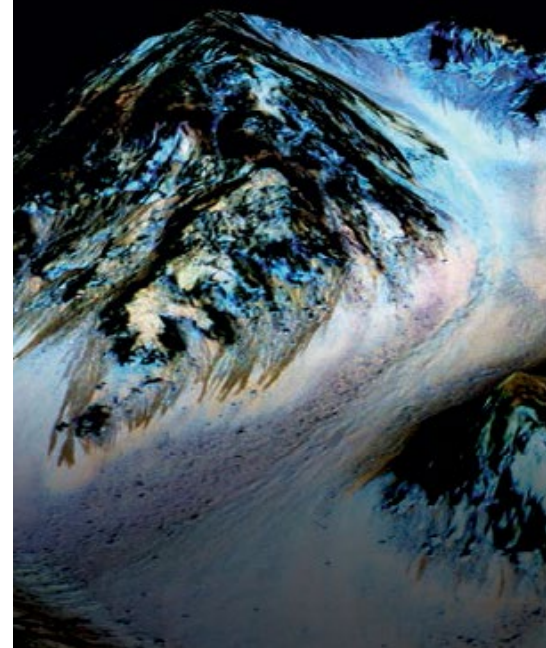
PLANETA VERMELHO

“Águas de Marte, fonte de inspiração” (904/2015)
narrou como a descoberta de água salgada em Marte aguça a imaginação de cientistas e artistas

 Com a descoberta de água em Marte, corre-se o risco de São Paulo querer canalizá-la para o Sistema Cantareira.

Carlos Fabian Seixas,
Campo dos Goytacazes, RJ

SINAIS
DE ÁGUA
Cientistas
encontraram
sal hidratado
nas encostas
marcianas



A venda será revertida para iniciativas de apoio ao cinema nacional. Fábio Porchat não cobrou cachê. O Projeta Brasil Cinemark tem grande colaboração de todos os produtores e distribuidores que cedem seus filmes para o evento.

*Exceto salas Prime.

16º
PROJETA
BRASIL
CINEMARK

Z+

Os maiores sucessos
nacionais por apenas
3 reais.

Segunda, 9 de novembro,
em todas as salas Cinemark*.

Coca-Cola

 cinemark.com.br
    cinemarkoficial

CINEMARK
É MAIS QUE CINEMA. É CINEMARK.

Para acabar com o jogo de faz de conta

É preciso transformar a rejeição das contas de Dilma pelo TCU em um avanço institucional



O julgamento do Tribunal de Contas da União (TCU) que reprovou por unanimidade, na semana passada, as contas de 2014 do governo Dilma Rousseff pode virar um marco histórico. O motivo não é o quase ineditismo desse tipo de decisão – essa é apenas a segunda vez que o TCU rejeita as contas de um presidente (a ocasião anterior fora em 1937, no julgamento das contas de Getúlio Vargas). Tampouco é a possibilidade de que a rejeição das contas desencadeie a abertura pelo Congresso Nacional de um processo de impeachment da presidente Dilma. O alcance histórico da decisão ocorrerá se ela significar, daqui por diante, uma mudança de comportamento dos governantes na forma como eles lidam com os orçamentos públicos – com o dinheiro de nossos impostos.

Até aqui, os orçamentos da União têm sido usualmente tratados, desde sua preparação pelo Executivo, como peças de ficção. A fantasia costuma crescer um pouquinho mais quando a proposta orçamentária chega ao Congresso. Por conveniências políticas, de interesse paroquial, setorial, corporativo ou de lobbies, defensáveis ou não, os parlamentares costumam inflar o Orçamento com novas despesas e receitas – essas últimas geralmente fictícias. Depois da aprovação pelo Parlamento, a realidade não costuma se impor na execução. O governo bloqueia o Orçamento e só libera recursos a prestações. No caso das emendas parlamentares, até a aprovação do chamado Orçamento impositivo neste ano, a abertura ou o fechamento da torneira

do Tesouro servia para barganhas fisiológicas explícitas. Esse jogo de ilusões se estendia à fiscalização. Apesar de o TCU ser dotado de um corpo de auditores respeitável, a apreciação das contas do governo se limitava a um procedimento burocrático. O Congresso, muitas vezes, nem se digna a votá-las. A última vez em que fez isso foi em 2002, com as contas do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Esse descaso tornou-se, com o governo Dilma, pura bagunça, a partir do uso das pedaladas fiscais. Os bancos estatais foram usados para pagar benefícios sociais ou subsídios em nome do Tesouro, maquiando as contas públicas de forma a melhorar os resultados de forma artificial. Essas manobras foram decisivas para que as agências de risco rebaixassem a nota de crédito do Brasil. A decisão do TCU, com as sanções que ela pode acarretar, deve servir como alerta definitivo de que não se pode mais continuar a tratar o dinheiro de nossos impostos com tamanha ligeireza. A Lei de Responsabilidade Fiscal deve ser efetivamente aplicada e até mesmo reforçada.

Para esse avanço se concretizar, a decisão deve servir também como um precedente para mudanças na forma de composição dos Tribunais de Contas. As vagas no Tribunais geralmente são usadas para premiar apadrinhados ou políticos em fim de carreira, que não costumam pautar suas decisões pelo rigor técnico. Com o peso que a decisão do TCU pode adquirir, esse jogo de faz de conta, nos órgãos de fiscalização, também não pode mais subsistir. ♦

OPORTUNIDADE
O plenário
do TCU na
votação das
contas de Dilma.
É preciso tratar
o orçamento
público com
mais seriedade

VOCÊ NÃO TIRA O OLHO DA SKY. E ELA NÃO TIRA O OLHO DE VOCÊ.

A SKY NUNCA PERDE O FOCO NO CONSUMIDOR.
POR ISSO TEM SEMPRE PRODUTOS E SERVIÇOS
ADEQUADOS A TODOS OS PÚBLICOS: O SKY PRÉ-PAGO,
PARA QUEM NÃO QUER TER O COMPROMISSO DE UMA
MENSALIDADE, MAS FAZ QUESTÃO DA QUALIDADE SKY,
E O SKY PÓS-PAGO, QUE TEM CONTEÚDOS EM HD
PARA QUEM NÃO ABRE MÃO DO MELHOR
DA QUALIDADE DE SOM E IMAGEM. TUDO PARA
VOCÊ FAZER SEMPRE UMA ESCOLHA INTELIGENTE.



SKY.
VOCÊ NA FRENTE,
SEMPRE.

PARA CAPITALS OU REGIÕES METROPOLITANAS, LIGUE

4004-1111

PARA OUTRAS LOCALIDADES, LIGUE (0XX) 11 4004-1111. ACESSE
WWW.SKY.COM.BR OU PROCURE NOSSA REDE CREDENCIADA NA SUA REGIÃO.

SKY
HDTV É ISSO

SKY.COM.BR



TEMPO

**NOTÍCIAS DO
PLANALTO**

DILMA SOB ATAQUE

As derrotas da semana passada ensinam que a presidente está sem poder exatamente onde não poderia: no Congresso, para onde convergem as ameaças a seu mandato

Talita Fernandes e Ricardo Della Coletta



RECORDE
A presidente
Dilma Rousseff
no Palácio
do Planalto.
Três derrotas
significativas na
mesma semana

Pim! A mensagem via WhatsApp espoucou no celular do líder do PMDB na Câmara, Leonardo Picciani, na quinta-feira, pouco antes das 11 horas da manhã. “É o Eduardo”, disse. Picciani estava abatido, dormira pouco. Na noite anterior reunira apenas um punhado de partidários em uma mesa sob um ombrelone

na área externa de um restaurante para fumar um charuto e bebericar doses de licor. Embora revestida de cordialidade, a mensagem do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, informava a Picciani que ele fora desidratado pelo próprio partido e era também uma sinalização ao Palácio do Planalto de que o centro de irradiação da crise no Congresso não fora neutralizado. Cunha avisava ao correligionário que em minutos negaria publicamente qualquer envolvimento com a ação de partidos que debandaram da liderança do PMDB no dia anterior, implodindo o maior bloco parlamentar da Casa.

Por volta das 11 horas, de fato, Cunha usou sua conta no Twitter: “Bom dia a todos. Quero desmentir que tenha participado da dissolução do bloco do PMDB. O bloco foi feito para a eleição da mesa e não tinha qualquer compromisso de se manter por toda a legislatura. DEM, PRB e SDD (*Solidariedade*) já haviam saído”, disse, em três posts sucessivos. A política algumas vezes é uma novilíngua: quando se nega, se está afirmando. Cunha fora o articulador da dissolução do bloco, que resultou no esvaziamento de Picciani, expôs a fracassada iniciativa da presidente Dilma Rousseff de formar uma nova maioria na Câmara e resultou em mais uma dura derrota para o governo na semana passada. O PMDB é uma arena para mestres, não para amadores – e Picciani havia se revelado um amador.

Na semana passada, Dilma conheceu novo fracasso na tentativa de operar nessa seara de profissionais. Sua nova base de apoio, construída ao custo de uma reforma ministerial que substituiu seus homens de confiança pelos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e que deu sete ministérios ao PMDB –



**DILMA PERDEU NO TCU
E NO TSE. E A DERROTA
NA CÂMARA MOSTROU
QUE A REFORMA
MINISTERIAL PODE
TER SIDO EM VÃO**

inclusive o da Saúde, uma das arcas de Orçamento mais cobiçadas da Esplanada –, falhou. Sua nova coalizão não conseguiu nem levar um número suficiente de parlamentares ao plenário para garantir a votação que manteria os vetos presidenciais à “pauta-bomba”, o conjunto de medidas que pode explodir o caixa da União. Foi a pior de suas derrotas – e elas foram muitas.

Dilma perdeu também no Tribunal de Contas da União (TCU), que desaprovou suas contas do ano passado, adulteradas pelas pedaladas e por trapças na contabilidade. Não foi apenas uma derrota histórica – a última vez em que o TCU rejeitara contas fora em 1937, com Getúlio Vargas. Foi uma



derrota feia, pelo fato de o governo ter recorrido ao Supremo Tribunal Federal para afastar o relator do caso e brechar o julgamento – sem sucesso. Perdera também um dia antes no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que considerou, diante das evidências, necessário investigar se em sua campanha houve abuso de poder econômico e político. Mas é do Congresso que Dilma vai precisar para escapar da análise de suas contas e dos pedidos de impeachment que a circulam. O Congresso, um terreno com o qual Dilma nunca se importou muito, está dominado por seus adversários e armadilhas que seus aliados já demonstraram ter pouca habilidade para contornar. O Congresso decidirá o futuro de Dilma.

AS CONTAS REPROVADAS

O governo foi derrotado ao investir contra o ministro Augusto Nardes (*acima*), relator das contas de Dilma no Tribunal de Contas da União (TCU). Perdeu no Supremo Tribunal Federal, ao tentar impedir o julgamento, e, depois, no TCU. Ligado ao Congresso, o Tribunal forneceu mais uma evidência da fraqueza do governo Dilma no Legislativo. As contas foram reprovadas. O Congresso tem um argumento para engrossar um dos pedidos de impeachment

O presidente da Câmara, Eduardo Cunha, está ameaçado na presidência da Câmara pela Operação Lava Jato. Na semana passada, investigadores revelaram que ele possui pelo menos US\$ 2,4 milhões guardados em contas secretas na Suíça. Em condições normais, seria um adversário menos perigoso. Na gestão Dilma, no entanto, é um problema. Dentro de sua estratégia de atacar o governo para ofuscar sua difícil situação jurídica, Cunha agiu diretamente para implodir a nova e frágil base do governo. Nem precisou de muito esforço. Dilma contava que Picciani garantiria a presença do PMDB no plenário para preservar os vetos. O cálculo se mostrou um desastre. Picciani caiu em desgraça com parte do PMDB, que o acusa de usar a posição de líder para obter ministérios apenas para sua turma. Assim, ele não conseguiu entregar ao Planalto mais do que uma bancada rachada: apenas 37 dos 66 deputados do PMDB marcaram presença na sessão da quarta-feira.

Picciani ficou mal também com os partidos aliados, pois estes não ganharam ministérios. Siglas como PP, PTB, PSD e PR passaram a bombardear o Planalto por considerar que a reforma não levou em conta seus interesses. Eduardo Cunha vinha pessoalmente articulando o desmembramento do bloco que antes tinha Picciani como líder. Na semana passada, terminou o trabalho. A implosão fez com que o PMDB passasse a ser a segunda força política da Casa; antes à frente de um bloco de quase 150 deputados, Picciani amanheceu a quinta-feira como líder de 68 parlamentares – e longe de conseguir coesão mesmo dentro desse grupo. Instigada por Eduardo Cunha, em conjunto a turma fez corpo mole para mostrar sua força. Embora o presidente do Congresso, senador Renan Calheiros (PMDB-AL), tenha convocado sessões para terça e quarta-feira, as votações não ocorreram pela falta de comparecimento de deputados da base. Cinicamente, dezenas deles circularam pelo plenário, mas não registraram presença para forçar o fim da sessão. Maior manifestação de má vontade não há. ►

O Palácio do Planalto reconhece as falhas da reforma ministerial, que foi arquitetada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e era considerada por alguns a última cartada da qual dispunha Dilma para conseguir alguma estabilidade política para seu mandato. O governo novamente tentou isolar Cunha, desta vez ao negociar diretamente com Picciani, mas se viu obrigado a recuar. “É impensável fazer qualquer movimento na Câmara sem o Eduardo Cunha”, diz o líder do governo no Senado, Delcídio Amaral (PT-MS). Eduardo Cunha construiu em volta de si um arco de alianças com setores rebeldes da base e com a oposição, muitos dos quais defendem o impeachment de Dilma. Parte dessa turma sabe que precisa dele para emplacar o impeachment; parte quer retaliar.

Na terça-feira à noite, quando o governo já havia sofrido o primeiro revés no Congresso, o ministro-chefe da Casa Civil, Jaques Wagner (PT), se reuniu com Eduardo Cunha na residência oficial da presidência da Câmara, em Brasília. Wagner ouviu de Cunha que quem tem de garantir apoio ao governo são os líderes. “Eu cumpri meu papel institucional”, disse. De pouco adiantou a conversa, como se viu no dia seguinte. Na quinta-feira de manhã, após a segunda derrota, foi o ministro da Secretaria de Comunicação Social da Presidência, Edinho Silva, quem levou a Cunha apelos por uma trégua, num ritual de submissão simbólico que incluiu se deslocar às 8 horas da manhã até a residência da presidência da Câmara. De novo em vão. “O governo tem o que para oferecer ao Eduardo?”, afirma um aliado de Cunha. E, mesmo que Cunha se enfraqueça mais, Dilma tem poucas chances de recuperar o controle do Congresso. Não adianta: nada se faz na Câmara sem o apoio de Cunha e de seus aliados, espalhados por todos os partidos.

Enquanto isso, Picciani, o líder escolhido por Dilma, não foi procurado ou visitado por Jaques Wagner nem por Edinho. Nem mesmo por seu partido. Na quarta-feira, Picciani fez uma dezena de ligações para agendar um encontro com o vice-presidente



A PEDIDO DE DILMA,
OS MINISTROS JAQUES
WAGNER E EDINHO
SILVA PEDIRAM
TRÉGUA A EDUARDO
CUNHA – EM VÃO

Michel Temer, presidente nacional do PMDB. Picciani, que deveria ter acesso fácil por sua posição hierárquica, fez chamadas diretas para o telefone de Temer, além de acionar a secretária da Vice-Presidência e seus assessores. Nada. Só depois de enfrentar um momento “Sibéria”, foi recebido. Essa foi a primeira vez em que Picciani procurou Temer desde que começaram as tratativas com o governo sobre as indicações para a reforma ministerial. Na conversa, Temer aconselhou Picciani a reforçar o diálogo com todo o partido.

Picciani percebeu, tardiamente, uma regra da política nascida no governo Dilma. Parlamentar que se aproxima de Dilma em busca de força e prestígio



colhe, ao contrário, enfraquecimento e desprestígio entre os colegas. Picciani tentou crescer no Congresso apoiado em Dilma, não em seu partido, e se deu mal. Como um Midas ao contrário, em vez de ajudar, Dilma derruba quem se aproxima. Culpa de sua baixa popularidade atual e no Congresso – esta última, um reflexo de seu temperamento avesso à política.

Com o cenário de desgoverno e com o Planalto apático, Dilma corre contra o tempo e não tem muitos recursos a usar. Não é factível fazer outra reforma ministerial, uma alternativa a governos em dificuldades, mas que perde o efeito se realizada amiúde. Dilma precisará cada vez mais do Congresso,

AS CONTAS SOB SUSPEITA

O presidente do TSE, Dias Toffoli (*à dir.*), pediu ao ministro Gilmar Mendes (*à esq.*) que desistisse de uma viagem para participar do julgamento que, na semana passada, decidiu pela investigação das contas de campanha de Dilma e seu vice, Michel Temer. O TSE vai examinar se houve abuso de poder econômico. O TSE pode concentrar as ações nas mãos de Gilmar, um ministro com postura bastante crítica em relação ao governo

não só para aprovar questões de seu interesse – como a manutenção dos vetos, que provavelmente conseguirá, a despeito da entropia de seu governo, de novas medidas do ajuste fiscal, entre elas a CPMF, que não conseguirá –, como para se manter no cargo e se livrar de um processo de impeachment. O parecer unânime dado pelo Tribunal de Contas da União (TCU) na última semana pela rejeição das contas do governo de 2014 fez com que a oposição voltasse a se mobilizar em torno de um pedido de afastamento da presidente. O resultado da análise foi outro dos vários desastres que o governo enfrentou. Desastre maior porque o TCU é um órgão técnico, mas liderado por ministros que representam, na verdade, interesses de seus padrinhos do Congresso. Esses padrinhos, como Renan Calheiros e José Sarney, determinaram a pancada do TCU. Lucram com ela. Agora, o PMDB do Senado tem o controle sobre o mandato de Dilma. O parecer do TCU tem de passar pelo Senado.

Embora já esperada, a rejeição das contas, na visão de ministros do TCU e de parlamentares, só se tornou mais forte – e afastou a possibilidade de haver algum voto favorável ao governo – pela forma truculenta e desesperada com que o governo operou. Após meses de visitas e tentativas de convencer o TCU, o advogado-geral da União, Luís Inácio Adams, deu a ideia de o governo partir para o ataque. Dilma concordou. Assim, a Advocacia-Geral da União alegou a suspeição do ministro Augusto Nardes da relatoria do caso por suposta antecipação de voto. Pediu ao TCU que o afastasse. Era uma manobra protelatória. Isso só aumentou o clima desfavorável a Dilma. Na reunião da coordenação política, o vice-presidente, Michel Temer, ironizou a estratégia diante de Dilma. “Queriam silenciar um juiz, agora todos os juizes do Brasil estão falando fora dos autos”, disse. Na véspera da análise das contas pelo TCU, o governo tentou sua última cartada: recorreu ao Supremo Tribunal Federal (STF) para adiar a sessão de julgamento. A argumentação era de descumprimento, por parte do TCU, do Código de Processo ►

Civil (CPC), já que o Tribunal pretendia prosseguir com a análise do caso antes de analisar o pedido do governo para que Nardes fosse afastado da relatoria do processo. A medida fez com que os ministros do TCU se apressassem para mudar um procedimento e, com isso, evitar que o Supremo desse uma decisão favorável a Dilma. A preocupação se deu porque, na visão de alguns ministros, os argumentos apresentados pelo advogado-geral da União ao Supremo eram “contundentes” e poderiam ser acolhidos pela Corte.

Eram 19h30 de terça-feira quando Augusto Nardes entrou afoito no gabinete do ministro Bruno Dantas, também do TCU, para avisar que a ação do governo que pedia a suspensão da análise das contas seria relatada pelo ministro Luiz Fux. “Caiu com Fux, você viu?”, disse Nardes ao ingressar no gabinete. Dantas, um representante do presidente do Senado, Renan Calheiros, havia acabado de telefonar para o ministro do Supremo, de quem é próximo. Dantas alertou Fux de que o TCU havia feito uma mudança no procedimento de análise das contas: examinaria primeiro o pedido de suspeição e, só depois, faria o julgamento. Dantas informou Fux ainda que o Tribunal de Contas enviaria informações em seguida. “Eles perderam. Nós estamos seguindo o CPC (*Código de Processo Civil*). A ação perdeu objeto (*a razão de existir*)”, disse Nardes na saída do gabinete. Do outro lado da porta, Dantas recebia telefonemas do gabinete do presidente do TCU, Aroldo Cedraz, a quem passava as coordenadas de como deveria ser redigido o ofício que explicaria a Fux a mudança de procedimento no Tribunal.

Naquele gesto, o TCU evitava uma derrota para o governo. Assim, a um fracasso circunstancial na arena política, com queda da sessão de avaliação dos vetos, o Planalto somou uma derrota no STF e no TCU. À noite, Nardes se reuniu com parlamentares e ministros. O ministro foi apresentado aos presentes como o herói da noite, disse que o Brasil precisava de uma demonstração de que as instituições funcionam e fez questão de passar em



O MINISTRO DO TCU
LIGADO A RENAN
CALHEIROS ARTICULOU
PARA EVITAR QUE O
STF ADIASSE A ANÁLISE
DAS CONTAS DE DILMA

quase todas as mesas do salão para receber cumprimentos. Entre os grupos visitados pelo relator das contas estava o de Picciani.

Reprovadas, as contas de Dilma cairão no Congresso. Servirão para, nos próximos dias, meses, adicionar combustível ao movimento pró-impeachment. A oposição pretende tomar um atalho e levar as contas de Dilma para votação no plenário, para embasar um processo de impeachment, sem passar pela Comissão Mista de Orçamento. A alternativa não agrada a Renan Calheiros. A comissão é presidida pela senadora Rose de Freitas, do PMDB, que segue as ordens de Renan. E Renan e a cúpula do PMDB no Senado prefe-



rem um caminho um pouco mais lento para o tema, que dará mais tempo, mas causará mais danos e desconforto à presidente e ao PT. “O Congresso não pode se balizar por pautas de análises de contas ou de um provável, possível ou futuro impeachment”, disse o líder do PSD na Câmara, Rogério Rosso.

Preocupa ainda o Palácio do Planalto uma possível mudança de relatoria de uma das quatro ações que existem hoje no Tribunal Superior Eleitoral e que questionam a reeleição de Dilma em 2014. O presidente da Corte eleitoral, ministro Dias Toffoli, decidirá sobre a questão de ordem levantada pela ministra Maria Thereza de Assis Moura que pede que uma das ações

O LÍDER QUE ENCOLHEU

Até a semana passada, Leonardo Picciani, do PMDB, conduzia um bloco de 150 deputados com a bênção de Eduardo Cunha. Ao se aproximar do governo Dilma, Picciani foi desautorizado por Cunha. Sua base foi implodida, e ele passou a liderar apenas 68 parlamentares. Agraciado por Dilma com dois ministérios em troca de apoio no Congresso, Picciani não conseguiu nem colocar sua tropa em plenário para votar os vetos à pauta-bomba

que estão com ela passe a ser relatada pelo ministro Gilmar Mendes, que vem adotando postura de forte crítica ao governo. Na terça-feira, quando a ação foi aberta, o ministro Gilmar Mendes desistiu de uma viagem que estava programada para a Europa para comparecer à sessão do TSE. Ele estava em São Paulo, de onde embarcaria, quando recebeu uma mensagem de Toffoli, recomendando que estivesse presente. “Achei que era importante a Corte estar completa, e eu pedi para ele ficar”, disse Toffoli. A defesa de Dilma já contabiliza os prejuízos de a ação cair nas mãos de Gilmar. Há meses o ministro é um defensor da necessidade de investigar se a campanha de Dilma abusou do poder econômico. Ou seja, se aproveitou da posição de ser governo para levar vantagem sobre os concorrentes. Nesse ponto, o TSE pode investigar se a chapa recebeu dinheiro do petrolão mascarado em doações oficiais. A suspeita de eventual uso desse dinheiro na campanha surgiu a partir da delação do presidente da UTC, Ricardo Pessoa.

Em última instância, o julgamento no TSE pode levar à cassação da chapa Dilma-Temer. É um cenário radical, que não interessa a quase ninguém. Já o julgamento no TCU demonstra um caminho e o poder das forças contrárias a Dilma, que jogam todo o poder de decisão do futuro da Presidência para dentro do Congresso. A despeito de colocar três ministros em campo durante meses – Adams, da AGU, Nelson Barbosa, do Planejamento, e Aloizio Mercadante, então na Casa Civil –, o governo não conseguiu mudar o resultado. O TCU entregou ao Congresso um argumento contra Dilma, em um ambiente onde já circula muita insatisfação, cultivada com afincos pela presidente com muito descaso em relação aos políticos durante os tempos de popularidade em alta. É um ambiente onde pedidos de impeachment repousam à espera de uma oportunidade. Dilma vai precisar de apoio no Congresso, justamente o que nunca teve, nunca fez questão de cultivar e, pelos fatos da semana passada, tem poucas possibilidades de conseguir. ♦



A Operação Sírio-Libanês

O ex-ministro Márcio Thomaz Bastos, um ex-delegado influente na Polícia Federal e Lula tiveram encontros no hospital. E lá se traçaram novas estratégias contra a Lava Jato e para proteger a Odebrecht, ação que está na mira da Polícia Federal



AMIZADE
O ex-presidente
Lula e o ex-
ministro Márcio
Thomaz Bastos.
Foi Bastos
quem socorreu
Lula durante
o mensalão

Alana Rizzo

O Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, um dos mais modernos do Brasil, é o preferido dos poderosos da República. Trata-se de um ambiente perfeito para os políticos: agentes de inteligência da Polícia Federal (PF) dizem que não podem instalar escutas ambientais ali, para não interferir nos sofisticados equipamentos médicos. Em meados de novembro do ano passado, nesse cenário asséptico, personagens-chave com envolvimento na Lava Jato discutiram os rumos da maior operação de combate à corrupção no país. Segundo fontes com conhecimento das reuniões secretas, que toparam falar a *ÉPOCA* nas últimas semanas, desde que permanecessem no anonimato, as conversas destinavam-se a encontrar uma estratégia que melasse a Lava Jato.

O ex-ministro da Justiça Márcio Thomaz Bastos ocupava uma das unidades de internação do Sírio naquela semana, desde o dia 13 de novembro. Bastos era o responsável pela defesa da Odebrecht e da Camargo Corrêa. Despachava do hospital, ignorando orientações médicas e pedidos da família. Apesar do estado de saúde debilitado, ele monitorava, desenhava as estratégias e repassava a sua equipe e a outros advogados envolvidos na operação as tarefas da defesa. Naquela semana, além das visitas dos advogados, Bastos se encontrou com o ex-delegado da Polícia Federal Jaber Makul Hanna Saadi, que também estava internado no Sírio-Libanês, e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Àquela altura, a Lava Jato estava na sétima fase, a do Juízo Final. No dia 14 de novembro, levava para a cadeia o ex-diretor de Serviços da Petrobras Renato Duque, empresários poderosos – e, também, recolhera documentos nas sedes de grandes empreiteiras do país.

O delegado aposentado Jaber chefiou por cinco anos a Superintendência da Polícia Federal no Paraná, a unidade que deflagrou a Lava Jato. Ocupou também

a Superintendência da PF em São Paulo. Jaber e Bastos eram amigos de longa data. Quando deixou a polícia, o delegado passou a colaborar com o escritório de advocacia do ex-ministro. Jaber conhece como poucos a estrutura da PF. Ficou 37 anos na carreira e manteve, mesmo depois da aposentadoria, relações muito próximas com os policiais. Coleciona uma legião de pupilos e uma rede de influência que garante informações sobre operações, relatos internos do órgão e detalhes das constantes brigas de poder.

Desde o início da operação, a defesa das empreiteiras buscava falhas na condução das investigações pela Polícia Federal – e preparava ataques por meio dessas informações. Jaber era um importante aliado para mapear e localizar possíveis colaboradores. São os chamados

“dissidentes”, mencionados por Marcelo Odebrecht, presidente do grupo empresarial, dias após esse encontro no Sírio em uma das anotações de seu celular, apreendido pela PF.

No mesmo período em que Jaber e Bastos estavam internados e se encontraram no Sírio, Lula também discutiu

com seu ex-ministro o andamento da Lava Jato. Lula esteve no hospital duas vezes naqueles dias: em 15 de novembro, para fazer um checkup, e em 18 do mesmo mês, para visitar Bastos. Lula e Bastos tinham uma longa relação. Bastos fora advogado de Lula e seu ministro da Justiça. Fora Bastos, ainda como titular da Justiça, quem havia socorrido Lula em 2005, construindo a narrativa de que o mensalão fora um mero desvio de caixa dois para campanhas. Bastos morreu dois dias depois do encontro com Lula. Mas deixou instruções precisas para sua equipe.

Lula e Bastos estavam preocupados com os rumos da operação. Embora a Odebrecht ainda não tivesse sido alvo da operação, era sabido que era apenas uma questão de tempo. Ali do quarto do Sírio-Libanês estavam sendo traçadas as estratégias de defesa da ►

LULA ESTEVE NO SÍRIO DUAS VEZES E FOI POSTO A PAR DA ESTRATÉGIA DE DEFESA DE BASTOS PARA A ODEBRECHT

empreiteira. E Lula foi colocado a par delas, segundo as fontes.

Não se sabem maiores detalhes das conversas nos encontros narrados. Mas as reuniões foram confirmadas pelo advogado José Diogo Bastos, sobrinho de Márcio Thomaz Bastos, e pelo advogado Augusto Botelho. “Estava com o Márcio na visita do ex-presidente Lula e foram conversas apenas de amenidades. Com relação ao Jaber, eles eram amigos há muito tempo e ele também estava internado,” afirmou José Diogo. O ex-delegado Jaber confirma que esteve internado e que, nesse período, se encontrava com Bastos no Sírio-Libanês. Diz ainda que, apesar de trabalhar com Bastos por muitos anos, não tratava com ele assuntos da PF. Por contato telefônico, o Instituto Lula afirma que o ex-presidente esteve com Márcio Thomaz Bastos “no dia 18 e, muito provavelmente, no dia 15 também”. O Instituto não esclareceu o teor das conversas. Em nota, a Odebrecht afirma que “desconhece o teor das investigações” e que “reforça a sua confiança no trabalho ético e qualificado dos seus assessores legais”.

OS DISSIDENTES

Em junho deste ano, a Lava Jato chegou a sua 14ª fase. Nela, foram presos os executivos de algumas das maiores empreiteiras do país, inclusive Marcelo Odebrecht. Seus computadores e celulares foram apreendidos. Analisando esse material, a PF descobriu que Marcelo Odebrecht fazia anotações detalhadas de seus compromissos e das ideias que tinha para proteger sua empresa das investigações. Em uma delas, Marcelo Odebrecht diz: “Trabalhar para parar/anular (dissidentes PF...)”. O juiz Sergio Moro considerou o trecho perturbador. A anotação foi feita no mesmo intervalo de tempo dos encontros no Sírio-Libanês entre Bastos, Lula e Jaber.

Os encontros do Sírio-Libanês são peças de um quebra-cabeça que ainda está sendo montado pela PF. Um inquérito da Corregedoria da Polícia Federal, que tramita sob sigilo de Justiça na 14ª Vara Federal de Curitiba, apura a suspeita de que policiais federais venderam dossiês a um grupo de advogados. Entre eles, como revelou reportagem da *Folha de S. Paulo*, Augusto Arruda Botelho, do

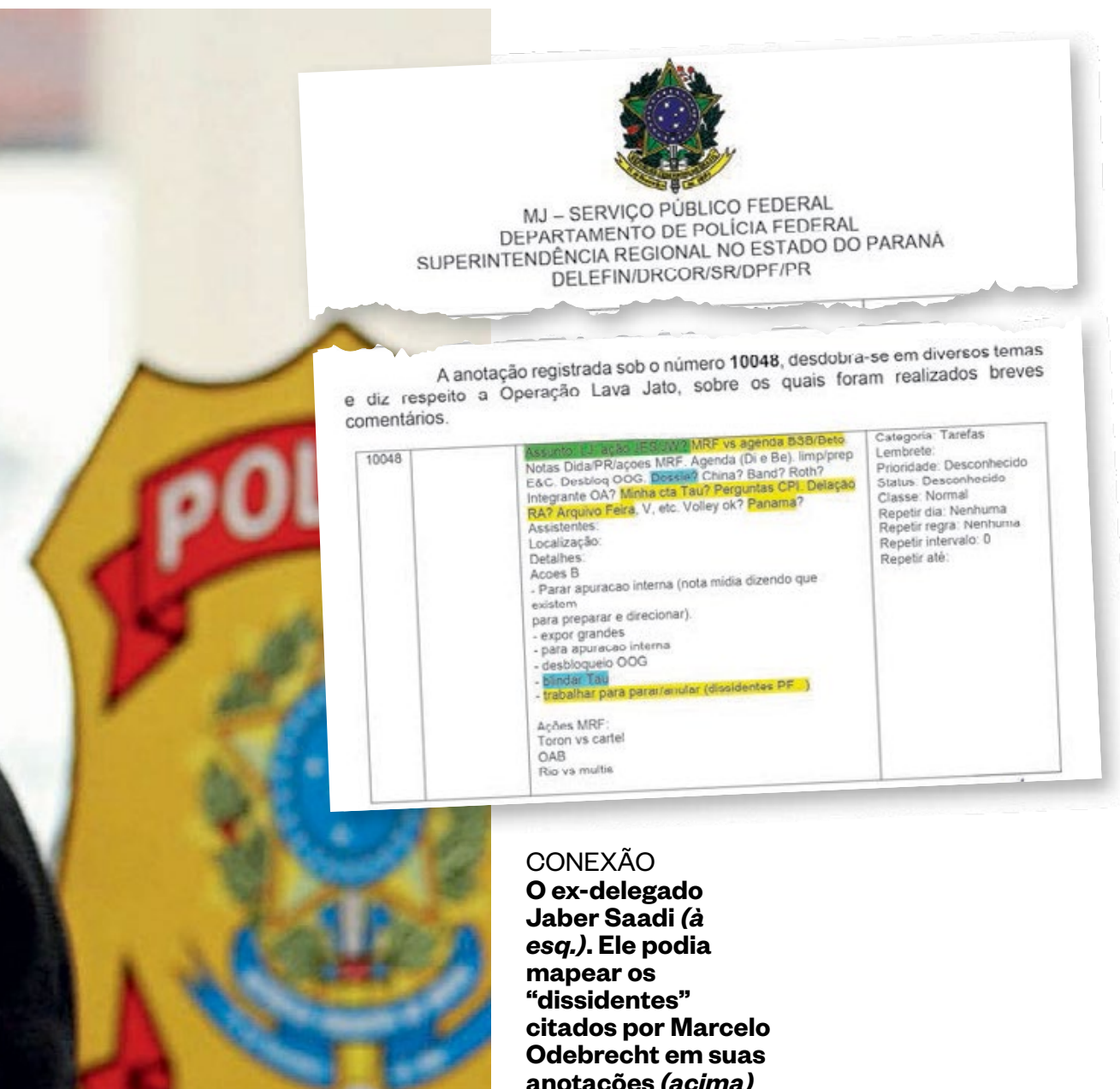


O ADVOGADO
AUGUSTO BOTELHO
SE ENCONTROU COM
POLICIAIS FEDERAIS
A MANDO DE MÁRCIO
THOMAZ BASTOS

escritório Cavalcanti e Arruda Botelho Advogados. O advogado e sua sócia, Dora Cavalcanti, trabalharam com Bastos durante anos.

Poucos dias depois dos encontros no Sírio, em dezembro do ano passado, um automóvel Honda percorreu os 404 quilômetros entre Curitiba e a capital paulista. Era o carro do delegado da Polícia Federal Paulo Renato Herrera. Ele não estava em missão, tampouco informou seus superiores sobre a viagem a São Paulo. Herrera entrou na polícia em 2002 como agente. Nunca teve uma atuação muito expressiva e, depois de se envolver em um tiroteio, passou por períodos de síndrome do pânico. Acabou escanteado na corporação. Foi em Foz do Iguaçu que conheceu e se aproximou do ex-agente da PF Rodrigo Gnazzo, que mantém uma relação de confiança com Jaber.

Na Lava Jato, Gnazzo e Herrera se uniram, de acordo com as fontes, com um



CONEXÃO
O ex-delegado
Jaber Saadi (à
esq.). Ele podia
mapear os
“dissidentes”
citados por Marcelo
Odebrecht em suas
anotações (acima)

único propósito: fornecer informações para um dossiê com supostas ilegalidades, de modo a invalidar a operação. Ou seja, melar a Lava Jato. Em segundo lugar, queriam obter dados privilegiados da operação, como datas e locais de batidas da PF. Gnazzo trabalhou na área de inteligência e de entorpecentes na Superintendência do Paraná, por muito tempo feudo de Jaber, parceiro de Bastos e um dos pacientes do Sírio naquela semana de novembro. Gnazzo estava insatisfeito com o trabalho na polícia, segundo colegas. Pediu licença do órgão para trabalhar em uma gráfica em Curitiba. De lá, foi para a Secretaria de Segurança Pública do Paraná, durante a passagem do deputado federal Fernando Francischini pela Pasta. Pouco tempo depois pediu exoneração da PF. Ele também é investigado pelo sumiço de dinheiro durante uma apreensão.

Em informações trocadas com superiores, Gnazzo e Herrera confirmam ter

se encontrado com advogados da Lava Jato e citam, inclusive, viagens a São Paulo. Os dois, no entanto, dizem ter desistido de dar prosseguimento ao “serviço”, que havia começado meses antes, a partir de uma ordem do advogado Márcio Thomaz Bastos. O ex-ministro pediu a Botelho que encontrasse os policiais. De acordo com o relatado a Botelho, eles tinham informações sobre ilegalidades da Lava Jato. Um dos encontros aconteceu num escritório de advocacia de Curitiba. Contou com a presença do advogado Marden Maues, que defendia a doleira Nelma Kodama. Nelma foi uma das primeiras pessoas a detalhar o assédio de policiais aos advogados e vice-versa.

Dias depois, Maues buscou Botelho no aeroporto de Curitiba. Eles foram a um novo encontro com os policiais, que prometiam apresentar documentos que comprovassem as ditas ilegalidades. A reunião transcorreu num motel da capital

paranaense. Na reunião, Gnazzo e Herrera apresentaram papéis com informações sobre ilegalidades da operação: detalhes sobre escutas, interceptações telefônicas e desvio de conduta de colegas. Todos os dados foram repassados, segundo os envolvidos, sem nenhum pagamento. “Reuni-me, a pedido de Márcio Thomaz Bastos e no estrito exercício da minha atuação profissional, com policiais federais. Fato esse, inclusive, já informado por petição à 14ª Vara Federal de Curitiba”, afirma Botelho. Ele nega a compra de “qualquer dossiê, informações sigilosas ou privilegiadas no curso da Operação Lava Jato”. Botelho relata que leu as informações, que se tratava de “brigas internas”, considerou-as irrelevantes e não voltou a encontrar os policiais. Manteve contato apenas com Maues, que tem um escritório a poucas quadras do escritório de Botelho. No entanto, outro encontro do grupo foi realizado em um posto de gasolina também na capital paranaense antes da viagem a São Paulo. Maues confirma os encontros com Gnazzo e Herrera: “Nada de ilegal ou irregular foi objeto desses encontros”.

Botelho deve ser intimado a depor nos próximos dias. A preocupação da Odebrecht é que a investigação do dossiê atinja a empresa. O escritório de Nabor Bulhões, que assumiu recentemente a defesa de Marcelo, vem escanteando Botelho e sua sócia Dora Cavalcanti da defesa da empresa. O caso é monitorado pela cúpula da empresa e tratado com sigilo. Marcelo Odebrecht está preso desde 19 de junho e seu pai, Emilio Odebrecht, passou a temer o impacto negativo das apurações na prisão do filho, que sejam tratadas como tentativa de obstrução da Justiça. Marcelo é investigado por ter passado um bilhete com as anotações de “destruir emails sondas” a seus advogados. O executivo teve seu segundo *habeas corpus* negado na semana passada. Emilio participou de duas reuniões com o ex-ministro Márcio Thomaz Bastos para articular a estratégia conjunta das empreiteiras para abafar o caso. Alguns desses encontros estão detalhados em material apreendido pela PF e estão sendo analisados com cautela pelos investigadores. ◆

Com Thiago Bronzatto

Propina com carimbo

A Polícia Federal suspeita que um esquema de tráfico de influência e desvio de dinheiro no Ministério da Saúde abasteceu a campanha de Fernando Pimentel em 2014

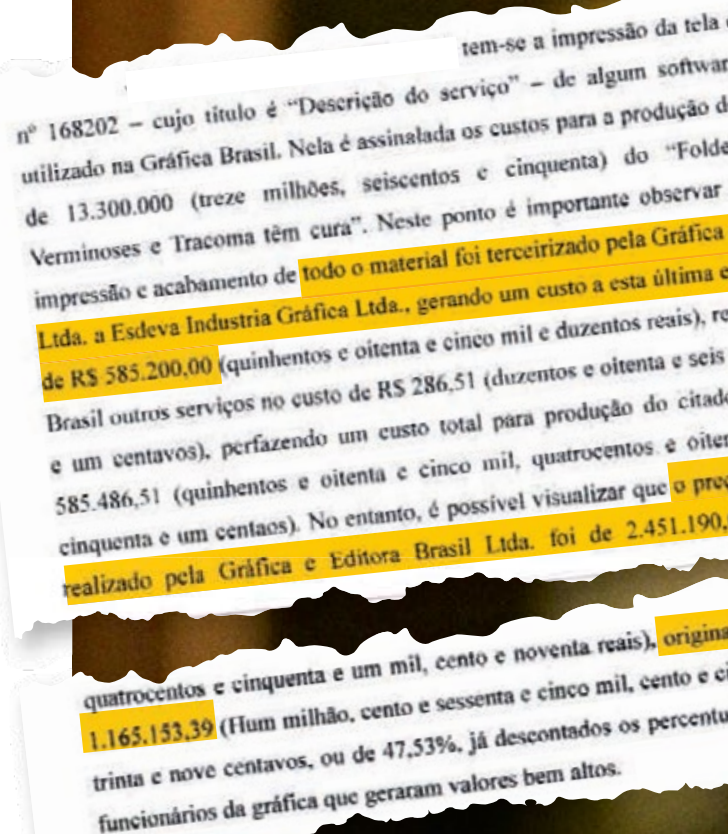
Thiago Bronzatto

As 23h20 do dia 25 de fevereiro de 2014, o empresário Benedito Rodrigues de Oliveira, o Bené, enviou uma mensagem de seu celular: “Me passa o seu nome completo e o cargo que era do Damasceno”. Três minutos depois, ele recebeu a resposta: “Subsecretário de Assuntos Administrativos...Gilnara Pinto Pereira”. Dois dias depois, às 12h15, a servidora pública Gilnara entrou em contato com Bené: “Alguma novidade? Quando podemos nos encontrar?”. Às 20h30, Bené retornou: “Foi passado o seu nome para ele... Indicação para a SSA”, disse, referindo-se à indicação de Gilnara à Subsecretaria de Assuntos Administrativos do Ministério da Saúde. “Mas ele aceitou?”, perguntou Gilnara, provavelmente apontando para o então ministro da Saúde, Arthur Chioro. “Acho difícil ele negar a indicação... Difícil ele negar para a pessoa que pediu...”, escreveu Bené. “Foi aquele amigo meu que saiu do outro ministério para ser candidato”, continuou. “FP?”, perguntou Gilnara, matando logo de cara

de que se tratava de Fernando Pimentel, ex-ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior que deixara o ministério para se candidatar ao governo de Minas Gerais. “Isso”, confirmou o empresário.

Obtidos por ÉPOCA, os diálogos acima fazem parte de materiais analisados pela Polícia Federal na Operação Acrônimo, que apura suspeitas de crimes de corrupção e lavagem de dinheiro que envolvem o governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel, e Bené. Segundo os investigadores, as mensagens de texto extraídas de celulares “demonstram que Bené, com auxílio de Fernando Pimentel, também possui ingerência no Ministério da Saúde acerca de alocação de pessoas que possam auxiliá-los no atendimento de seus interesses”. Isso ficou mais evidente no dia 8 de agosto de 2014. Nessa data, o ministro Arthur Chioro acatou a indicação de Pimentel e nomeou Gilnara Pinto Pereira coordenadora-geral de material e patrimônio para a Subsecretaria de Assuntos Administrativos. Com um salário de R\$ 17 mil, Gilnara era responsável pelas assinaturas em pregões realizados pelo Ministério da Saúde. A partir de suas canetadas eram decididas quais empresas seriam contratadas pelo ministério. Essa área acabou servindo tanto para financiar a campanha de Pimentel para o governo de Minas Gerais em 2014 como para abastecer o bolso de seu amigo Bené, que bancava as despesas do petista e sua mulher, Carolina Oliveira, segundo a PF.

A empresa Gráfica e Editora Brasil, administrada pelos irmãos e pai de Bené,



tem-se a impressão da tela
nº 168202 – cujo título é “Descrição do serviço” – de algum software
utilizado na Gráfica Brasil. Nela é assinalada os custos para a produção d
de 13.300.000 (treze milhões, seiscentos e cinquenta) do “Folde
Vermínoses e Tracoma têm cura”. Neste ponto é importante observar
impressão e acabamento de todo o material foi terceirizado pela Gráfica
Ltda. a Esdeva Indústria Gráfica Ltda., gerando um custo a esta última e
de R\$ 585.200,00 (quinhentos e oitenta e cinco mil e duzentos reais), re
Brasil outros serviços no custo de R\$ 286,51 (duzentos e oitenta e seis
e um centavos), perfazendo um custo total para produção do citad
585.486,51 (quinhentos e oitenta e cinco mil, quatrocentos e oit
cinquenta e um centavos). No entanto, é possível visualizar que o pre
realizado pela Gráfica e Editora Brasil Ltda. foi de 2.451.190,
quatrocentos e cinquenta e um mil, cento e noventa reais), origina
1.165.153,39 (Um milhão, cento e sessenta e cinco mil, cento e c
trinta e nove centavos, ou de 47,53%, já descontados os percentu
funcionários da gráfica que geraram valores bem altos.

embolsou R\$ 58,1 milhões em contratos com o Ministério da Saúde entre 2013 e 2015. Alguns deles apresentam indícios de superfaturamento. É o caso da produção de 13 milhões e 650 mil unidades de folders para a campanha “Hanseníase, verminoses e tracoma têm cura”. Tratava-se de um serviço orçado em R\$ 2,4 milhões, cuja contratação foi cancelada por Gilnara. Segundo a PF, a Gráfica e Editora Brasil terceirizou a impressão e o acabamento do material para a Esdeva Indústria Gráfica a um custo de R\$ 585.486,51. Ou seja, a gráfica da família de Bené teve, num único serviço, um lucro extraordinário de 47,53%, R\$ 1,1 milhão. Em outra ocasião, a Gráfica e Editora Brasil foi contratada pelo Ministério da Saúde para fabricar 13.650 unidades de “carteira de medicação”. Para realizar o serviço, mais uma vez subcontratou a Esdeva por R\$ 191 mil – cerca de 10% do valor total repassado pelo ministério. “O órgão público pare-



**UMA MÃO
MOLHA A OUTRA**
**No detalhe, trecho do
relatório da PF que
mostra superfaturamento
na contratação pelo
Ministério da Saúde
da Gráfica Brasil,
pertencente
a Bené (no alto). Parceira
no contrato, a gráfica
Esdeva doou R\$ 1 milhão
para a campanha
de Pimentel (ao lado)**

ce ter gastado bem acima do que seria necessário”, conclui a PF.

A escolha da Esdeva como parceira preferencial da empresa da família de Bené não parece ter sido casual. A gráfica doou R\$ 1 milhão para a campanha de Pimentel em 2014. O dono da Esdeva é André Freitas Neves, sócio também da Solar Empreendimentos, grupo de comunicação responsável pelo jornal *Tribuna de Minas* e pelas rádios Solar e CBN, em Minas Gerais. Neves e Bené tinham uma relação muito próxima. No dia 27 de fevereiro de 2013, Bené mandou uma mensagem para Neves, pedindo “atenção especial” para a cobertura jornalística da participação de Pimentel num evento da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) em Juiz de Fora. No dia 1º de março, o site *Tribuna de Minas* publicou a notícia “Palestra de ministro atrai 200 empresários”.

A PF suspeita que o esquema da dupla Pimentel e Bené atuou em outros órgãos

públicos, como os ministérios da Cultura e do Desenvolvimento. Na semana passada, *epoca.com.br* revelou com exclusividade que Bené usou sua amizade com Pimentel para ajudar a montadora Caoa a comprar em 2014 uma Portaria do programa de incentivos fiscais Inovar-Auto. Notas fiscais, extratos bancários e mensagens de texto de celular mostram indícios de que o grupo automotivo pagou R\$ 2,2 milhões em propinas para empresas de fachada de Bené com o intuito de obter vantagens tributárias.

Gilnara Pinto Pereira disse não saber se foi ela que escreveu as mensagens. “Conheci o Benedito quando ele era office boy e ia pegar edital e carta convite lá na Funasa, onde trabalhei. Assinei vários contratos com ele. Mas nunca houve qualquer interferência dele.” O advogado Antônio Carlos de Almeida Castro, o Kakay, que defende Fernando Pimentel, afirma que “entrou com uma petição em que pede a paralisação do

uso desses documentos obtidos pela Polícia Federal sem fundamentação legal”. O advogado José Luis de Oliveira Lima, que tem Bené como cliente, disse: “Em respeito ao Judiciário, os esclarecimentos serão prestados perante a autoridade competente”. Arthur Chioro disse que “Fernando Pimentel nunca indicou qualquer pessoa” e alegou desconhecer problemas na contratação da Gráfica e Editora Brasil. O empresário André Neves, da Esdeva, disse que a doação para a campanha de Pimentel foi legal e não está ligada aos contratos com Bené, com quem tem apenas relações profissionais. A Caoa disse que foi apenas uma das “23 empresas do setor automotivo” beneficiadas pelo Inovar-Auto e que seu processo seguiu os procedimentos legais. Apesar disso, a Caoa não negou os fatos relatados pela PF, os benefícios obtidos com a Portaria suspeita e o pagamento de R\$ 2,2 milhões às empresas de fachada de Bené. ◆

Quebrada, mas muito generosa

Prestes a dar um calote bilionário, a Sete Brasil gasta US\$ 50 milhões em benefícios como academia e escola para seus fornecedores

Samantha Lima

Os funcionários mais graduados da empresa norueguesa Odfjell Drilling, no Rio de Janeiro, compartilham com milhares de pessoas as preocupações com a derrocada da indústria de petróleo no Brasil. Mas o pessoal da Odfjell pode relaxar a tensão da incerteza exercitando-se em uma sofisticada rede de academias, que cobra mensalidades de R\$ 500. Os filhos dos funcionários estrangeiros da Odfjell estudam em escolas cujas mensalidades chegam a R\$ 4 mil, mais uma taxa de matrícula de R\$ 14 mil. O custo não sai de seus bolsos, nem do caixa da Odfjell. Quem paga a conta é a Sete Brasil, a empresa criada para fornecer à Petrobras sondas capazes de chegar ao petróleo alojado na camada pré-sal, mas que vive nas profundezas da falência.

Os benefícios à Odfjell estão garantidos por uma cláusula inserida em um contrato de 2012, no qual a norueguesa se comprometia a gerenciar a construção das sondas. Assim, só no ano passado, a Sete Brasil gastou US\$ 8,3 milhões em reembolsos de gastos desse tipo da Odfjell, inclusive R\$ 525 mil pela reforma de uma sala da sede da empresa, em Botafogo, Zona Sul do Rio. A Sete Brasil é generosa – paga a mais e não exige detalhes. Em dois anos, reembolsou US\$ 12 milhões em gastos feitos pela Ode-

brecht Óleo e Gás. A Odebrecht nem detalhou 75% das despesas – alegou direito a sigilo. Outras duas fornecedoras – a Atlas, que tem a empreiteira OAS como uma das sócias, e a norueguesa Seadrill – tiveram o mesmo privilégio. O operador ainda recebe 15% acima do valor da fatura apresentada.

Ninguém prestava atenção em contratos assim, pixulecos em uma indústria que movimentava cifras de dezenas de bilhões de dólares, até que começou a faltar dinheiro. A Sete Brasil corre o risco de quebrar e causar perdas de R\$ 9 bilhões a seus sócios e de R\$ 16 bilhões a seus credores. No mês passado, a Sete Brasil demitiu 25 de seus 110 funcionários. Na penúria, uma auditoria nos gastos descobriu que a alquebrada desembolsou cerca de US\$ 50 milhões, desde 2013, a título de despesa de pessoal de suas fornecedoras, empresas encarregadas de operar sondas que ainda nem saíram do estaleiro. Procurada, a Odfjell confirmou os reembolsos e alegou que eram previstos em contratos. Odebrecht, OAS e Seadrill não responderam aos pedidos de esclarecimento. Em nota, a Sete Brasil afirmou que o contrato “com os operadores foi formulado e aprovado pela administração anterior” e que “o plano de reestruturação da Sete Brasil não prevê esse tipo de contrato no modelo de negócios da companhia”.



QUEBRADA
Navio-sonda
da Sete Brasil.
A corrupção
na empresa
começou antes
da produção



Criada em 2011, a Sete Brasil é um produto do tipo particular de capitalismo praticado no Brasil. Na empolgação da descoberta do pré-sal, o governo Lula decidiu que, em vez de comprar no mercado internacional, criaria uma empresa brasileira para fornecer sondas à Petrobras. Foi formada uma sociedade entre a estatal Petrobras, fundos de pensão de estatais, como Previ, Petros e Funcef, e bancos – BTG, Bradesco e Santander. O plano era construir 29 sondas. Mas a Sete Brasil já nasceu com o sistema do petrolão instalado. A corrupção começou antes mesmo da produção. O presidente João Carlos Ferraz e os diretores Pedro Barusco e Eduardo Musa foram indicados aos cargos pela Petrobras. Nos últimos 11 meses, o trio se converteu em delatores da Lava Jato. Barusco, ligado ao

diretor preso Renato Duque, disse que recolhia propina de 1% nos contratos firmados pela Sete Brasil com estaleiros contratados para construir as sondas. A denúncia fez o BNDES recuar de um financiamento de US\$ 10 bilhões, desencadeando a crise que levou a companhia a dar calote em bancos e estaleiros.

A esperança da Sete Brasil é arrancar da também combalida Petrobras um contrato de fornecimento de sondas para evitar que os credores peçam sua falência. Por várias vezes os credores aceitaram prorrogar prazos de pagamento, para evitar o prejuízo. O próximo prazo dado pelos bancos se esgota em 19 de outubro. Porém, dentro da Petrobras, há má vontade contra a Sete Brasil. Com a queda no preço do barril de petróleo, o valor inicialmente previsto para alu-

guel das sondas, de US\$ 400 mil diários, está acima do mercado internacional. O risco de colocar a assinatura em um projeto investigado pela Lava Jato leva os técnicos da estatal a se apegar a filigranas que fazem as minutas do contrato ir e voltar quase indefinidamente. A última tentativa, no mês passado, em uma reunião com mais de 50 pessoas e a presença do presidente da Petrobras, Aldemir Bendine, acabou derrubada. Os sócios querem que a Sete Brasil opere 14 sondas com parceiros e que os contratos sejam estendidos de 15 para 20 anos. A Petrobras quer a Sete Brasil operando apenas cinco sondas, ao lado de outros dois operadores, e por 15 anos. Sem acordo, acaba o sonho da grande Sete Brasil – e mimos como musculação e escola de graça para parceiros. ♦



A sombra sobre os mortos

O número de homicídios no Brasil, especialmente os cometidos por policiais, não para de crescer. Enquanto os governos não forem mais transparentes com os dados da violência, será difícil combatê-la

Flávia Tavares

Cinquenta e oito mil, quinhentos e cinquenta e nove brasileiros foram assassinados no país em 2014. Sete pessoas por hora. A polícia matou oito pessoas por dia. Números aterrores como esses, contidos no 9º *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, divulgado na quinta-feira, não chegaram às manchetes. Foram ofuscados pela turbulência política. Mas, acima de tudo, pelo fato de estarmos, como nação, adormecidos para a gravidade do que eles representam. Por não compreendermos o que esses números traduzem. Todos os anos são publicados levantamentos independentes sobre quanto se mata no Brasil. O anuário, por exemplo, é feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança

Pública, o FBSP, uma organização não governamental.

Quem tenta, como eles, compilar quantos são nossos mortos tem de montar um quebra-cabeça de informações que vêm de diferentes fontes oficiais, principalmente do Sistema Único de Saúde e das secretarias de Segurança Pública dos Estados. É um esforço tremendo. “O Brasil não carece de dados. As polícias têm esses números. O que nós não temos são informações. A sociedade não tem clareza sobre o significado desses números”, diz Renato Sérgio de Lima, vice-presidente do Conselho de Administração do FBSP. “Essas informações têm impacto nas políticas de segurança. E, pela Constituição, são públicas. Mu-



DESCONHECIMENTO
A polícia de São
Paulo, a que mais
mata no país.
Sem informação,
há quem diga que
ela mata pouco

58.559

pessoas foram
assassinadas
no Brasil em 2014

3.022

pessoas foram
mortas por policiais

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública

dar essa cultura é o que ainda está em aberto no Brasil.”

A informação é tão fundamental porque pode redefinir como se trata a segurança pública no país. Uma pesquisa do Datafolha, encomendada pelo próprio FBSP e divulgada junto com o anuário, mostra que 50% dos brasileiros acreditam que “bandido bom é bandido morto”. Mas o levantamento mostra que as mortes causadas por policiais são quase 47% superiores às causadas por latrocínios. “Há uma enorme disputa em curso sobre o que significa fazer segurança e qual o papel das polícias. A informação tem um papel estratégico nisso. Um exemplo: o deputado Jair Bolsonaro falou que a polícia devia matar mais. E os números mostram que as mortes decorrentes de intervenção policial são a segunda causa das mortes intencionais no país. São muito superiores aos latrocínios, que tanto assustam e são usados por pessoas como ele para justificar a violência policial”, diz Lima.

Um país que sabe contabilizar suas vítimas é mais capaz de elaborar políticas para combater a violência, diagnosticar quem está matando quem e por quê. Os levantamentos independentes cumprem um papel importantíssimo de divulgação e análise dessas informações. Mas só agora o Brasil começa a ter uma base de dados oficial confiável e uniforme sobre homicídios. Desde 1871, quando as primeiras estatísticas sobre violência foram registradas no Brasil, o país sofre para fechar essa conta. A segurança pública é atribuição dos Estados. Cada uma das 27 unidades da Federação tem uma metodologia para registrar os homicídios. Aliás, nem todas estão equipadas para fazer esse levantamento – ou dispostas a fazê-lo. Afinal, que governador quer arcar com o ônus de revelar os índices de violência em seu Estado, em sua gestão? Caberia, então, ao governo federal impor uma contabilidade uniforme e consistente. Desde os anos 2000, ainda no governo de Fernando Henrique Cardoso, fala-se em construir um sistema nacional de notificação e compilação de dados sobre homicídios. Em 2007, já na gestão de Lula, chegou-se a um protótipo do que

esse sistema seria. Criaram-se modelos de boletins de ocorrência e de uniformização para esses dados, o embrião do Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública, Prisionais e sobre Drogas, o Sinesp. Ao longo de 2011, o Ministério da Justiça tentou convencer os Estados a abastecer voluntariamente esse sistema. Diante da resistência, acabou tendo de aprovar uma lei, em 2012, que condicionaria a liberação de recursos federais aos Estados à liberação dessas informações. Mais de uma década de informação – e, portanto, de políticas públicas – foi perdida.

Em 2013, finalmente os Estados passaram a alimentar o Sinesp. Porém, cada Estado ainda utiliza critérios diferentes para falar do mesmo crime. No caso de homicídios decorrentes de violência doméstica, por exemplo, tem Estado que classifica como violência doméstica; outro que chama de violência Maria da Penha; outro, ainda, de crime passionais. A soma se torna um pesadelo. O Sinesp tenta tornar essa classificação homogênea. Mas a padronização não está completa. O Ministério da Justiça ainda não conseguiu produzir um relatório com a abrangência e a análise que os levantamentos independentes têm. Segundo Lima, em dezembro de 2014, o ministério fez uma licitação para encontrar um parceiro que fizesse essa análise com os dados do Sinesp. O vencedor foi o próprio FBSP. “Por causa da burocracia, o contrato só foi assinado em julho deste ano. Então, decidimos lançar o anuário, que é uma produção independente, antes do relatório do ministério”, diz Lima.

Para extrair os dados das secretarias de Segurança Pública dos Estados, o FBSP teve de recorrer à Lei de Acesso à Informação. Muitos forneceriam os números voluntariamente. Mas, como alguns resistem, Lima decidiu usar a lei para todos, e garantir que os dados viriam completos. No caso das mortes causadas por policiais, tema ainda mais sensível, o FBSP sempre precisou recorrer à lei para conseguir os números. Enquanto houver tanta contrariedade dos órgãos de governo de realizar essa tenebrosa conta, com critério, método e transparência, o número final dessa somatória será sempre assustador. ♦

O candidato gourmet

O empresário
João Doria gasta
saliva, bombons
e jantares para
concorrer
à prefeitura
de São Paulo

Flávia Tavares

A tentação de chamar João Doria Junior de coxinha é tão imediata quanto irresistível. Então, tiremos isso da frente: João Doria é coxinha. Ele está sempre ereto, com um sorriso que parece ter sido implantado em seu rosto. Doria é miúdo, mas não baixinho. Seu cabelo é tingido, mas não de um acaju acintoso. Parece usar Botox, mas deixa espaço para a dúvida. Fala pausadamente, mimetizando o governador Geraldo Alckmin, seu amigo há 35 anos. Não fala palavrão. Parece que nunca espirrou. “Adoro que me chamem de coxinha. Não tenho problema nenhum”, disse o empresário recentemente, em seu lustroso escritório no Jardim Europa, bairro nobre de São Paulo. Do que ele não gosta mesmo é que o chamem de Junior. “A pessoa pensa que sou coxinha, distante, riquinho e, quando me conhece, ela muda de opinião. Esse é o melhor dos mundos.”

Assumir seu lado janota é parte da estratégia de Doria para consolidar seu nome como pré-candidato a prefeito de São Paulo, pelo PSDB. Em vez de tentar desconstruir a imagem de empresário de sucesso, criando um personagem que fuja a quem ele é, Doria se dedica ao oposto. Prefere se mostrar como é, ou acredita ser,

apresentando como virtudes o que adversários enxergam como fragilidades. No grand tour que tem feito pela periferia da cidade, ele assume que é milionário. Adotou a máxima liberal do sucesso pelo mérito. Fez fortuna como publicitário e promotor de grandes eventos empresariais. Diz que pretende replicar na vida pública seu talento de administrador. Está em paz com a fama de coxinha – fama que aumentou depois que se soube que ele publica a revista anual *Caviar Lifestyle*, agraciada, em sua última edição, com meio milhão de reais em anúncios do governo Alckmin. “Quando você mostra que não é esse o seu posicionamento (*de coxinha*), você prova que aquele preconceito não se aplica. É como dizer ‘Olha aquela coxinha, será que é boa?’ Experimenta! Quem sabe você goste”, disse Doria.

No dia em que recebeu ÉPOCA em

seu escritório, num opulento prédio em frente ao Shopping Iguatemi, Doria vestia uma camisa branca, com um JDJ bordado no peito, e uma calça azul-marinho, ambos perfeitamente ajustados a seu corpo. Passava das 11 horas de uma manhã abafada. Ele estava irretocavelmente penteado. É sua praxe. Trazia nas mãos uma caixa de bombons de licor para a repórter – bombons, diga-se, que ele jura nunca ter provado, abster-se convicto que é. Não há dieta que resista à insistência de Doria. De nada adiantaram as três negativas da repórter. Doria venceu, como costuma vencer com frequência: pela lábia. É difícil dizer não a uma pessoa afável e persistente. Essa amabilidade entremeada com uma disciplina sobre-humana define a personalidade e, em boa medida, o sucesso de Doria. Ele é conhecido no mercado empresarial por dormir quatro horas por noite. E gastar as outras 20 trabalhando. “Sempre tive muita disciplina, desde pequeno. Nunca fui uma pessoa bagunceira, nunca fui mal na escola”, disse Doria. “Não fico angustiado. Tenho um autocontrole muito grande, não fico doente. Essa é minha forma de ser. É espontâneo.”

Doria passou, então, a refutar outra ►



ESTAMPA
João Dória em
seu escritório,
em São Paulo.
O sorriso
e o cabelo
irretocável são
sua marca

acusação que seus adversários lhe fazem: a de que não está nem aí para os pobres de São Paulo. Doria vive em uma mansão no Jardim Europa, onde promove jantares noite sim, noite não para o creme brûlée da sociedade paulistana. “Quem tem de conhecer bem a cidade é quem vai administrar os bairros. São Paulo tem 34 subprefeituras. Na nossa gestão, serão prefeituras regionais. Lá em Guaianases, vou respeitar a opinião de quem é de lá, porque eu não vivo em Guaianases. Ser gestor é isso. Delegar e acompanhar”, disse. Além das prefeituras regionais, Doria já tem bem delineadas pelo menos mais duas propostas para a cidade. A primeira é privatizar o Autódromo de Interlagos. A segunda é retomar os mutirões pelas periferias, juntando moradores para pintar paredes de escolas, capinar pracinhas. “O nome do programa vai ser Mutirões Mario Covas”, disse Doria. Ele escolheu homenagear o prefeito que lhe deu seu primeiro cargo público, o de secretário de Turismo e presidente da Paulistur, nos anos 1980. O segundo foi de presidente da Embratur, no Rio de Janeiro, quando José Sarney era presidente da República.

As chances de Doria ser o escolhido dos tucanos para a eleição de 2016 são pequenas. São duas as degustações a que Doria terá de se submeter. Antes de enfrentar o paladar da população de São Paulo, Doria tem de conquistar o paladar gourmetizado do PSDB, partido ao qual é filiado desde 2000. O tucanato, seguindo sua tradição, está rachado. O vereador Andrea Matarazzo é o favorito a vencer as prévias, previstas para o começo do ano que vem. Somente Matarazzo e Doria se inscreveram. Embora seja amigo de Alckmin, Doria ainda não tem o apoio de nenhum tucano-rei. Alckmin não quer Matarazzo. Ao que tudo indica, também não quer Doria.

Para mostrar que tem couro, Doria percorre sem parar os diretórios regionais do PSDB. Nessas ocasiões, repete a história do pai incansavelmente. João Doria pai foi deputado federal. Cassado e exilado pelos militares depois do golpe, viveu na França por dez anos



até poder voltar ao Brasil. A essa altura, seu bom patrimônio e a saúde de sua mulher haviam se esvaído. Em seus compromissos com os filiados ao PSDB, Doria lembra os dias de pobreza na volta do exílio. Conta da primeira carteira assinada, aos 14 anos. Dos dias em que ficou sem luz por falta de pagamento. Da carne de segunda. Emenda com seu currículo e revela que foi um dos organizadores do grande comício pelas Diretas Já em São Paulo.

Foi exatamente esse o roteiro que Doria seguiu quando, num domingo de setembro, reuniu-se com parte da juventude do PSDB. O encontro aconteceu numa mansão em Moema. Doria chegou com duas sacolas de bombons Lindt para a mãe e a avó do anfitrião. Na plateia, havia dezenas de tucanos. Por duas horas, Doria falou de sua história pessoal e política. Volta e meia, o fundador do movimento anti-Lula Cansei, em 2007, fazia uma crítica mais dura ao PT. Mas sempre com diplomacia. “Não falo mal de ninguém. Nem de quem merece”, disse Doria. Naquela

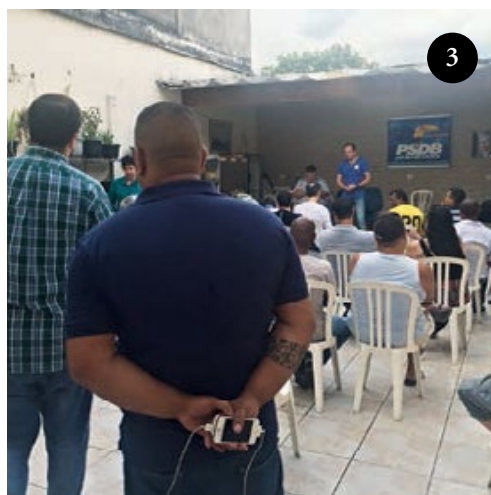
manhã, Doria havia ido ao diretório de Guarapiranga, com o mesmo script. No domingo seguinte, a visita foi a uma casa de classe baixa no Jabaquara. Acostumado a comandar auditórios lotados de empresários e políticos, e de impor o silêncio no recinto com um apito de ouro, Doria tentou não deixar transparecer seu desconforto com uma plateia irrequieta. Suportou estoicamente os rojões nos três gols do Corinthians e o funk que vinha dos carros, logo ali na rua. Não se permitiu perturbar sequer com o barulho do carvão caindo na churrasqueira que animaria a festa a seguir. Doria não usou o apito de ouro a que costuma recorrer para controlar o barulho nos eventos com empresários. “A Marta e o Eduardo Suplicy vieram de famílias ricas. Foram candidatos pelo PT e venceram isso na postura e no discurso”, diz Mario Covas Neto, presidente do diretório municipal do PSDB em São Paulo. “As pessoas na cidade não estão preocupadas se o cara é almofadinha. O povo quer alguém com experiên-



2

cia, que consiga ajustar a cidade. Na eleição anterior, venceu a novidade. O eleitor vai ser conservador nessa eleição.” Num cenário hipotético, mas possível, de Marta Suplicy, João Doria e José Luiz Datena candidatos a prefeito, talvez tenhamos a disputa mais rica da história da cidade.

Numa noite de quarta-feira recente, em uma mansão, de volta ao Jardim Europa, Doria contou suas experiências na periferia. Não havia churrasco nem funk. Havia Adriane Galisteu, Bruna Lombardi, Cláudia Raia, Regina Duarte, Juca de Oliveira, Otávio Mesquita, Eliana... Garçons circulavam pelas três salas da casa. Desviavam de obras de arte, servindo vinho branco e tinto – e, se alguém cometesse a indiscrição de pedir, uma cervejinha. Nas caixas de som, música popular brasileira. Nas mesas, sorrisos e selfies. O dono da mansão é Raul Doria, irmão de João. Vestindo calça e camiseta pretas, João Doria subiu num pequeno praticável, montado ao lado de uma mesa de flores e hors-



3

GRAND TOUR

- 1. Doria em um encontro com jovens tucanos. Poucos sabiam que ele já havia atuado na política**
- 2. Em um evento do Lide, Doria recebeu o juiz Sergio Moro. O evento teve recorde de 586 empresários na plateia**
- 3. O empresário no Jabaquara. Na periferia, a plateia costuma ser bem mais inquieta**

d’oeuvre: “Todos os finais de semana, tenho ido à periferia, nos limites da cidade, retomando o que eu fazia com Mario Covas. Lá em Itaquera, Guaianases, Cidade Tiradentes, Parelheiros, M’Boi Mirim. Está me fazendo muito bem voltar a ter contato com gente simples, gente humilde, gente sofrida.” Ergueu o tom: “Eu não sou coxinha nem caviar. Sou brasileiro!”.

Doria não é um desconhecido. Comanda há 20 anos um programa de TV, o *Show business*, na Bandeirantes; foi apresentador de *O aprendiz*, da Record, em 2010 e 2011; estreou um programa de entrevistas com celebridades na BandNews; e chefiou a delegação da Seleção Brasileira na Copa América deste ano. Mas foi fora da televisão que ele construiu sua reputação de conexão imprescindível no mundo empresarial. Doria é maníaco por pontualidade, instala relóginhos na mesa dos palestrantes de seus eventos. No dia 24 de setembro, levou para um almoço-debate do Lide, o grupo empresarial que preside, o juiz Sergio Moro. Foi o recorde de público do evento: 586 empresários. Doria não hesitou em mandar um bilhete para Moro quando sua meia hora de palestra estava para se esgotar. “O João é certinho, previsível. Empresário adora isso”, diz Roberto Cortes, presidente da Man Latin America, divisão de ônibus e caminhões da Volkswagen.

O Lide reúne mais de 1.500 empresas e, segundo o próprio Doria propaganda, “52% do PIB privado do país”. O produto que Doria vende é sua influência. Ele sabe em detalhes o que a maioria dos associados está tocando no momento. Eles pagam para integrar o Lide, por palestras como a de Moro e para participar do Fórum de Comandatuba, em que empresários e políticos se esbaldam num resort enquanto discutem o Brasil. Doria fez sua fortuna como publicitário e a consolidou com as atividades do Lide. Diz estar preparado para abrir suas contas se for o escolhido do partido, como manda a lei eleitoral. Sobre quem vai financiar sua campanha, desconversa: “Isso não será problema”. ♦

HENRIQUE CAPRILES

“O silêncio do Brasil dói”

A voz moderada da oposição na Venezuela afirma que as eleições de dezembro não serão limpas – e reclama de o Brasil ignorar os abusos cometidos pelo chavismo

Rodrigo Turrer

Henrique Capriles é venezuelano e não desiste nunca. Voz moderada da oposição ao chavismo, governador do Estado de Miranda, derrotado duas vezes na disputa pela Presidência do país, Capriles acredita em uma vitória da oposição nas eleições legislativas de dezembro – apesar de o presidente, Nicolás Maduro, ter controle do Judiciário, do Tribunal Eleitoral, mandar prender opositores, ter espaço enorme na televisão e usar o Estado para fazer propaganda política descarada. Capriles sabe que as eleições não serão limpas. Acredita, no entanto, na insatisfação da população com o que ele chama de oficialismo. “Maduro e Diosdado Cabello não representam o chavismo”, diz. Capriles reclama de uma coisa: seja com Chávez, seja com Maduro, a postura do Brasil é de apoio às ações do governo e silêncio diante dos abusos.

ÉPOCA – O senhor acredita que haverá de fato eleições em dezembro na Venezuela?

Henrique Capriles – Tudo é possível na Venezuela. O oficialismo é capaz de qualquer coisa. Mas os dias vão passando e tudo indica que vai ser difícil e custoso para o governo impedir as eleições. Porque a fachada para a tirania do oficialismo são as eleições. O governo se ancora nas eleições para dizer que há democracia. Sob esse manto, eles cometem todos os abusos e toda a corrupção de que são capazes. Então, acredito que haverá eleições.

ÉPOCA – A oposição pode vencer?

Capriles – Se o pleito fosse na semana que vem, pode ter certeza que a oposição venceria. As pesquisas mais confiá-

veis garantem uma diferença de mais de 20 para a oposição contra o oficialismo. E olha que as pesquisas na Venezuela não são como as do Brasil. Aqui nem sequer fazem pesquisa por distrito. Mas, mesmo assim, a oposição lidera. Isso mesmo com os abusos e a corrupção que eles cometem.

ÉPOCA – O processo eleitoral será transparente?

Capriles – De forma alguma. Não é um processo justo. Os integrantes do Tribunal Eleitoral são militantes do chavismo e do governo. Mas é preciso fazer uma ressalva: o voto existe na Venezuela, é secreto, e o pleito ocorre de modo normal. O problema não está na eleição, mas no desenvolvimento do processo. Não há igualdade de condições, os recursos do Estado, rádio e TV, são usados descaradamente pelo governo. São programas pagos com o dinheiro dos contribuintes e que servem para fazer publicidade. O oficialismo usa os bens públicos para azeitar a máquina de propaganda eleitoral. O processo é viciado. Esse é o delito cometido pelo oficialismo. A lei é clara: não se podem usar recursos públicos na campanha. Mas quem deveria arbitrar não é árbitro, é uma parte interessada. Por isso o processo eleitoral está sempre viciado.

ÉPOCA – Isso faz da Venezuela uma ditadura de fato?

Capriles – Na Venezuela, sei o que não existe: democracia. Mas não vivemos numa ditadura. Há uma diferença entre ditadura, totalitarismo e democracia. A Venezuela está nas mãos de um governo totalitário, que quer controlar as instituições do país. Temos o governo mais corrupto do mundo. Não existe uma democracia como deve ser. Mas, infelizmente, esse é o menor dos problemas do país. ►



PERSISTENTE
Henrique Capriles
em seu escritório,
em Caracas,
em 2013. Para ele,
a oposição não
pode repetir os
erros do chavismo

ÉPOCA – Qual é o maior problema da Venezuela?

Capriles – A crise social. Isso é o que importa para os venezuelanos, e é isso que a oposição precisa discutir. A Venezuela é o país em que mais cresce a pobreza. Não é o Haiti, nem Cuba, é a Venezuela. A situação da pobreza é a mesma situação de quando Hugo Chávez chegou ao poder (*em 1999*). Chávez chegou ao governo com o discurso de acabar com a pobreza, e a situação hoje é a mesma de quando ele chegou lá. A pobreza que cresce é o desafio que devemos encarar. Essa crise social é a agenda do venezuelano, muito mais do que os problemas políticos que os meios de comunicação destacam. A imprensa estrangeira ignora os dramas sociais e a crise econômica que estamos vivendo, não se mete nos bairros, onde as pessoas sofrem, se interessa apenas pelos temas políticos.

ÉPOCA – Se o chavismo perder as eleições de dezembro, o que os chavistas farão? Eles vão deixar o poder?

Capriles – O chavismo era Chávez. Hoje eles estão no poder, mas o chavismo acabou, virou o que chamo de oficialismo. Eles tem o Estado, tudo o que fazem é para manter o poder. O partido do governo tem uma força política, é claro. Mas essa força política não é mais maioria na Venezuela. O chavismo, sem Chávez, não tem quem o represente. Nicolás Maduro e (*Diosdado*) Cabello (*presidente da Assembleia Nacional da Venezuela*) não representam o sentimento do chavismo. Há um vácuo entre os apoiadores do chavismo. O partido oficialista está sem liderança. O chavismo só respira porque o partido do governo tem força, mas apenas por estar no governo. Mas a oposição não pode cometer os mesmos erros do oficialismo.

“
O chavismo, sem Chávez, não existe. Maduro e Cabello não representam o sentimento do chavismo”

ÉPOCA – Como assim?

Capriles – Quando o oficialismo sair do poder, a mudança não pode ser para substituir um projeto hegemônico por outro. Chega de fascismo. Quero um país plural, com muitas vozes, em que acabe a exclusão. O que vemos hoje na Venezuela não é um governo de esquerda, mas um governo fascista. Tem de haver uma mudança no caminho do país. Um ciclo se esgotou, mas parte da oposição não entende como se aglutina uma maioria, e como uma maioria deve chegar ao poder. Vivem isolados, querem uma ruptura, uma comoção, um radicalismo. Mas a única forma de vitória é mudar o poder político por vias legais e legítimas. Essa maioria eleitoral que se forma graças à insatisfação social vai ganhar, e vai se impor, mas de modo pacífico e constitucional. Caso contrário, não é mudança. E, para uma mudança duradoura na Venezuela, é totalmente necessário incluir as vozes do oficialismo.

ÉPOCA – Isso é factível? Há com quem dialogar dentro do chavismo e do governo?

Capriles – Quando falo em fazer pontes com o oficialismo, não me refiro aos dirigentes, à cúpula. Falo do povo. Claro que não podemos negociar com aqueles que conduziram

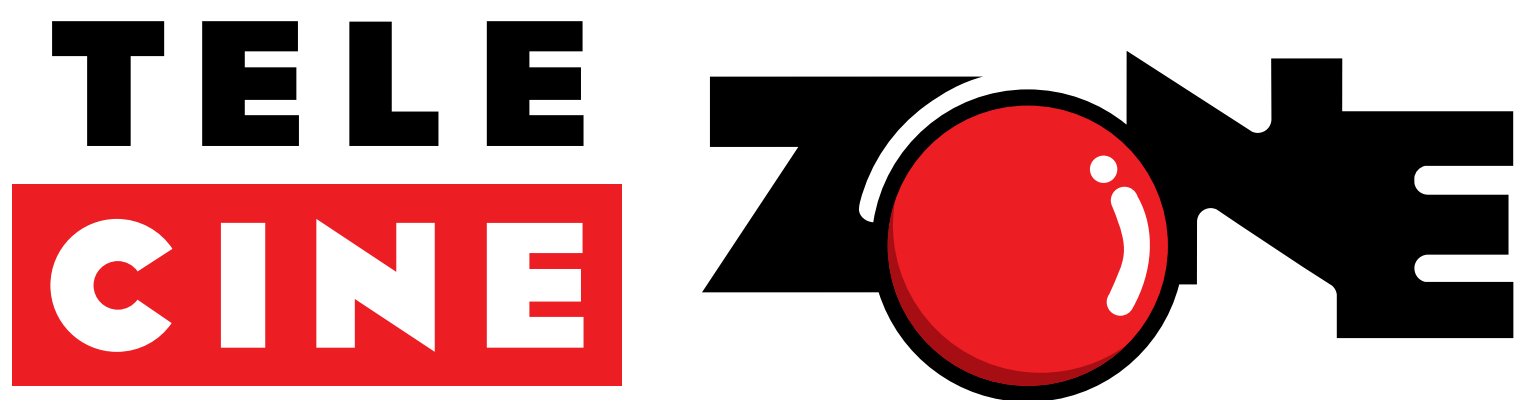
o país a uma inflação de 142% em nove meses, com quem fez a Venezuela ter a inflação mais alta do planeta, com quem levou o país aos piores índices de violência de sua história. Esses que jogaram o país na lama são aqueles que devem sair do poder. Alguns terão de responder à Justiça por seus atos de corrupção, porque são bilhões de dólares roubados. Mas o povo, quem está nas ruas, quem acreditou no projeto do chavismo, e foi enganado por ele, tem de ser incluído. O chavismo é uma realidade política no país, não podemos fingir que não existe. Não podemos cometer o pecado de reeditar todos os vícios que vimos nas mãos de outros governantes. É preciso reconhecer os que militam no oficialismo e permitir que eles possam exercer seus direitos políticos, sem revanches, sem perseguição, sem judicialização. Uma coisa é o povo chavista, que acredita no chavismo, outra coisa é Nicolás Maduro e seu governo. Maduro não representa esse povo.

ÉPOCA – O senhor tem um discurso brando comparado a outros opositores. A oposição venezuelana está unida?

Capriles – Está unida eleitoralmente. Pela primeira vez em muitos anos a oposição apresentou uma proposta eleitoral única. Mas há distintas visões dentro da oposição, e isso é bom, isso é a democracia. O sistema eleitoral em algum momento precisa mudar. Não há o segundo turno, o que é péssimo em um sistema com muitos partidos. Isso obriga que você tenha de formar uma coalizão em bloco, apesar de todas as sensíveis diferenças, porque caso contrário não há possibilidade de ganhar. Mas, apesar de tudo, há uma união eleitoral na oposição.

ÉPOCA – Como o senhor analisa a posição do Brasil em relação à Venezuela?

Capriles – Eu esperava mais do Brasil. Como venezuelano que respeita e admira profundamente o Brasil e os brasileiros, esperava mais tanto do presidente Lula quanto da presidente Dilma Rousseff. Sempre tive uma relação de respeito com o Brasil, apesar dos presidentes Lula e Dilma sempre terem sido favoráveis ao governo Chávez e a Maduro. Lamentei muito quando Lula se meteu na campanha chavista para eleger Maduro. Foi uma intromissão – mesmo com a oposição venezuelana tendo sido sempre respeitosa e nunca tendo se metido nos processos políticos internos do Brasil. Mas me decepcionei. Eu esperava muito mais do governo do Brasil, porque o Brasil não é apenas mais um país na América Latina. É o país com maior peso regional. Eu esperava uma postura mais condizente de um país que tem instituições sólidas, que acredita na união da América Latina. Queria que o Brasil tivesse coisas a dizer e coisas a pedir a um governo que não respeita as instituições e alimenta a desunião. Por que o governo brasileiro, mesmo sabendo de todas as irregularidades e os atropelos não democráticos do chavismo, apoia o oficialismo? O silêncio do Brasil dói. ♦



É TELECINE. É PRA GAROTADA.



!11VAVASRIO

CHEGOU
TELECINE ZONE.
MAIS UMA
VANTAGEM
EXCLUSIVA PARA
O ASSINANTE
TELECINE.



BAIXE O APLICATIVO E GARANTA MUITA DIVERSÃO

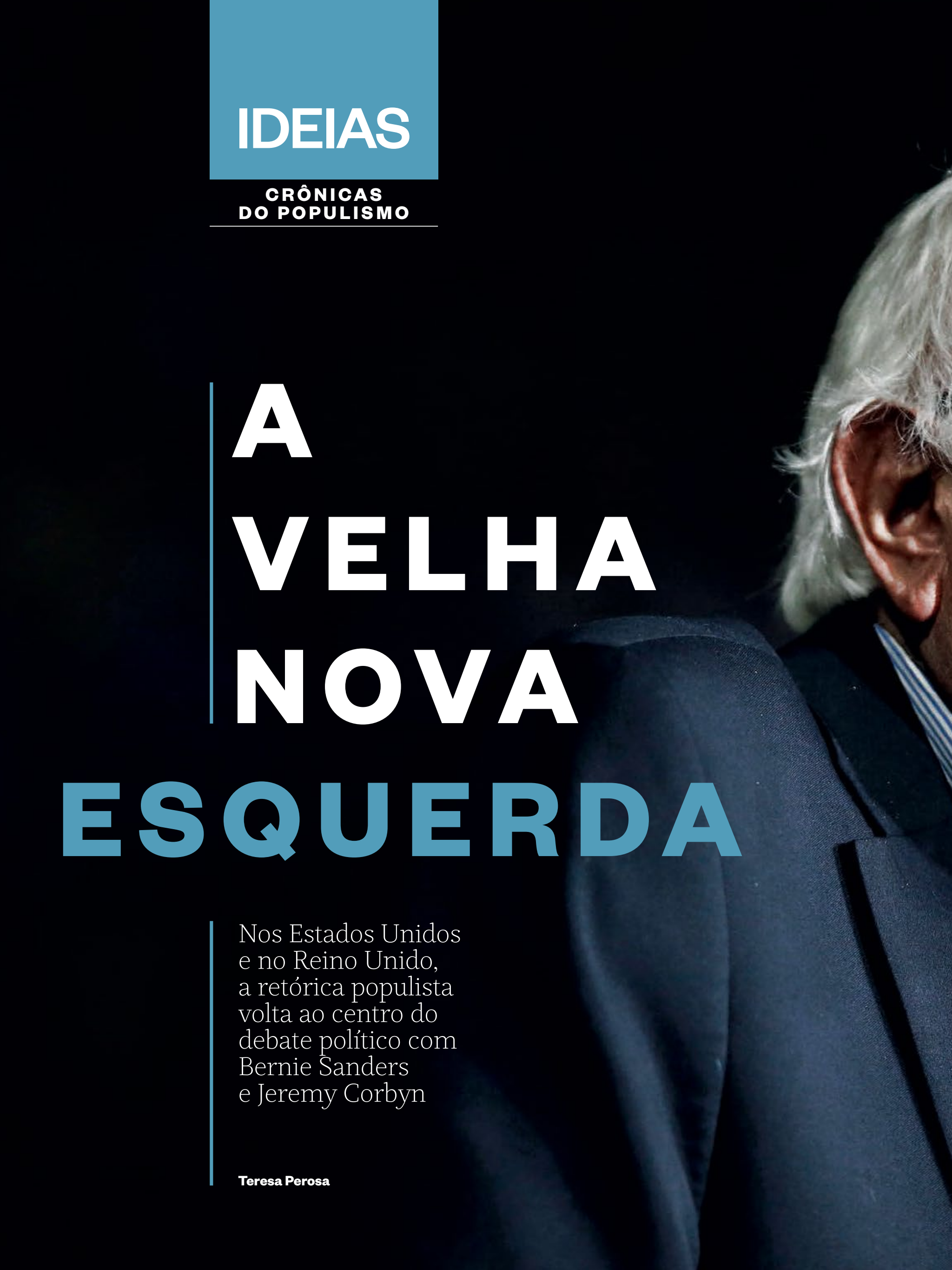
IDEIAS

**CRÔNICAS
DO POPULISMO**

A VELHA NOVA ESQUERDA


Nos Estados Unidos e no Reino Unido, a retórica populista volta ao centro do debate político com Bernie Sanders e Jeremy Corbyn

Teresa Perosa





Bernie Sanders

 Estados Unidos

Senador veterano pelo Estado de Vermont, o autodeclarado “democrata socialista” tem dado trabalho para a favorita Hillary Clinton

Ao sentar no sofá do talk show *Late night with Seth Myers*, o senador democrata Bernie Sanders ouviu a primeira gracinha do apresentador, que falava em ritmo alucinante. Era o de sempre. Um talk show com apresentador espirituoso, música e palmas da plateia. Sanders mostrou os dentes em um sorriso por um milésimo de segundo. Seth Myers, então, exibiu uma foto em que Sanders aparece com a cabeleira branca completamente arrepiada, como ao lado – uma cena frequente para quem o acompanha. Sanders deu uma risada alta – por um segundo. “Foi logo depois de um choque elétrico”, disse. Fechou a boca, esperou a plateia rir e emendou seu assunto favorito, “a galopante desigualdade que assola os Estados Unidos”. Sanders cumpria o roteiro de pré-candidato à Presidência dos Estados Unidos, de ser entrevistado e expor-se em talk shows, nos quais os candidatos sabem que serão alvo de piadas e terão de rir de si mesmos. É o jogo.

Bernie Sanders – que concorre com a ex-secretária de Estado Hillary Clinton e, talvez, com o vice-presidente americano, Joe Biden – não é muito afeito a piadas. Participa delas apenas o necessário a essas ocasiões, que dão espaço para expor suas ideias. Pelo senso comum, sua falta de paciência para gracejos – especialidade do presidente Barack Obama – e sua falta de elegância e polidez – anda com ternos desalinhados – fariam dele um candidato com pouco apelo eleitoral. Não é o caso. Mesmo sem o apoio dos chamados “Super PACs”, os comitês organizadores que captam doações para os candidatos, em três meses a campanha de Bernie Sanders conseguiu arrecadar US\$ 26 milhões, doados por 650 mil pessoas, uma marca significativa. Contrário ao financiamento por corporações, Sanders conseguiu o feito de pequenos comitês de ativistas. Hillary já viu isso. Foi com uma mobilização assim que Barack Obama a surpreendeu e chegou lá, em 2008.

Com Sanders, a onda de candidatos antissistema que atingiu a Europa nos últimos anos parece ter chegado ao outro lado do Atlântico. Aos 74 anos, ele tem quase 25 anos de Congresso americano e é senador pelo Estado de Vermont. Eleito como ►

independente, filiou-se em abril ao Partido Democrata, quando anunciou que entraria na corrida presidencial. De político excêntrico de extrema-esquerda, o veterano se converteu nos últimos meses em um improvável concorrente na corrida pela nomeação democrata contra a favorita, Hillary Clinton. Taxado como “socialista”, pecha extremamente negativa nos Estados Unidos, Sanders costuma corrigir entrevistadores – e críticos – e se classifica como “um democrata socialista”, evocando padrões e modelos da social-democracia escandinava.

Seu maior inimigo são os “superbilionários”, ou “o 1%”, em referência ao epíteto dado ao topo mais rico da pirâmide social. “Nos Estados Unidos de hoje existe injustiça massiva em termos de renda e desigualdade de riqueza. Nós vivemos no país mais rico da história do mundo, mas a maioria dos americanos não sabe disso”, Sanders

costuma repetir, gesticulando enfaticamente. Por ironia, Sanders é um egresso da Universidade de Chicago, símbolo máximo da escola neoliberal de economia. Seus pares devem se arrepiar quando o ouvem propor impostos para os mais ricos, aumento do salário mínimo e

um programa de investimentos do governo em infraestrutura para gerar empregos – propostas de economistas detestados pela escola de Chicago, entre os quais o inglês John Maynard Keynes e discípulos como Paul Krugman e Thomas Piketty. Sanders também é um entusiasta do estado de bem-estar social europeu e do acesso gratuito à saúde e à educação superior.

Em outro contexto político, a voz rouca e o forte sotaque do Brooklyn de Sanders poderiam soar solitários, excêntricos e ultrapassados para os Estados Unidos. Mas em um momento em que o americano médio viu seu padrão de vida cair e em que os Estados Unidos registram níveis de desigualdade de renda tão altos quanto na década de 1920, Sanders parece ao eleitorado uma voz que fala diretamente a suas dificuldades. “Não acho que há nada de novo nessas ideias, mas Sanders é um defensor particularmente persuasivo delas”, diz

Hans Noel, da Universidade Georgetown, em Washington. “Os jovens, que estão menos conformados em relação à habilidade de causar vastas mudanças, podem considerar essas propostas atraentes. São propostas que Obama, Clinton e a maioria dos democratas defenderam, embora Sanders seja menos prático em relação ao que pode ser alcançado politicamente.”

As chances de Sanders ser escolhido o candidato democrata são pequenas. No momento, ele aparece em segundo lugar, com cerca de 25% das intenções de voto, 15 pontos percentuais a menos que Clinton. Mas ele supera a pontuação de Joe Biden, que tem 18% e não anunciou oficialmente sua candidatura. Sanders patina com o eleitorado feminino e o negro, que não se sentem representados em seu discurso e preferem a abordagem de Hillary. Entretanto, o indicador de que ele


incomoda surgiu em ataques de comitês de apoio à candidatura de Hillary. Um deles espalhou um comunicado que comparava as posições “extremas” de Sanders com as do recém-eleito líder trabalhista britânico, Jeremy Corbyn. A mensagem cita as declarações simpáti-

cas de Corbyn ao ex-presidente venezuelano Hugo Chávez, críticas à Guerra ao Terror e à execução de Osama bin Laden (ele defendia um julgamento).

Alfinetadas à parte, as semelhanças entre Sanders e Corbyn são notáveis. Eles não são exatamente a “nova cara da política”, mas é assim que o eleitorado jovem os vê. Com pinta de avôs desalinhados – o parlamentar britânico também não é fã de gravatas e camisas fechadas – e veteranos nos Parlamentos de seus países, Sanders e Corbyn viram seu discurso transcender os limites da extrema-esquerda para sacudir os cenários políticos dominados pelo centro. Aos 66 anos, 30 dos quais no Parlamento britânico, Corbyn é um tradicional backbencher – termo para designar parlamentares que figuram ao fundo do espaço destinado aos partidos, sinalizando sua distância da liderança em Westminster. Corbyn sustenta a estatísti-

ELES NÃO SÃO
EXATAMENTE A “NOVA
CARA DA POLÍTICA”,
MAS É ASSIM QUE
O ELEITORADO
JOVEM OS ENXERGA

Jeremy Corbyn

 Reino Unido

O novo líder do Partido Trabalhista quer retomar a tradição de extrema-esquerda da legenda, para longe do centrismo dos últimos anos



Alexis Tsipras

 Grécia

O primeiro-ministro grego e líder do Syriza foi reeleito em setembro, pregando a renegociação da dívida externa grega e o fim das medidas de austeridade exigidas por credores



a vitória de Corbyn, o partido teme que a postura radical diminua ainda mais as chances de retomar o poder.

A eleição de Corbyn não acontece no vácuo. Hoje a estimativa é que cerca de 30% do eleitorado da Europa Ocidental opte por candidatos considerados anti-sistema. Analistas têm apontado a ascensão de políticos como Corbyn, Sanders, Alex Tsipras, na Grécia, e Pablo Iglesias, na Espanha – e dos nacionalistas de direita em países como a França, o Reino Unido e a Hungria –, mais como um sintoma da crise de representatividade nas democracias do que como um problema em si. “Os partidos tradicionais estão claramente falhando em engajar e empolgar o público. Isso abre as portas para figuras mais controversas tanto da esquerda quanto da direita”, diz Marc Stear, conselheiro do ex-líder trabalhista britânico Ed Miliband. “Minha impressão é que nenhuma dessas figuras controversas vai – sozinha – ser capaz de restaurar a fé na política no longo prazo.”

A popularidade de políticos como Sanders e Corbyn aponta para uma tendência nos países desenvolvidos depois da crise de 2008: o eleitorado quer menos austeridade, mais benefícios sociais e oportunidades econômicas. “Os líderes não são honestos em destacar as negociações envolvidas em políticas econômicas e sociais”, diz Sergi Pardo-Prados, da Universidade de Oxford. A presença no debate político pode ser benéfica, ao passo que traz à tona temas importantes – como a crescente desigualdade social. A capacidade deles de governar, no entanto, não parece factível.

Ainda assim, as maneiras que aparentam ser pouco estudadas e os discursos passionais fazem com que ambos atraiam principalmente os jovens. Nos Estados Unidos, eles se reúnem aos milhares para ouvir Sanders falar, cunham slogans e memes para expressar seu apoio, como “Feel the Bern” (Sinta o Bern) e “Bernie down the White House” (trocadilho inspirado em uma canção da banda Talking Heads, que brinca com o nome do senador e a ideia de “incendiar” a Casa Branca). No Reino Unido, os jovens apoiadores de Corbyn criaram o “Jez we can” (uma brincadeira com o nome do parlamentar e com o slogan da campanha de Obama em 2008). Sanders e Corbyn fazem o que a maioria dos políticos queria fazer: sucesso. ♦



Pablo Iglesias

 Espanha

Seu partido, o Podemos, formou-se depois da onda de protestos que tomou o país em 2011. Reivindica a ampliação de direitos sociais e mudanças no sistema financeiro

ca de ter votado mais contra seu próprio partido do que o atual primeiro-ministro conservador, David Cameron.

Assim como Sanders, Corbyn vai na contramão do discurso de austeridade e defende estímulo aos sindicatos, a ampliação de benefícios sociais e um programa de investimentos do Estado em infraestrutura para geração de empregos, a ser financiado pela impressão de dinheiro – a manobra maluca, que geraria inflação, foi apelidada de “Corbynomics” por seus críticos. Corbyn defende a saída do Reino Unido da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e a nacionalização das ferrovias do país. Sua subida à liderança do partido, em setembro, aconteceu depois da humilhante derrota de maio, quando os trabalhistas viram seus eleitores migrarem para os liberais e, na Escócia, para os nacionalistas do SNP. Com

Qual é o CEP da boa educação?

Uma iniciativa inédita rastreia os locais que dão mais oportunidades para as crianças aprenderem

Flávia Yuri Oshima

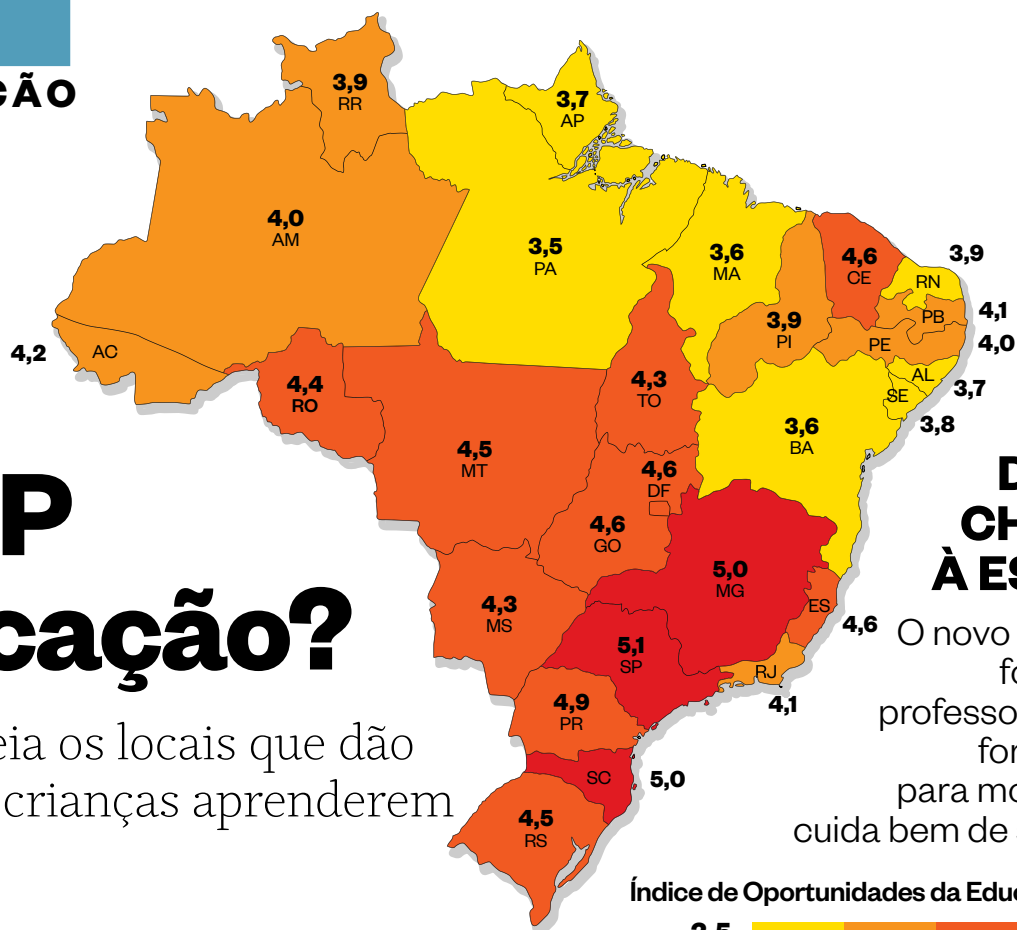
Quanto a cidade que moramos influencia a aprendizagem e a trajetória escolar de cada criança? Muito. A conclusão é do Índice de Oportunidades da Educação Brasileira (Ioeb), criado a partir de dados do Censo Escolar, do Censo Populacional e de avaliações oficiais do Ministério da Educação (MEC). Numa escala de 1 a 10, sendo 10 a nota mais alta, o novo índice mostra quais são as chances que cada aluno tem de estudar em uma escola com boa infraestrutura, ter professores bem formados e seguir uma trajetória positiva de aprendizagem, desde os 5 anos até o fim do ensino médio.

Essa é a primeira vez que se tenta medir e comparar as oportunidades que cada local proporciona às crianças. Diferentemente de outros indicadores, o Ioeb inclui na avaliação o número de crianças fora da escola, a experiência dos diretores, a jornada escolar e a escolaridade dos professores. O objetivo dessa diversidade de dados é fazer o diagnóstico de toda a estrutura educacional da cidade. Uma das motivações para a criação do índice foi incentivar a cooperação entre Estados e municípios para a melhoria do ensino das regiões. Hoje, a prática comum é que o prefeito responda pelas escolas municipais e o governador pelas estaduais. Casos como do Ceará, do Acre e de Goiás

comprovaram que forças-tarefas com a união de esforços de Estado e municípios são capazes de gerar melhoria para toda a rede e diminuir a evasão escolar. Hoje, o país possui mais de 3 milhões de crianças entre 5 e 17 anos fora da escola. “Melhorias isoladas terão pouco ou nenhum impacto no índice. Os governos têm de se unir”, diz Reynaldo Fernandes, responsável técnico pelo índice e ex-presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep). O índice chega numa boa hora. O país está em plena montagem do Sistema Nacional de Educação, algo parecido com o Sistema Único de Saúde, o SUS, que poderá unir os governos federal, estadual e municipal em prol da educação.

Na primeira avaliação do Ioeb, o Brasil ficou com nota 4,5

– abaixo do meio da régua. Os três municípios com melhor ambiente educacional são do Ceará: Sobral, Groaíras e Porteiras. Entre os Estados, São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina encabeçam a lista. O Maranhão possui o maior número de municípios entre os 25 piores. Há dez cidades maranhenses na lanterna dos 5.246 municípios medidos. O índice é uma iniciativa conjunta do Centro de Liderança Pública, do Instituto Península, da Fundação Roberto Marinho e da Fundação Lemann. O resultado das avaliações será liberado a cada dois anos. ♦



QUEM DÁ MAIS CHANCES À ESCOLA?

O novo índice inclui formação de professor e crianças fora da escola para mostrar quem cuida bem de seus alunos

Índice de Oportunidades da Educação Brasileira

3,5 5,5

AS CAPITAIS QUE MAIS EDUCAM

No site ioeb.org.br está a classificação de 5.246 cidades do país

São Paulo (SP)	4,8
Curitiba (PR)	4,8
Belo Horizonte (MG)	4,8
Palmas (TO)	4,7
Goiânia (GO)	4,7
Florianópolis (SC)	4,7
Rio Branco (AC)	4,6
Brasília (DF)	4,6
Campo Grande (MS)	4,5
Cuiabá (MT)	4,4
Rio de Janeiro (RJ)	4,4
Vitória (ES)	4,4
Boa Vista (RR)	4,3
Teresina (PI)	4,2
Fortaleza (CE)	4,1
Manaus (AM)	4,1
Recife (PE)	4,0
Porto Alegre (RS)	4,0
João Pessoa (PB)	4,0
São Luís (MA)	3,9
Porto Velho (RO)	3,9
Aracaju (SE)	3,8
Natal (RN)	3,7
Maceió (AL)	3,6
Macapá (AP)	3,6
Salvador (BA)	3,6
Belém (PA)	3,5

AS CINCO MELHORES CIDADES

1	Sobral (CE)	6,1
2	Groaíras (CE)	5,9
3	Porteiras (CE)	5,9
4	Centenário (RS)	5,9
5	Novo Horizonte (SP)	5,8

(1) O Ioeb é um índice que calcula a qualidade das oportunidades educacionais oferecidas por determinado município e Estado

Fonte: Ioeb com dados: Pnad/IBGE 2013



NEGÓCIOS,
EMPREENDEDORISMO,
AUTOMOBILISMO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA,
AGRONEGÓCIO:
SUA REVISTA PREFERIDA
**JÁ ESTÁ NAS BANCAS
E NOS TABLETS.**
GARANTA HOJE O SEU EXEMPLAR!



GLAUCO ARBIX

“O Brasil é hoje um país fraturado”

O sociólogo, que participou dos governos Lula e Dilma, diz temer um regresso civilizatório por causa da polarização política

Guilherme Evelin

No passado, Glauco Arbix, professor da Universidade de São Paulo (USP), especializado em sociologia do desenvolvimento, militou em uma das mais barulhentas correntes de esquerda dos anos 1970, a Liberdade e Luta (Libelu), de orientação trotskista. Quando o PT chegou ao poder em 2003, Arbix foi presidir o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Lá, trabalhou ao lado de outro ex-egresso da Libelu, o ex-ministro da Fazenda Antonio Palocci. Depois da primeira eleição da presidente Dilma Rousseff, Arbix voltou ao governo para presidir a Finep, empresa pública de fomento à ciência e tecnologia, onde ficou até março deste ano. Não espere de Arbix opiniões que o pensamento convencional costuma associar à esquerda ou à direita. Defensor da importância do papel do Estado na promoção do desenvolvimento, ele, ao mesmo tempo, propugna ideias como a abertura da economia brasileira, um choque de inovação no país e reformas profundas para aumentar a eficiência do setor público. De volta à USP, Arbix conversou com **ÉPOCA**, na semana passada, em sua agradável casa no bairro de Vila Nova Conceição, em São Paulo.

ÉPOCA – Qual é seu diagnóstico da crise? Onde foi que a presidente Dilma Rousseff mais errou?

Glauco Arbix – Evidentemente, o alicerce do país é a economia. A presidente, quando viu encurtar as perspectivas na área econômica, a dificuldade de exportar, a diminuição do preço das commodities, o preço de energia fora dos padrões, fez duas grandes tentativas: reduzir os juros e os preços da energia. O problema é que a economia é um animal institucional muito complexo. Você não consegue dirigi-la da

maneira como você quer, só com vontade e a disposição de impor alguns planos. Então, o governo deu um tiro no pé. Mas onde eu acho que ela mais errou mesmo foi na política.

ÉPOCA – Por quê?

Arbix – O governo se fechou, se enclausurou. Perdeu o controle do Congresso, mas teve antes uma sequência gigantesca de erros. Por que você acha que o presidente Lula saiu, ao final de seus dois mandatos, com aquela popularidade? Ele conseguia conversar e atrair um monte de gente. Talvez, ele tenha feito coisas que não deveria ter feito. Isso, eu não sei. Cabe à Justiça decidir. Mas, em todo o caso, ele tinha uma capacidade de diálogo. O Brasil precisa ser agregador. Não pode ser desagregador. O Brasil, hoje, é um país fraturado. Você tem um governo com muitas dificuldades, tomando decisões políticas e econômicas equivocadas em muitos casos, uma oposição totalmente errática e um Congresso que está tentando tirar vantagem de tudo o que acontece num momento de fragilidade.

ÉPOCA – O senhor vê uma saída?

Arbix – Todo mundo sabe qual é a saída, a curto prazo: a presidente precisa retomar o controle do governo, trabalhar em conjunto com o Congresso e pôr o país para funcionar. Essas palavras estão todas desgastadas, mas você precisa de um pacto, de uma aliança para manter uma previsibilidade e o país nos trilhos, ainda que mínimos. Isso não tem nada a ver com a escolha de outros governantes. O processo eleitoral que o decida. O país é maior do que esse imbróglio que foi criado. O país tem de respirar. E a gente não está ►



HOMEM DO
DIÁLOGO
Arbix, em sua
casa, em São
Paulo. "O Brasil
não pode ser
desagregador"

conseguindo respirar. Por isso, vejo com simpatia todo o esforço para dar um mínimo de estabilidade. Eu achava que, dada a desorientação do governo, ele nem pudesse mais fazer esses lances como esse feito pela presidente Dilma nos últimos dias. Não gosto do novo ministro da Ciência e Tecnologia (*Celso Pansera, do PMDB do Rio de Janeiro*). Não acho um nome adequado, para dizer o mínimo. Mas esse movimento de recomposição é uma tentativa de ter um mínimo de estabilidade. Espero que uma parte grande do PMDB tenha um juízo mais assentado, que o governo erre menos. São coisas difíceis (*risos*). Mas, quanto mais fundo a gente for no buraco, será pior para todos nós. E quem acha que a gente já chegou no fundo do buraco está errado.

ÉPOCA – O que seria o fundo do poço?

Arbix – O risco é interromper um movimento ascendente do país. O perigo é jogar tudo no lixo, passar a borracha e começar do zero. Quando você faz um debate muito apressado, para não dizer malfeito, pressionado pela conjuntura, você passa uma borracha em muita coisa que é extremamente positiva e em outras que você não precisa mudar. Por exemplo, hoje eu abri o jornal e vi uma pesquisa em que mais de 50% dos entrevistados acham que “bandido bom é bandido morto”. Tudo bem, você pode ponderar que isso é apenas uma pesquisa. Até como a pergunta foi feita pode influenciar os resultados. Mas meu medo é que a situação atual é tão polarizada, tão polarizada que entremos numa trilha de regressão civilizatória. Esse não é um caminho original na história da humanidade. Eu estou preocupado em preservar marcos de civilização e alguns valores que conseguimos.

ÉPOCA – O governo e o PT não são responsáveis por criar essa polarização aguda?

Arbix – Uma parte da crise tem a ver com uma armadilha que o governo montou para si mesmo. Outra parte da crise é que ele foi totalmente cercado. Essa é uma disputa de décadas no Brasil. Há uma disputa que acha que a corrupção é a questão central do país. Eu falo com todas as letras: não é. É óbvio que nós somos contra a corrupção e que ela precisa ser combatida. Mas reduzir os problemas brasileiros à corrupção ou comparar o Brasil com a Venezuela... Desculpa, eu não vou voltar ao Carlos Lacerda. Seria reproduzir coisas que ocorreram há 40 anos e ocorrem em todo lugar. Eu não trabalho com esse tipo de diagnóstico. Como sociólogo, afirmo que o maior obstáculo que nós temos ao desenvolvimento do país não é a corrupção nem é econômico, ainda que você tenha problemas estruturais graves econômicos. O obstáculo se chama desigualdade, que é uma doença que corrói a alma do país. Falo em desigualdade não só de renda, mas com uma visão ampla: desigualdade entre homens e mulheres, regional, no mercado de trabalho, na educação, entre negros e brancos. Por causa da desigualdade, você não consegue

ter produtividade no trabalho, não consegue desenvolver tecnologia. O grande mérito de Lula foi ter tido sensibilidade para isso e reorientar seu governo para atacar essa questão chave. Quando você ataca a desigualdade, você ataca vários problemas do Brasil. Isso cria um marco de civilização.

ÉPOCA – Os governos do PT não abandonaram a luta contra a desigualdade para apostar, depois de 2008, numa retomada das políticas desenvolvimentistas do passado?

Arbix – Fazer política olhando para o retrovisor dos anos do nacional-desenvolvimentismo é um desastre. Mas eu não vejo que houve essa opção com tanta clareza assim. Fico com dó do Guido (*Mantega, ex-ministro da Fazenda*). A nova matriz econômica é muito mais uma frase de efeito do que qualquer outra coisa. Na Finep, recebi apoio da presidente para fazer uma política de inovação e tecnologia, que nenhum outro governo fez. Ela aumentou os recursos da Finep de R\$ 1,2 bilhão para R\$ 10 bilhões, seguindo um parâmetro claro: pôr dinheiro público onde a tecnologia e a ciência mais exigem, e, quanto mais ambicioso, melhor o projeto. Nunca sofri nenhum tipo de restrição. O problema é que a herança do nacional-desenvolvimentismo é muito forte no Brasil. Historicamente, o Estado brasileiro tem uma mão muito pesada. Quem vive o Estado brasileiro sabe o que é. Governos podem aprofundar e tornar a mão do Estado mais pesada, mas,

ponha quem quiser lá em cima, a mão será pesada porque a dinâmica é assim, as regras são assim, os procedimentos são assim. E aquilo que é exigido de você é assim. Essa herança permeia o setor público e o privado. Quando a Dilma fez a tentativa estranha de baixar os juros, ela foi super-aplaudida. Houve federações da indústria que colocaram anúncio na TV, certo?

“
O risco é
interromper
um movimento
ascendente
do país e jogar
tudo no lixo”

ÉPOCA – Com a experiência de quem esteve lá, como tornar a mão do Estado menos pesada?

Arbix – Quando você combina os fatores risco, incerteza e custo de capital para investir, que é a base da inovação, desde a mais simples até a mais complexa, há a necessidade de intervenção do setor público. Isso ocorre em qualquer lugar do planeta. Não porque o Estado goste de fazer isso, mas porque, se você não minimiza esses fatores, ninguém investe. Minha esperança é que a gente consiga no Brasil uma relação mais equilibrada entre Estado e setor privado. Você não tem como melhorar a eficiência do Estado com um Estado engessado, com estabilidade do servidor público, em que a questão do mérito não é a marca, assim como também não é na universidade brasileira. Claro, talvez a universidade seja melhor do que a média do Estado brasileiro, mas ela não se guia pelos critérios da meritocracia. Nos Estados Unidos, vi prêmio Nobel com 80 anos dando aulas para o 1º ano da escola e conversando com os alunos. Aqui, as pessoas se aposentam com 50 anos. Nenhum país vai para a frente com isso. Esse sistema ignora a realidade do mundo. ♦



Vá, coloque um novo livro no mercado

Monroeville é uma cidadezinha pacata de 6.300 habitantes no interior do Alabama. Quatro anos atrás, em 12 de outubro de 2011, recebeu a visita de Justin Caldwell, um renomado especialista em manuscritos raros da casa de leilões Sotheby's. Ele foi acompanhado pela advogada Tonja Carter e pelo agente literário Samuel Pinkus até a sala no cofre de um banco, bem abaixo do escritório da firma de advocacia onde Tonja trabalhava. Examinou papéis guardados no cofre, dentro de uma caixa da marca de roupas Lord & Taylor. Eram originais da escritora Harper Lee, a filha mais ilustre de Monroeville. Autora de *O sol é para todos*, um dos maiores sucessos da literatura americana, com 40 milhões de exemplares vendidos, Lee vive hoje, aos 89 anos, num asilo, praticamente surda, com demência senil e entevada numa cadeira de rodas.

Lançado em 1960, seu primeiro romance tornou-se uma bandeira da luta pelos direitos civis. Foi transformado no filme em que Gregory Peck vive o advogado Atticus Finch, defensor de um negro acusado injustamente de estuprar uma jovem branca, num tribunal da fictícia Maycomb, inspirada em Monroeville. Pela coragem e retidão moral exibidas ao enfrentar o opróbrio em nome de suas convicções, Finch virou um herói no combate ao racismo. Algumas de suas frases, narradas do ponto de vista de sua filha, a menina Scout, ecoam até hoje: "A única coisa que não se curva à lei da maioria é a consciência do indivíduo"; "Você nunca entende uma pessoa até considerar as coisas do ponto de vista dela". Esse era o Atticus Finch que todos conheciam até julho passado.

Foi quando saiu nos Estados Unidos, depois de 55 anos, o segundo livro assinado por Harper Lee: *Vá, coloque um vigia*, lançado nesta semana no Brasil. A narrativa começa 20 anos depois de *O sol é para todos*, quando Scout – identificada pelo nome de batismo, Jean-Louise – volta de Nova York à Maycomb natal para visitar a família, pouco depois que a Suprema Corte decidira pôr fim à segregação racial nas escolas. Aos 72 anos, Finch deixa a filha horrorizada ao comparecer a uma reunião do conselho local, com arengas racistas em defesa da "raça branca". Numa longa discussão com ela, solta frases como: "Você quer negros às carradas em nossas escolas e igrejas e teatros? Quer eles em nosso mundo?". Esse é o Atticus Finch que conhecemos agora.

De acordo com Tonja, hoje representante legal de Lee, os originais do novo livro foram descobertos por ela na caixa da Lord & Taylor apenas em agosto de 2014 e corres-

pondem a uma versão anterior de *O sol é para todos*, rejeitada em 1957. O volume publicado em 1960 foi, dizem os editores atuais, resultado de mais dois anos de trabalho da autora, incentivada pelo editor da época a desenvolver a narrativa em retrospectiva e a expandir o episódio do julgamento, citado de passagem em *Vá, coloque um vigia*. Um levantamento nos dois livros encontra trechos quase idênticos e corrobora essa história. Ainda assim, a versão de Tonja levanta dúvidas de dois tipos.

Primeiro, Pinkus, ex-agente literário de Lee, afirma que Tonja e ele já sabiam do novo livro antes mesmo de chamarem Caldwell para examinar a papelada em 2011. Sustenta que Lee

sempre rejeitou publicar qualquer outro romance, receosa de comparações com sua obra-prima. Tonja alega que, naquele dia, saíra da sala para buscar um exemplar de *O sol é para todos* para fazer comparações – e não testemunhara a discussão em torno dos papéis. Foi só em fevereiro passado, três meses depois da morte de Alice – irmã mais velha e representante legal de Lee – que Tonja anunciou a descoberta. Ela já cuidara do processo contra Pinkus – acusado, em 2013, de furtar direitos autorais – e de várias ações em nome de Lee. Assumiu a responsabilidade pelos negócios dela depois da morte da irmã. As autoridades do Alabama que investigaram a situação de Lee não encontraram evidência de coerção ou abuso de sua condição. Concluíram que ela estava lúcida ao autorizar a publicação de *Vá, coloque um vigia*.

O segundo tipo de dúvida diz respeito ao conteúdo. Embora o novo livro tenha menos vigor narrativo, o Finch racista é um personagem mais complexo, mais verossímil e próximo de um "sulista liberal". "Não há contradição entre defender um negro inocente e desconfiar dos direitos civis 20 anos depois", diz o crítico Adam Gopnik. "Ambos são parte de um esforço paternalista para ajudar uma minoria que, nessa visão, não consegue se ajudar sozinha." É justamente aí, diz ele, que a história levanta suspeitas. É difícil acreditar que um romance de estreia assuma tanta familiaridade com personagens jamais encontrados. Sobre tudo Finch. "Se você não conhece Atticus como herói – e, neste livro, não conhece mesmo, a não ser por declaração –, por que se importaria se ele parece desertar para a vilania, por melhor que defenda isso?" É uma questão de lógica, a que ninguém respondeu. ♦



LIVRO DA SEMANA

Vá, coloque um vigia
Harper Lee

José Olympio
2015
252 páginas
R\$ 40

A culpa não foi do Waze

Ao responsabilizar o aplicativo de mapas por levar usuários para áreas perigosas, tiramos o foco dos verdadeiros culpados: o Estado e os criminosos

Bruno Ferrari

A tecnologia passa despercebida na maior parte do tempo. Não pensamos nela quando viramos a chave do carro ou ligamos o celular. Mas lembramos quando ela não funciona da forma esperada. A morte da jornalista Regina Múrmura, de 70 anos, no sábado, dia 3, é um exemplo trágico do excesso de confiança que depositamos na tecnologia. Regina estava a caminho de uma pizzaria localizada numa avenida de Niterói. Estava com o marido, Francisco. Ao digitar o endereço do local no aplicativo de mapas Waze, o casal foi levado por engano para uma rua com o mesmo nome, na favela do Caramujo. Foram recebidos a tiros por um grupo de criminosos. Regina foi atingida e morreu no hospital. A tragédia repercutiu na imprensa internacional, que aproveitou para alertar sobre a falta de segurança para as Olimpíadas de 2016. A rede americana CNN destacou que 1,4 milhão de pessoas vivem em favelas da cidade e que, apesar dos esforços do Estado em pacificá-las, muitas delas são controladas por traficantes. Em meio às manchetes, destacou-se a do jornal francês *Le Point*: “Quando um erro de GPS conduz à morte”.

O caso de Regina não foi o primeiro envolvendo rotas traçadas por GPS em 2015. Em agosto, a atriz Fabiana Karla

também teve o carro atingido por tiros na mesma favela enquanto era guiada pelo Waze. Em março, os atores Tadeu Aguiar e Sérgio Menezes foram assaltados no Morro do Chapadão, no Rio de Janeiro, depois de usar o aplicativo para tentar fugir do trânsito.

Para muita gente, o Waze teve uma parcela de culpa na tragédia que matou Regina. O aplicativo, criado em Israel em 2007 e comprado pelo Google em 2013, tem uma rede social própria. Uma camada de interação humana informa em tempo real onde há trânsito, chuva, buracos na pista, acidentes e radares. Ainda conta com editores voluntários que corrigem problemas pontuais. Depois de analisar todas essas informações, o aplicativo oferece a rota mais rápida para o destino. Um dos recursos mais polêmicos do Waze é o alerta de policiais. É possível dizer até se estão visíveis ou escondidos. Além de atrapalhar a fiscalização de blitzes, como a da Lei Seca, a informação sobre a localização pode ajudar criminosos a armar tocaias para policiais. Para os críticos, ao não usar todo esse poder humano para alertar usuários sobre zonas de risco, o Waze estaria negligenciando ajuda a seus usuários. Se o aplicativo pode informar onde estão os policiais, por que não diz onde estão os bandidos?



TRAGÉDIA
Francisco
Múrmura
é consolado.
O endereço errado
colocou sua
mulher na mira
de traficantes



OUTRAS VÍTIMAS DE ROTAS PERIGOSAS

A morte de Regina foi o terceiro episódio violento envolvendo o uso do Waze no Rio de Janeiro



TADEU AGUIAR E SÉRGIO MENEZES

Em março, o ator Tadeu Aguiar estava a caminho de um teatro em Nova Iguaçu com o colega de peça Sérgio Menezes. Ao usar o Waze para buscar uma rota alternativa, foram parar no Morro do Chapadão. Foram assaltados e ameaçados com armas. “Achei que eu ia morrer”, disse Tadeu.



FABIANA KARLA

A atriz estava indo para um evento em Niterói e usou o Waze para chegar ao local. Sem saber, foi parar na favela do Caramujo, a mesma em que Regina e seu marido entraram por engano. O carro da atriz foi atingido por tiros.

Procurada por ÉPOCA, a empresa não quis dar entrevista. Disse, em nota, que “infelizmente é difícil impedir que motoristas naveguem para uma região perigosa se for o destino selecionado, pois pessoas que moram nessas áreas precisam chegar em casa”. Também anunciou que se reuniria com autoridades do Rio de Janeiro para obter conhecimento que possa ser aplicado na identificação de rotas que têm maior risco e, ao mesmo tempo, manter o serviço aberto a todos. Para Carlos Affonso, diretor do Instituto de Tecnologia Social (ITS) e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é preciso ter cautela na responsabilização do Waze. Ele defende que a ferramenta tenha um sistema que alerte sobre áreas de risco, ainda que pessoas que morem nessas regiões eventualmente tenham dificuldades em usar o serviço. “Essa camada de interação humana cria-

da pelo Waze oferece um efeito colateral semelhante ao de qualquer rede social que dependa de conteúdo postado por terceiros”, afirma. “Mas a experiência da internet mostra que o melhor caminho para ter a informação mais segura é oferecer a maior quantidade de ferramentas para a colaboração.” Para Affonso, aplicativos como o Waze funcionam tão bem e são tão úteis que acabamos depositando neles uma confiança excessiva. Não podemos nos esquecer, porém, dos problemas que afetam nossas cidades.

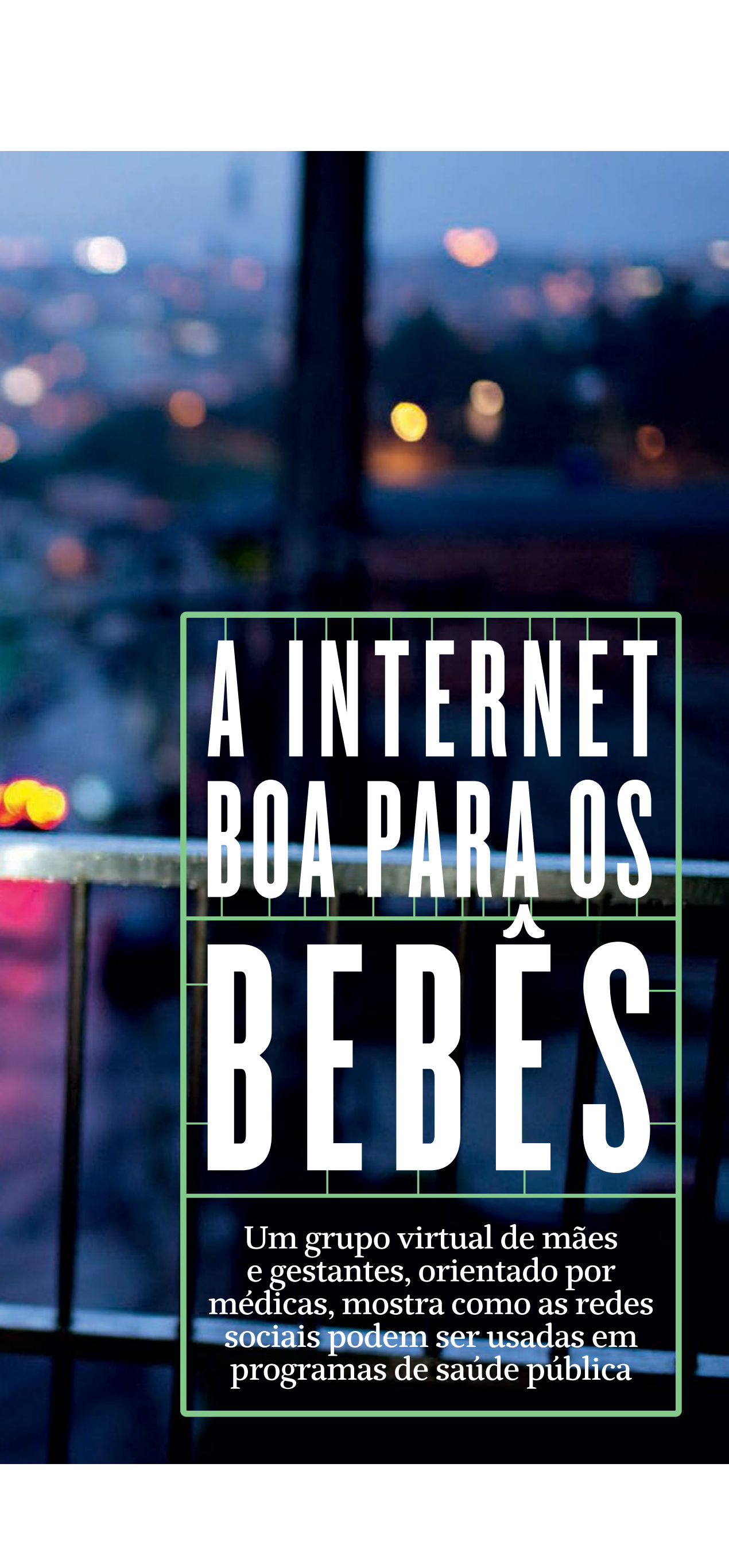
Jogar a responsabilidade na tecnologia e concentrar a discussão em torno de funções presentes ou possíveis no Waze é um desvio perigoso do debate. Mais objetivo do que exigir melhorias no aplicativo seria cobrar os responsáveis pela falta de segurança das cidades brasileiras, um problema crônico que antecede o surgimento do GPS, da in-

ternet e dos celulares. Um balanço realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, divulgado na semana passada, mostra que em 2014 foram registradas 58.559 mortes violentas intencionais, uma média de sete a cada hora ou 160 óbitos por dia (*leia mais na página 48*). A culpa é do Waze ou dos traficantes que fizeram os disparos? Ou do Estado, que falha em oferecer segurança à população? Ao permitir interação e a autorregulação em tempo real de milhões de usuários, o Waze revela-se um dos melhores exemplos de como a tecnologia pode ser democrática. O assassinato de Regina só evidencia que o que não é democrático no Brasil são nossas cidades, que têm áreas dominadas pelo crime organizado. São os bandidos que decidem quem pode ou não pode passar por ali e punem com violência quem lhes desobedece. ♦

VIDA

FRONTEIRAS
DA SAÚDE

CONECTADA
Ariany da Silva
e a filha, Gabrielle.
Ariany recebeu
orientação médica
pelo Facebook
durante a gravidez



A INTERNET BOA PARA OS BEBÊS

Um grupo virtual de mães e gestantes, orientado por médicas, mostra como as redes sociais podem ser usadas em programas de saúde pública

Marcela Buscato

Ariany da Silva, de 24 anos, e Simeia Prado, de 30, moram a 3.000 quilômetros de distância. Ariany, no Capão Redondo, um bairro da periferia de São Paulo. Simeia, em São José de Ribamar, cidade a uma hora de São Luís, no Maranhão. Elas nunca se viram. Mas, no último ano, compartilharam muitos dos momentos mais especiais de suas vidas: a expectativa pela chegada do primeiro filho. Elas fazem parte de um grupo virtual monitorado por uma pediatra e uma obstetra, no Facebook, a maior rede social do planeta. Ali, desde que ficaram grávidas, Ariany e Simeia recebem informações sobre o desenvolvimento do bebê e hábitos necessários a fim de garantir uma gestação saudável.

Nos últimos meses, desde que suas filhas nasceram, dividem com outras mulheres o desafio de aprender a cuidar de Gabrielle, de 6 meses (filha de Ariany), e Lara Giovana, de 4 meses (filha de Simeia). As mães novatas aproveitam os poucos minutos de calma, quando as meninas dormem ou quando mamam tranquilamente, para espiar o celular e conferir o tópico do dia, compartilhado pelas médicas. “É um espaço em que ficamos à vontade para tirar dúvidas”, afirma Simeia. Em meio a saraivadas de palpites da família e de amigas, ela esclareceu, com informações do grupo, a posição mais segura para Lara dormir: de barriga para cima. “Alguns assuntos o médico, no consultório, não tem muito tempo para explicar”, diz Ariany, que aprendeu a identificar os sintomas da perigosa pressão alta para as gestantes. As 600 mães que participam do grupo leem diariamente dicas e orientações gerais, respondem a enquetes e trocam experiências.

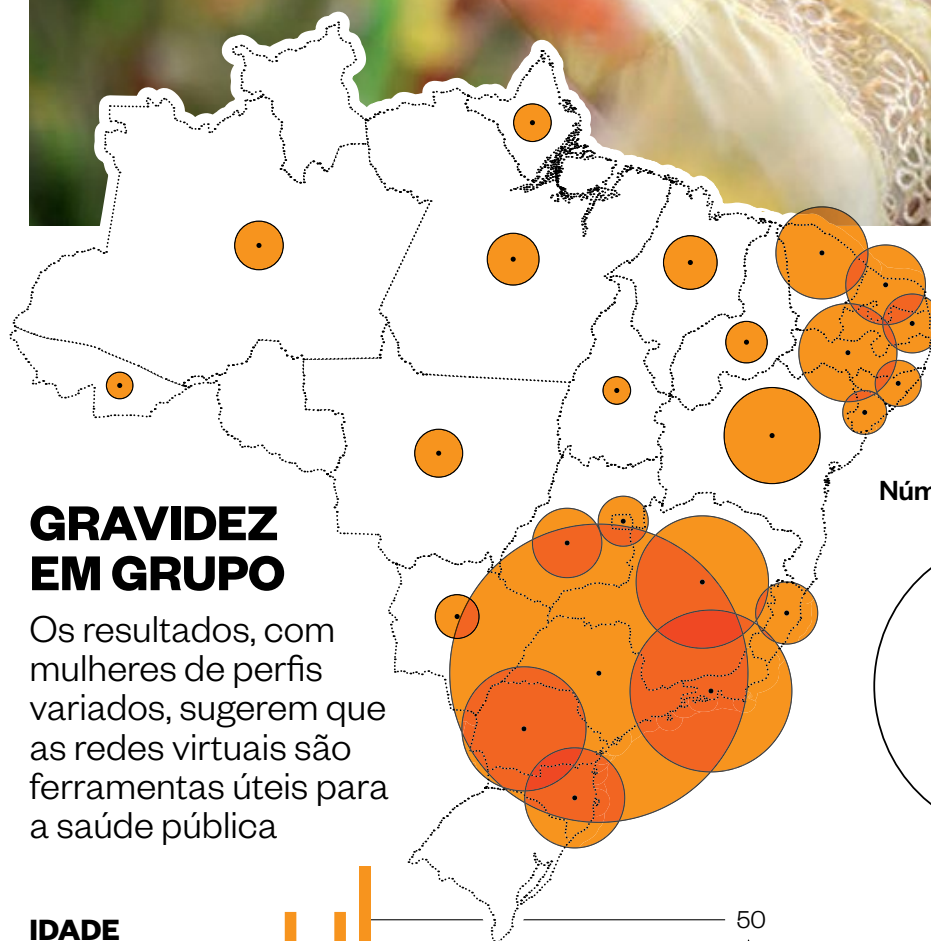
O grupo virtual de que Ariany e Simeia fazem parte, o Boas-Vindas Bebê, explora uma nova fronteira na promoção da saúde: como usar a internet para disseminar hábitos saudáveis. Já existem aplicativos e grupos on-line que ajudam a praticar atividades físicas, parar de fumar e perder peso. A ideia não é substituir a interação cara a cara com o médico, mas usar um recurso mais barato – e, talvez, mais persuasivo – para convencer o cidadão a adotar hábitos que o manterão longe do hospital por mais tempo. ►

FRONTEIRAS DA SAÚDE

“Temos visto muitas plataformas proliferar e ganhar aceitação”, diz David Roman, analista de tecnologia aplicada à saúde no banco de investimento Goldman Sachs. Roman é autor de um estudo que estima que US\$ 300 bilhões poderiam ser poupados se a internet fosse usada para monitorar pacientes à distância e incentivar hábitos saudáveis. “É uma revolução em curso”, diz Roman.

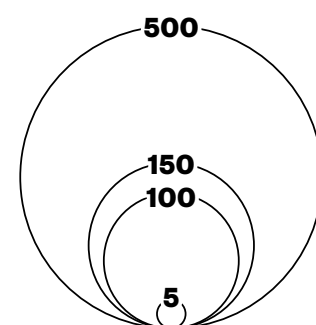
A compilação dos dados do primeiro ano de vida do Boas-Vindas Bebê sugere que as redes sociais são uma boa maneira de alcançar pessoas com perfis socioeconômicos diferentes e espalhadas por grandes territórios. Os efeitos parecem animadores: as informações divulgadas e a troca de experiência entre as participantes se traduzem em ganhos para a saúde das mães e dos bebês (*leia o quadro ao lado*). A combinação desses fatores indica um futuro promissor das redes sociais virtuais como ferramentas de políticas de saúde pública. “Elas são uma forma mais barata para levar informações, porque não dependem de que o paciente vá a um posto de saúde ou receba a visita de um agente comunitário”, diz Ana Maria Escobar, a face médica do Boas-Vindas Bebê, organizado com a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, de apoio à infância, e a Danone. Professora da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Ana é parte importante do sucesso do projeto. Para conquistar a confiança das mães, usou seu conhecimento e sua empatia com o público, aprimorada por anos de exposição como consultora do programa *Bem estar*, da Rede Globo.

As mulheres que participam do Boas-Vindas Bebê contam com orientações virtuais, mas não abrem mão do pré-natal tradicional, feito no posto de saúde ou no consultório do médico. Quase 90% fizeram sete ou mais consultas durante o período, número considerado adequado pelos médicos. A comparação com mães que fizeram o pré-natal em um hospital público, sem contar com o grupo virtual, sugere que o impacto da rede social é positivo. O confronto foi feito com subgrupos de mães da comunidade virtual e do hospital que tinham características semelhantes, como nível de instrução. É uma maneira de evitar diferenças que afetam o comportamento. Apenas 3,9%



ONDE MORAM
Mães de 23
Estados e do DF
participam

Número de participantes

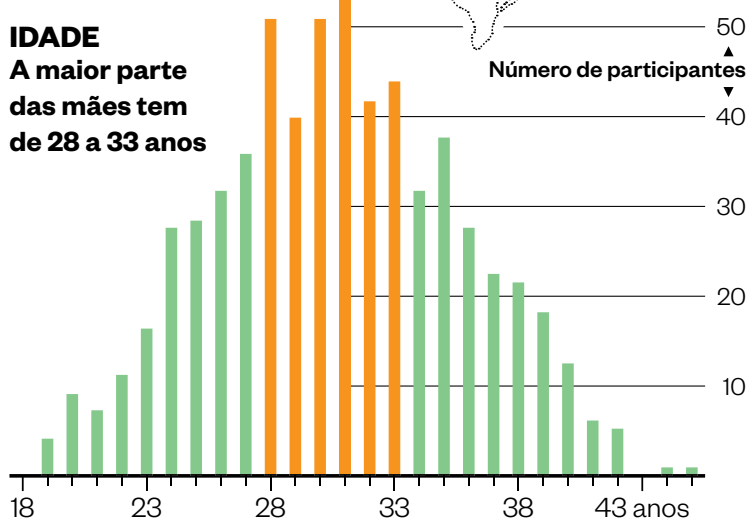


GRAVIDEZ EM GRUPO

Os resultados, com mulheres de perfis variados, sugerem que as redes virtuais são ferramentas úteis para a saúde pública

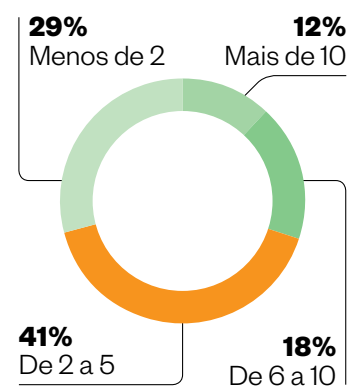
IDADE

A maior parte das mães tem de 28 a 33 anos



RENDA

Quanto ganham as mães, em salários mínimos



(*) Comparações com controle por fatores como idade e nível de instrução

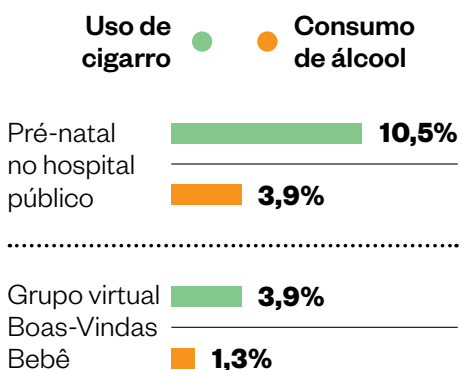
Fonte: Pesquisa Boas-Vindas Bebê – AJR Educação para a Saúde, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal e Danone

PELO CELULAR
Simeia Prado
e a filha, Lara
Giovana. No grupo
virtual, Simeia
tirou dúvidas
que restavam
após a consulta



O EFEITO DA REDE

As mães atendidas em um hospital público relataram fumar e beber mais que as participantes do grupo*



ONDE SE INFORMAM

A internet é a principal fonte

Internet	529
Médicos	421
Meios impressos	337
Televisão	303
Mãe	191
Amigos	120
Família	109
Professores	38
Rádio	23

das mães do projeto fumaram durante a gravidez. Entre as grávidas que só fizeram pré-natal no hospital, esse número foi maior: 10,5% fumaram. Um efeito semelhante aconteceu com o álcool. Entre as grávidas do grupo virtual, 1,3% beberam, enquanto 3,9% das mulheres que frequentaram o hospital ingeriram bebidas alcoólicas.

Ainda há poucas pesquisas que avaliem, com metodologia científica, a eficácia de programas do gênero. Um número menor ainda estuda como esse tipo de iniciativa poderia ser usado em grande escala, em políticas de saúde. Experiências mais elaboradas terão de averiguar se as mães dispostas a participar do grupo são aquelas já mais preocupadas com sua saúde e a do bebê e, por isso, cultivadoras de hábitos mais saudáveis (independentemente do que leiam ou escrevam no grupo).

Estudos que compilam várias pesquisas, conhecidos como revisões sistemáticas, são úteis porque ajudam a reduzir esse tipo de distorção. Uma análise de dez pesquisas, com 113 mil participantes, feita por pesquisadores australianos, encontrou algumas evidências modestas da eficácia de programas de saúde em mídias sociais. A possibilidade de monitorar desempenho e tirar dúvidas com especialistas à distância parece fazer diferença, diz o educador físico Corneel Vandelanotte, pesquisador da Universidade de Queensland Central, um dos autores da revisão científica. Mas houve conclusões dúbias. Participantes de projetos digitais para perder peso, parar de fumar ou fazer mais atividades físicas não se saíram melhor do que aqueles que fizeram o tratamento tradicional, com visitas presenciais ao médico. “Precisamos de mais pesquisas para ter respostas definitivas”, afirma Vandelanotte.

A vantagem das redes sociais é conquistar um número maior de participantes e mantê-los por mais tempo engajados na rotina desejada. A ciência já sabe que o apoio de outros é um componente fundamental na adoção de hábitos saudáveis. “Nas redes sociais, o interessado pode encontrar o incentivo que não encontra na própria família”, diz a médica americana Caroline Richardson, da Universidade de Michigan. Um estudo conduzido por

Caroline e colegas, com 324 voluntários, mostrou que os que mais participavam de um grupo de discussão virtual, dentro de um projeto de caminhada, eram os que diziam contar com menos apoio de amigos e parentes na vida off-line. O número de participantes que concluiu o programa de caminhada foi 13% maior entre os voluntários que estavam no grupo on-line do que entre os que não estavam.

Outro ponto a ser esclarecido é que tipo de rede social é mais eficaz para projetos de saúde: as feitas especificamente para essa finalidade ou as já populares? A revisão de estudos feita pelos australianos sugere que projetos que usaram como plataforma redes conhecidas, caso do Boas-Vindas Bebê, tiveram resultados melhores. Eles conseguiram que entre 77% e 96% dos voluntários participassem até o fim. Nas redes criadas só para o projeto, a desistência chegava a 50% dos voluntários. “O desafio é manter a atenção das pessoas nas mídias sociais populares em meio a tantos atrativos de entretenimento”, diz a pesquisadora Carol Maher, da Universidade do Sul da Austrália, uma das autoras do estudo.

Enquanto os especialistas em saúde e em tecnologia lidam com dúvidas, os governos agem com cautela. No Brasil, Facebook, Twitter e Instagram são apenas canais adicionais para veicular avisos sobre campanhas, como as de vacinação, e informações básicas. Nos Estados Unidos, o órgão responsável pelo controle epidemiológico, o CDC, começa a avaliar como desenvolver programas especificamente nas redes sociais. “Existe o risco de que as informações sejam mal interpretadas e até de espalhar medo e pânico”, afirma Amy Rowland, especialista em comunicação do CDC. O temor é compreensível, mas a presença de informações de saúde na internet é melhor que sua ausência. “Quem pesquisa pergunta mais ao médico e tem mais condições de participar das decisões sobre sua saúde”, diz Wilma Madeira, autora de pesquisas sobre o impacto da internet na relação entre médicos e pacientes. Hoje, o cidadão já transita pelas redes sociais virtuais. E sua atenção é disputada por toda sorte de palpites e boateiros. Todos nos beneficiaremos se autoridades e especialistas aprenderem a ocupar ao menos parte desse espaço. ♦

Imprima o vestido, conecte a bolsa

Mais lentamente do que gostaríamos, a tecnologia chega às passarelas. Ela transforma em tendência um desejo: peças com múltiplas funções. E belas, claro

Bruno Astuto, de Paris

Salto alto ou rasteirinha, saia curta ou comprida? Numa era em que dispositivos eletrônicos despertam mais desejo que roupas de grife, essas discussões parecem tão fora de moda quanto um vestido da coleção passada. Não sem motivo, antes de seu desfile na quarta-feira passada em Paris, a grife francesa Louis Vuitton projetou num telão de LED um filme em que um modelo se movimentava num cenário high-tech, usando óculos de realidade virtual do jogo digital *Minecraft*. No dia anterior, a Chanel colocou na passarela chinelos com microlâmpadas que ajudam a usuária a caminhar no escuro sem tropeçar. As marcas de luxo, ainda muito timidamente, abrem espaço para o que promete ser a mais profunda transformação na moda desde que a inglesa Mary Quant inventou a minissaia para a revolução de costumes dos anos 1960: a tecnologia vestível, conhecida pela sigla WT, do inglês *wearable technology*.

No dia 4 de novembro, ocorrerá o primeiro seminário sobre o tema em São Paulo, no Centro Universitário Belas Artes. O Wearable Festival tem curadoria da jornalista Alexandra Farah, especialista na relação entre WT e moda. Entre os palestrantes convidados estão a estilista israelense Danit Peleg,

que lançou no fim de 2014 a primeira coleção de roupas inteiramente fabricadas na impressora 3D de sua casa, e a peruana Katia Vega, que criou extensões capilares e cílios postiços capazes de enviar comandos a telefones, luzes e portas, úteis para portadores de deficiência motora. “Em plena semana de moda em Nova York, no ano passado, o assunto que pautou os jornais não foram as passarelas, mas o lançamento do Apple Watch”, diz Alexandra Farah. “E ele já nasceu antigo, porque pensa no relógio da maneira clássica, com a inteligência concentrada no visor. Em breve, a pulseira toda vai conversar com o corpo do usuário.”

A marca inglesa de sapatos United Nude, do arquiteto Rem D. Koolhaas, sobrinho e homônimo do lendário arquiteto, e do designer Galahad Clark, é uma das pioneiras em WT. Nos últimos dois anos, seu ateliê investe em desenvolver sapatos que possam ser “baixados” em computadores pessoais e produzidos em impressoras 3D caseiras. Assim, um modelo assinado pela arquiteta iraquiana Zaha Hadid ou pela estilista Iris van Herpen poderá ser impresso em casa, em náilon e borracha. Hoje, há um sapato da marca que pode ser baixado por US\$ 35. “O consumidor vai poder inventar e fabricar suas rou-





ESTILO TECNOLÓGICO

1. A abertura do desfile da Louis Vuitton em Paris brincou com realidade virtual e jogos digitais
2. A bolsa da Ralph Lauren que recarrega o celular
3. Um vestido da estilista Danit Peleg. Ela produziu uma coleção inteira na impressora 3D que tem em casa

pas e acessórios em casa”, diz Alexandra. “Ele pagará pelo design dos estilistas de que gosta, não pela fabricação do produto. É o que aconteceu na música: você não compra mais o CD, e sim a música, que está na ‘nuvem.’”

As primeiras peças de WT de massa são as pulseiras que medem indicadores vitais como frequência cardíaca e qualidade de sono. “Mas elas eram esteticamente desinteressantes”, diz o administrador suíço radicado no Brasil Immo Paul, dono da Carenet, desenvolvedora de software para WT. “Agora, há uma preocupação com o estilo, e essas funções vão se integrar às roupas.”

Aos poucos, os estilistas das marcas de luxo e executivos e engenheiros de tecnologia descobrem o que podem fazer juntos. A Apple e a grife francesa Hermès lançaram juntas novos modelos do Apple Watch. Acabam de chegar às lojas brasileiras da Ermenegildo Zegna duas jaquetas equipadas com um painel gerador de calor integrado. A

Ralph Lauren criou um modelo de sua famosa bolsa Ricky Bag com lâmpadas de LED que iluminam seu interior e entrada USB que carrega o celular da usuária enquanto ele está guardado (a bolsa, por sua vez, pode ser recarregada no computador). A marca Opening Ceremony criou a pulseira Mica, com pedras semipreciosas, que recebe mensagens de texto. E a Visa lançou na semana de moda de Londres, em parceria com a grife House of Holland, anéis em formato de insetos coloridos que funcionam como cartão de crédito. O Google desenvolve, com a grife de jeans Levi's, o Projeto Jacquard. Ele mistura filamentos de componentes eletrônicos com fibras têxteis. O usuário poderá atender o celular pressionando um ponto da roupa. O movimento é irreversível: mais do que babados ou bordados, a roupa terá de trazer algo de mais útil que status ou mais instigante que mera proteção contra o frio. Terá de conectar o usuário. ♦

Bruno Astuto

brunoastuto@edglobo.com.br



Aqui se faz, aqui se paga

A partir do dia 20, a novela *Além do tempo* terá um salto de 150 anos em sua história, feito inédito na TV brasileira. “Vamos mudar completamente de época, cultura, cenários, figurinos e linguajar. Os personagens principais morrem e, 150 anos depois, começam a se encontrar, em outras vidas, no mesmo lugar, no Sul. Eles vão, então, digamos, ajustar seus carmas. O que fizeram na vida passada terá impacto na futura”, diz o diretor **Rogério Gomes**. Ele tem apenas três dias para desfazer toda a atmosfera do século XIX e trazer a trama para os dias atuais. “A Alinne Moraes não terá tempo de luto para sua personagem. Ela termina de gravar em um dia e, pouco depois, já encarna o novo papel.”

Musa brasileira

Há mais de 25 anos instalada no país, a lendária grife francesa Louis Vuitton nunca tinha recrutado uma brasileira para seu seleto time de “fiéis”, formado por atrizes, socialites e manequins que só usam roupas e acessórios da grife em suas aparições sociais e são convidadas para se sentar na primeira fila dos desfiles em Paris. Na semana passada, depois de muita procura e nomes recusados pelo estilista **Nicolas Ghesquière**, a lacuna foi preenchida. Foi ele quem elegeu a jovem atriz **Sophie Charlotte**, de 26 anos, para integrar seu pelotão de musas, que inclui as atrizes hollywoodianas Michelle Williams e Jennifer Connelly. Sophie visitou o ateliê da marca, em Paris, e a casa onde Louis

Vuitton morou depois que começou seu negócio, em 1854. “É maravilhoso você representar uma marca que está tão voltada para o futuro sem deixar de valorizar sua história, tão rica”, diz Sophie. Nos bastidores do desfile, os comentários giravam em torno da simplicidade da nova musa, que não exigiu levar acompanhante, penteou o cabelo e se maquiou sozinha e adorou o primeiro look que lhe propuseram. Nicolas a chamou pelo nome, diz que a escolheu por fotos e avisou que estava a caminho do Rio de Janeiro nesta semana. “Você sabia que farei o desfile da Coleção Cruise lá em maio?”, disse Sophie. A essa altura, ela já terá nos braços o filho – ou filha – que espera com o ator Daniel de Oliveira.





Fora do padrão

Marina Ruy Barbosa volta ao ar em novembro como Eliza, a protagonista de *Totalmente demais*, próxima novela das 19 horas da Globo. “Ela é uma mocinha muito diferente do estereótipo a que estamos acostumados. No primeiro capítulo, aparece suja, toda desgredada”, diz Marina. Na trama de Rosane Svartman e Paulo Halm, a atriz vive uma vendedora de flores que sai de casa, no interior, na tentativa de virar modelo. Mas nem tudo sai como o planejado e Eliza passa a viver nas ruas. Enquanto a estreia não chega, Marina foi clicada para a capa da revista *BT*, da Bodytech, usando o BTFit, aplicativo de atividade física lançado pela rede de academias. “É claro que, sempre que tenho tempo, faço atividades como kickboxing e aulas de ginástica localizada, mas não me privo de comer nada”, diz ela, em seus enxutos 49 quilos.



Comemoração dupla

Um dos maiores nomes da moda nacional, **Alexandre Herchcovitch** acaba de lançar o livro que celebra seus 20 anos de carreira, com 11 entrevistas feitas por pessoas ligadas a sua história, e abre a São Paulo Fashion Week no dia 18. O estilista quebra o silêncio e fala dos filhos que adotou com o marido, o empresário Fábio Souza. Ao contrário do que muitos pensam, eles não têm apenas um, mas dois meninos, cujos nomes, rostos e idades não revelam. O processo da guarda definitiva já está concluído. “Sempre quis ser pai. É claro que a organização do seu dia muda. Preciso ser mais regrado com horários, por exemplo. Mas, como sempre fui muito organizado e objetivo, isso não está sendo um problema.”

Mais que o filho de Cássia

Até agora restrito a shows intimistas, **Chico Chico** se prepara para uma grande apresentação, ao lado da cantora Júlia Vargas, na próxima quinta-feira, dia 15, no lendário palco do Circo Voador, no Rio de Janeiro. “O negócio é subir no palco, e isso a gente não faz diferente em lugar nenhum”, afirma o filho da cantora Cássia Eller. Ele diz que não suporta as comparações com os trejeitos e o timbre da mãe. “Entendo, mas me incomoda.” Indagado se a parceria com Júlia vai além da vida profissional, ele deixa escapar: “É claro que tem amor, muito amor, senão o som não sai direito”. E é a favor de descriminalização da maconha? “Sim, com certeza. A proibição é uma guerra aos pobres. Não só da maconha, mas a favor da legalização das drogas. É uma questão de saúde, não de polícia.”





ENTREVISTA

Sandy
cantora

“Sou uma dona de casa enlouquecida”

Depois de um ano e meio afastada dos palcos, **Sandy** está de volta, com ingressos esgotados para o primeiro show da turnê *Sandy 2015*, no dia 10, no HSBC de São Paulo. A casa teve de abrir o dia seguinte para dar conta da procura. Nos dias 13 e 15 de novembro, a cantora gravará novo DVD e CD no Teatro Municipal de Niterói, no Rio de Janeiro, com participação de Gilberto Gil e Tiago Iorc. Casada com o músico Lucas Lima, Sandy deu uma pausa para cuidar do filho, Theo, de 1 ano e 3 meses, e para participar do programa *Superstar*. “Tive de cancelar o terceiro álbum de estúdio porque teria de pensar num repertório inédito e levaria muito tempo.”

ÉPOCA – O que mudou com a maternidade?

Sandy – Sou uma perfeccionista incurável, mas a maternidade ensina muito. Fiquei menos exigente. Tem de ter jogo de cintura. Ser mãe é melhor do que imaginei e estou babando o tempo inteiro. Uma das coisas mais importantes foi mudar o foco. Cresci acostumada aos holofotes, agora aprendi a olhar o outro.

ÉPOCA – A vida amorosa ficou de lado com a maternidade?

Sandy – O Lucas e eu conseguimos encontrar um equilíbrio para não esquecer um do outro e manter o relacionamento aquecido. Ele é um paizão e isso faz com que eu fique ainda mais apaixonada. O romance até melhorou.

ÉPOCA – Como lida com a fama?

Sandy – Não faço nada pensando em ter sucesso ou ganhar status de celebridade. Sou uma dona de casa enlouquecida. Tenho uma vida normal. Sou mãe, limpo o cocô do meu filho. Esses dias



GENTE COMO A GENTE

Sandy: “Tenho uma vida normal. Sou mãe, limpo o cocô do meu filho”

ele vomitou em mim. Com isso, não dá para lembrar da minha fama. Fico muito irritada de ser vista como uma pessoa não humana. Não dou muita polêmica e isso não é interessante para a imprensa, porque gosto de preservar minha vida pessoal e as pessoas confundem com arrogância. Isso me deixa chateada.

ÉPOCA – Pretende fazer um encontro de comemoração dos 25 anos de Sandy e Junior?

Sandy – Percebo uma certa movimentação do público, mas não bateu a vontade na gente. Estamos bem na carreira solo. Não posso dizer nunca. Se der vontade de fazer uma coisa informal para comemorar essa história que vivemos juntos, tudo bem. Mas não é um plano nosso.

Dona de si

Anitta acaba de lançar *Bang*, seu novo single e clipe que conta com a direção de Giovanni Bianco, responsável pela direção de arte dos últimos CDs e turnês de ninguém menos que Madonna. “Conheci Giovanni em um jantar, me encantei e começamos a trabalhar juntos. Ele foi muito solícito, ouviu tudo o que eu queria passar para o público. Foi ele quem sugeriu o nome *Bang* ao disco e criou todo o conceito”, diz Anitta. Depois de um desentendimento com sua antiga empresária, Kamilla Fialho, que resultou até em briga na Justiça, Anitta passou a ter as rédeas da própria carreira. “Não tenho empresários. Tenho uma equipe incrível. Mas centralizo as decisões em mim. Crio os projetos e estratégias, faço as reuniões e conduzo o trabalho para que saia da maneira que pensei”, afirma. Sobre as críticas a seu estilo espontâneo, Anitta dá de ombros. “Sou livre, feliz, independente, e isso minimiza a importância de comentários negativos.”



IX FÓRUM INTERNACIONAL DE MARKETING ESPORTIVO DE RESULTADOS

DIAS 21 E 22 DE OUTUBRO

Objetivo:

A ABA Rio irá reunir especialistas e grandes profissionais ligados ao Marketing Esportivo no Brasil e Exterior, e serão abordados aspectos pertinentes aos esportes em geral e considerações relevantes sobre: Gestão do Futebol no Brasil e Exterior; o status dos preparativos para os jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016, esportes radicais e alternativos; e também outras modalidades esportivas não olímpicas.

Público-Alvo:

Dirigido aos profissionais de marketing, comunicação, jornalismo, relações públicas, educação física, administração, direito esportivo, psicologia, publicidade e demais interessados no mercado esportivo. Indispensável para empresas anunciantes, agências de propaganda e promoção, veículos de comunicação, dirigentes de clubes, federações e confederações esportivas, entidades públicas, ONGs e outras entidades interessadas na área de esportes.

PALESTRANTE INTERNACIONAL: Esporte sustentável
• **Ian Mckee**, Diretor de Sustentabilidade do Institute for Sustainability Management in Sport e fundador do Copa Verde.

DEMAIS PARTICIPAÇÕES:

- **José Carlos Brunoro**, BSB, Especialista em Marketing Esportivo e Brasília Futebol Clube
- **João Ciaco**, Fiat Chrysler Automóveis
- **Fred Luz**, Flamengo
- **Eric Albanese**, Ol e ABA Rio
- **Sérgio Domenici**, Liga Nacional de Basquete
- **Fred Gelli**, Tátil Design de Ideias
- **Roberto Trinas**, Palmeiras
- **Malu Antônio**, Fiat
- **Leandro Coelho Rosa**, Furnas
- **Rafael Davini**, ESPN Brasil
- **Mariana Lemos**, Nissan do Brasil Automóveis
- **Tânia Braga**, Comitê Organizador dos Jogos Rio 2016
- **Diego Oliveira**, Ipsos Connect
- **Hélio Cabral**, Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016
- **Beth Lula**, Rio 2016
- **Sérgio Azevedo**, ABA Rio
- **Álvaro Cotta**, Liga Nacional de Basquete
- **Marcelo Vido**, Flamengo
- **Leonardo Castro**, Flamengo
- **José Colagrossi**, IBOPE REPUcom
- **Fábio Medeiros**, Esporte Interativo

- **Diego Pagura**, Ipsos Connect
 - **Henry Lehot, O'Surfe**, Organização Surf do Brasil e Federação de Surf RJ
 - **Guilherme Zattar**, Off
 - **Bruno Cremona**, Ol
- E outros. Conheça a programação completa no site www.aba.com.br

Valor da Inscrição:

Associados da ABP, CENP, AMPRO RJ, ABAP Rio, ABEP, Grupo de Mídia RJ:
R\$ 1.200,00
Associados da ABA: R\$ 1.000,00
Demais interessados: R\$ 1.400,00
Estudantes de graduação: R\$ 700,00

Inclusos: Coffee-breaks e certificado online de participação. O conteúdo das palestras, liberado pelos palestrantes, será enviado por e-mail em até 10 dias úteis após o evento.

Informações e Inscrições:

21 2292-8399 | 11 3283-4588
www.aba.com.br
E-mail: eventos@aba.com.br
aline@aba.com.br

Local:

Espaço Furnas Cultural
Rua Real Grandeza, 219 – Botafogo
Rio de Janeiro/RJ

Patrocínio Master:



Co-patrocínio:



Educação:



Promoção:



Apoio Especial:



Realização:



Apoio:





WALCYR CARRASCO

A moda das caveiras

Quando eu tinha uns 11, 12 anos, não sabia se queria ser escritor ou pintor. Cheguei a ousar umas horrendas paisagens a óleo. Mais tarde fiz cursos de desenho criativo. Enfim, as artes plásticas me acompanharam ao longo da vida. Há algum tempo, resolvi fazer caveiras. Fazer é modo de falar, já que os escultores nem sempre são os realizadores finais das obras, mas idealizadores. Comprei caveiras de resina de uma empresa que fornece para uso em escolas. Descobri com dificuldade um ateliê que faz roupas para carnavalescos. Comprei cristais Swarovski. E “fiz” caveiras de cristais colados um a um, pretas, brancas, e até ousei outras cores. Todos que vêm a minha casa adoram, cheguei a dar algumas de presente. Um sucesso. Tanto que um amigo, Luiz Carlos Began, dono de um antiquário e da Baccarat, convidou-me para expor as caveiras, em edição limitada e numerada. Coquetel, lançamento. Eu me senti o máximo e já me via nas páginas da *Casa Vogue*. Faz uns dois anos. Mas aí fui para Amsterdã. Caminhava por uma rua repleta de galerias quando numa vitrine eu vi... as minhas caveiras! Voei para dentro.

Não eram exatamente as mesmas. Muito parecidas. Cobertas por um tecido brilhoso, de acabamento, juro, inferior às minhas. Mas a assinatura, ah, a assinatura! Era do Damien Hirst, considerado um dos maiores artistas vivos. Sim, eu me havia inspirado nele, que criou uma absurdamente milionária caveira coberta com brilhantes. Creio que a obra de arte atual mais cara do mundo. As caveiras do Damien vinham acompanhadas de um livrinho, sobre seu trabalho com crânios. Custavam uma grana em euros. O esperto havia popularizado sua caveira original! Eu não podia mais fazer meu coquetel. Diriam que estava copiando!

Só então descobri que as caveiras entraram na moda. Fui para a França e comprei a obra de outro artista, uma caveira negra coberta de mariposas. Lindíssima, embora a descrição aqui possa parecer assustadora. Uma outra de cristal. Meu amigo Began, ele de novo, me presenteou com um aparelho de som em forma de uma gigantesca caveira. Incrível. Outro amigo me deu uma caveira de pedra, encontrada na internet.

É fascinante como algo entra na moda. Caveiras sempre foram prestigiadas em grupos de rock. Entre os góticos, darks, punks. É a primeira vez que uma moda iniciada num nicho tão especial conquista as diversas classes sociais. Flá-

vio, outro amigo, me trouxe uma camiseta com caveira, que eu sei que não custou muito. Mas que fica ótima. Em compensação, numa coleção deste ano, a Dolce & Gabbana lançou uma camisa polo coberta de caveirinhas. Comprei. Um amigo me deu uma bijuteria com uma caveirinha negra. Outro usa um anel com uma enorme caveira, que toma o dedo todo. Caveiras são chiques, estéticas. A dona de uma importante galeria de São Paulo me disse:

– Caveiras estão com tudo.

Outro dia na aula de ioga fiz uma posição estranha, mas na qual me achei muito confortável. O professor explicou.

– Essa é a posição de Kali. Uma deusa que usa um colar de caveiras.

Kali é também uma deusa da destruição. A palavra destruição em si parece assustadora. Mas, quando usada no sentido esotérico, pode significar o fim para o novo

começo. Nem sempre a carta da Torre sendo destruída por um raio no tarô, considerada péssima para os iniciantes, é de fato ruim. A Torre pode ruir, para depois se fazer um edifício melhor. É assim que se interpreta o mito da destruição, não como o fim, mas como a chance de um recomeço.

A moda das caveiras pode simbolizar algo assim. A vontade de voltar ao essencial, sem máscaras. Em *Hamlet*, de Shakespeare, quando o príncipe olha uma caveira, numa cena antológica, pergunta:

– Ser ou não ser? Eis a questão.

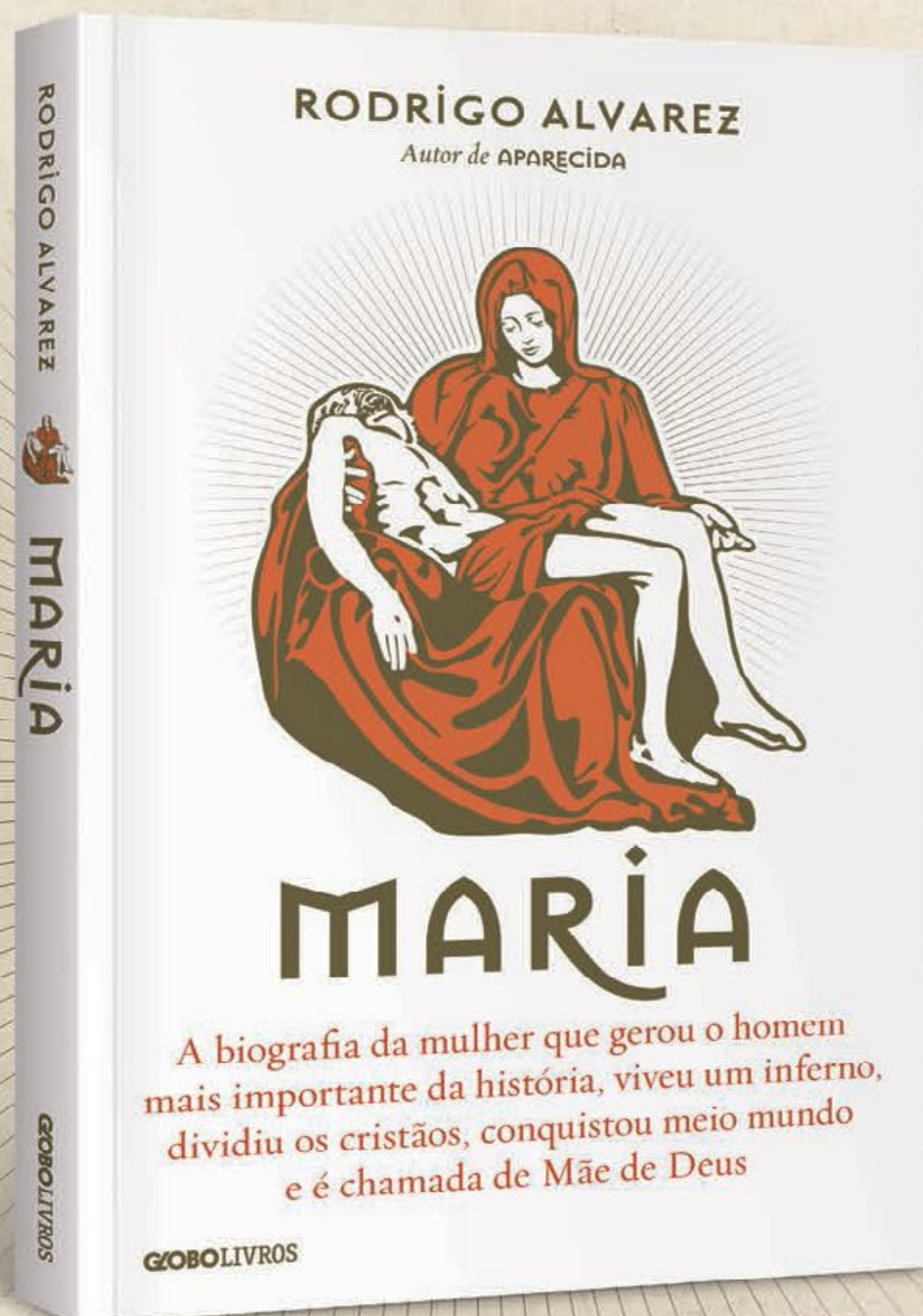
Na caveira, resta a grande verdade sobre todos nós. Temos um tempo para existir. Para realizar. Tudo termina, desaparece. Grandes questões de ego, vaidades, desaparecerão como pó, como já se foram civilizações inteiras.

Talvez a moda das caveiras, que a princípio pode parecer aterrorizante, até doentia, seja na verdade salutar. As pessoas estão, mesmo que através da arte (e não é para isso que existe a arte, afinal?) e da moda, fazendo um grande questionamento íntimo.

Seja como for, eu aderi. Se tivesse brinquinho de caveira, usava. É uma moda, uma estética. Mas o mundo se renova. Em breve, talvez sejam anjos. Por via das dúvidas, também comprei uma camiseta com umas asas desenhadas. De caveira a anjo, nunca se sabe. ♦

Walcyr Carrasco é jornalista, autor de livros, peças teatrais e novelas de televisão

DO MESMO AUTOR
DO BEST-SELLER APARECIDA



A Virgem, Nossa Senhora, Mãe de Deus. Todos sabemos quem é Maria, mas qual a sua história? Nesta biografia, Rodrigo Alvarez, correspondente da TV Globo em Jerusalém, nos apresenta diversas faces daquela que se tornou uma das figuras femininas mais importantes de todos os tempos.



EM BUSCA DA VERDADE
Svetlana Alexievich em Lyon, na França, em 2014. O passado soviético é tema de seus livros

A arqueóloga do socialismo real

A jornalista bielorrussa Svetlana Alexievich ganha o Nobel de Literatura por retratar os dramas soviéticos

Ruan de Sousa Gabriel

O que têm em comum uma jornalista bielorrussa que incomoda hoje o governo de uma ex-república soviética e Winston Churchill, o primeiro-ministro britânico que liderou o Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial? Ambos criaram uma obra literária composta quase exclusivamente de obras de não ficção e, com ela, arre-mataram o Prêmio Nobel de Literatura. Na quinta-feira, a Academia Sueca anunciou o ingresso da bielorrussa Svetlana Alexievich, de 67 anos, no panteão de escritores laureados com o Nobel. Svetlana escreve livros que escavam as ruínas do passado soviético e expõem os efeitos colaterais da falência do socialismo real.

A jornalista nasceu na Ucrânia e

se mudou para a Bielorrússia com a família depois que o pai deixou o serviço militar. No vilarejo onde cresceu, ouvia histórias que as mulheres mais velhas contavam sobre a guerra. Não encontrou histórias como aquelas nos livros e concluiu que seria uma boa ideia escrevê-las. Ao longo de mais de quatro décadas, escreveu poemas, ensaios, peças teatrais e roteiros para cinema. Mas seus livros mais notáveis resultam de um trabalho quase arqueológico. O registro do cotidiano e das memórias de seu povo conquistou os votos da Academia Sueca, acostumada a olhar com mais carinho quem compõe obras fictícias.

O Nobel não era concedido a um escritor de não ficção desde 1953 (*leia o quadro*), quando Churchill foi ho-

LITERATURA E REALIDADE

Eles ganharam o Nobel com obras de não ficção



Theodor Mommsen
1817-1903

Estudioso da Roma Antiga, o historiador alemão recebeu o Nobel de Literatura em 1902, na segunda edição.



Henri Bergson
1859-1941

O filósofo francês levou o Nobel em 1927 por seus estudos sobre a relação entre espírito, matéria e memória.



Bertrand Russell
1872-1970

Filósofo, matemático e pensador do pacifismo e do socialismo, o britânico ganhou o Nobel em 1950.



Winston Churchill
1874-1965

O ex-primeiro-ministro britânico escreveu mais de 40 obras e foi laureado com o Nobel de Literatura em 1953.

menageado por sua “brilhante oratória em defesa dos valores humanos”.

Svetlana, que nunca foi editada no Brasil, estava passando roupa em sua casa, em Minsk, capital da Bielorrússia, quando atendeu o telefone e descobriu que ganhara o Nobel. “Fantástico!”, disse ela. A Academia Sueca afirmou que os livros da jornalista são “um monumento ao sofrimento e à coragem” e ressaltou o caráter “polifônico” de sua obra. O mesmo adjetivo já foi associado aos volumosos romances do escritor russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881), nos quais o discurso do narrador não se sobrepõe às vozes dos inúmeros personagens que desfilam ao longo da narrativa. Svetlana recupera essa tradição ao dar voz aos personagens reais que povoam seus livros. *A guerra não tem rosto de mulher*, o primeiro livro da jornalista, que reúne as memórias de mulheres durante a guerra, não foi bem recebido pelas autoridades, que impediram a publicação. *As crianças de zinco*, de 1989, apresenta a trágica invasão do Afeganistão pelos soviéticos do ponto de vista das mães dos soldados mortos. Em 1997, publicou seu livro mais célebre, *Oração de Chernobil* (que, em inglês, recebeu o título de *Vozes de Chernobil: crônica do futuro*). Durante três anos, ela entrevistou mais de 500 sobreviventes do acidente nuclear de 1986 e transformou em literatura as histórias que ouviu.

O único livro de Svetlana disponível em português é *O fim do homem soviético*, editado em Portugal. Nele, ela narra a desintegração do *homo sovieticus*, a identidade formada por décadas de autoritarismo e escassez material. “O homem soviético não desapareceu. Para essa classe de homem, a liberdade é ter 20 tipos de salsicha para escolher”, afirmou a escritora ao receber o Prêmio da Paz dos Livreiros Alemães, em 2013. Svetlana foi perseguida por Aleksandr Lukashenko, presidente bielorrusso que se mantém no poder desde 1994 graças a eleições fraudulentas. O mesmo mérito que agradou à Academia Sueca incomodou o regime: Svetlana até flerta com a ficção, mas seu maior compromisso é com a verdade. ♦



GUSTAVO CERBASI

Oportunismo ou equilíbrio?

Sempre que se prega a ideia de que crises são a época certa para aproveitar oportunidades, é comum ouvir uma réplica de que lucrar nas crises é oportunismo. Ela se baseia na visão de que quem ganha nesses momentos estaria explorando as perdas de outros, causadas pela temida mão invisível do mercado. Pois insisto: as melhores oportunidades surgem nas crises.

Construí honestamente a maior parte de meu patrimônio nas generosas crises que nosso país nos proporcionou nas últimas duas décadas. Questiono a tese do oportunismo. Quem investe na crise teve de se preparar para isso. Em tempos de bonança, a maioria, numa população com limitada educação financeira, cede às tentações e consome mais do que pode, sem reservar o que deveria para o futuro. Uma minoria, menos deslumbrada e mais cautelosa, age com parcimônia e poupa.

Na bonança, o poupador pouco tem a ganhar e pouco chama a atenção – afinal, vive abaixo de suas posses. Pergunto: na bonança, não caberia a quem gasta demais o adjetivo de ganancioso ou oportunista, já que consome além de suas posses e acredita que alguém ou algo vai socorrê-lo de sua irresponsabilidade?

Crises econômicas começam nos exageros praticados por governos, investidores e consumidores nos tempos de prosperidade. O desequilíbrio não se sustenta, ativos perdem valor, compromissos não se pagam,

dívidas se acumulam. Na crise, aqueles que se desequilibraram precisam se desfazer de seus ativos. Famílias vendem seus bens. Comerciantes liquidam estoques. Investidores não encontram novos compradores. Na crise, sob o desespero da necessidade, oportunidades surgem. Entram em cena os que souberam reservar recursos, que podem ser usados para socorrer quem precisa, comprando o que está barato. Na crise, quem planeja socorre os que exageraram nas expectativas. Ao aproveitar oportunidades, poupadores proporcionam equilíbrio ao mercado. É a hora da colheita para quem, anteriormente, soube plantar.

Pode-se argumentar que más escolhas são fruto de conhecimento limitado e que, nas crises, quem tem mais conhecimento explora aquele que tem menos. Se essa argumentação for verdadeira, então o vendedor treinado explora cada consumidor, ou o atleta mais experiente explora a ignorância do novato. É sensato condenar quem adquiriu conhecimento? Não creio. Insensato é não lutar pela igualdade de educação e de acesso a conhecimento. Nossa crise é, em essência, resultado de falta de conhecimento e de planejamento. Se queremos um país menos desigual, comecemos então pela educação. ♦

Gustavo Cerbasi é consultor financeiro e escritor.
Site: www.maisdinheiro.com.br
Twitter: [@gcerbasi](https://twitter.com/gcerbasi)





MÉXICO
Devotos de
Nossa Senhora de
Guadalupe. No alto,
detalhe de pintura
de Guadalupe
no rosto de uma
criança mexicana.
Na América Latina,
a Virgem Maria
ganhou cores locais



A Nossa Senhora de cada um

Um documentário retrata a força da figura da Virgem Maria na América Latina

Marcelo Moura, com Harumi Visconti

No Brasil, a Virgem Maria é conhecida na figura de uma santa negra, com manto azul-escuro e coroa dourada. Na Argentina, Nossa Senhora de Luján é representada com traços mestiços. Na Bolívia, Nossa Senhora de Copacabana traz elementos indígenas. Em Cuba, Nossa Senhora de la Caridad del Cobre tem as características do povo caribenho: pele morena e cabelos cacheados. Todas apareceram para populações pobres. Nossa Senhora de Guadalupe, venerada no México, apareceu para o índio Juan Diego, em 1531, sem coroa, trono ou ornamento. Nossa

Senhora da Conceição Aparecida, padroeira do Brasil, foi encontrada em 1717 por três pescadores caboclos na Vila de Guaratinguetá, em São Paulo.

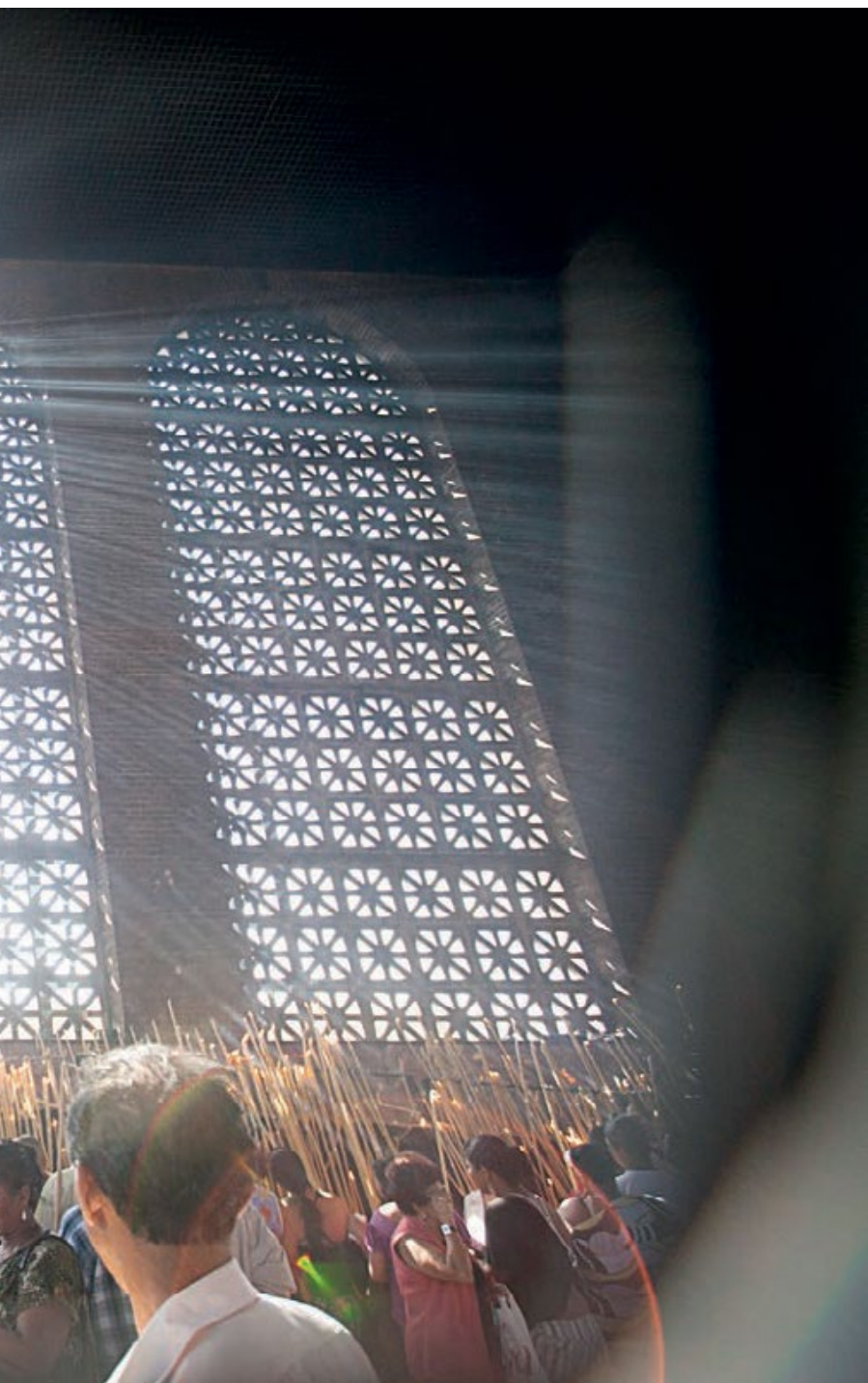
Mãe de Jesus Cristo, na tradição da Igreja Católica Apostólica Romana, Maria foi incorporada pelos povos latino-americanos em cores locais. Em *Marias*, documentário dirigido pela cineasta Joana Mariani, que estreou na semana passada no Festival de Cinema do Rio, mulheres chamadas Maria de cinco países – Cuba, Nicarágua, México, Brasil e Peru – falam sobre a importância de Nossa Senhora em suas vidas. “A gente ►

precisa de uma mãe”, diz uma das Marias no documentário, cujas imagens ilustram esta reportagem. “Somos países sem pai.”

Nos séculos XV e XVI, a colonização da América introduziu, muitas vezes a ferro e fogo, a religião católica para os povos nativos. A imagem de Jesus manteve-se como na Europa, um homem de pele clara e cabelos longos. A mãe de Jesus teve tratamento diferente. Se no Velho Mundo era retratada como rainha, símbolo da monarquia europeia, na América Latina a Virgem Maria ganhou feições plebeias. Frutos de relacionamentos – muitos forçados – entre um homem branco e uma escrava, os mestiços latino-americanos, em geral, faziam parte de famílias comandadas somente pela mãe. Renegados pelo pai biológico, a referência central era a mulher. “A família chefiada pela mulher passou a ser refletida também no plano simbólico: na adoração da mãe, na adoração de Nossa Senhora”, diz George Zarur, antropólogo e autor do livro *A guerra de identidades*, lançado em maio.

No processo de independência da América Latina, os povos latinos, guiados pela crença na esperança, também passaram a buscar amparo nas imagens da mãe de Jesus. “Nossa Senhora, de símbolo da família, passou a ser símbolo de nações”, diz Zarur. As diferentes versões da Virgem Maria viraram ícones da resistência de indígenas e mestiços durante os séculos da colonização europeia. “A espiritualidade e a conversão ao catolicismo, tão almejadas pelos europeus, foram um tiro no pé do processo colonizador”, afirma Alex Villas Boas Oliveira Mariano, professor doutor de teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e especialista em antropologia teológica. Apesar de a independência ter sido conquistada há mais de 200 anos, Nossa Senhora continua a ser venerada porque novas formas de violência ainda marcam as comunidades mais pobres do continente. No Brasil, em Cuba, na Bolívia ou no México, sempre haverá alguém pedindo a proteção de Nossa Senhora. Com outros rostos, nomes e histórias, as múltiplas versões de Maria aludem a um passado sombrio – e à superação do sofrimento por meio da fé. ♦





1

BRASIL
Fiéis na
Basilica de
Nossa Senhora
Aparecida,
na cidade
de Aparecida,
em São Paulo

2

NICARÁGUA
Fim da festa
“Griteria”, na
cidade de León,
em homenagem
a La Puríssima
– forma como os
nicaraguenses se
referem à Virgem

3

CUBA
Devota na
Igreja de
Nuestra Señora
de la Caridad
del Cobre,
na cidade
cubana El Cobre

4

PERU
Procissão
da Virgen de
la Candelária,
na cidade
peruana
de Puno



DOZE HORAS

TEMPO LIVRE? ESQUEÇA. EIS O QUE VOCÊ PRECISA FAZER NESTA SEMANA

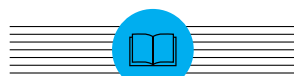


Cinema
2 horas

Stephen King curtiu isso

Edith Cushing (**Mia Wasikowska**) escreve para exorcizar os fantasmas do passado. E de fantasmas ela entende, pois tem o dom de se comunicar com os mortos. Depois de casar com o sedutor Sir Thomas Sharpe (Tom Hiddleston), Edith vai morar numa mansão gótica em ruínas construída no topo de uma colina cor de sangue. O casarão sombrio abriga fantasmas e perigos de carne e osso que os donos da casa fazem de tudo para esconder.

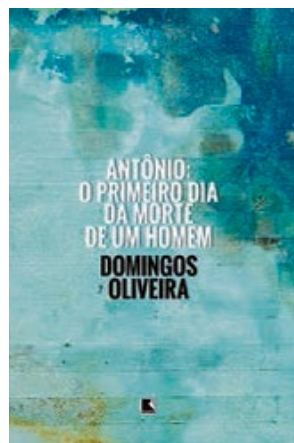
A colina escarlata, do diretor mexicano Guillermo del Toro, foi chamado de “deslumbrante” e “assustador” pelo escritor Stephen King, mestre do terror. **Estreia no dia 15/10.**



Livro
1 hora

Sufrimento, amor e sexo

Depois de escrever 23 peças de teatro, dirigir 16 filmes, publicar uma “autobiografia anárquica” e um punhado de crônicas e ensaios, o cineasta e dramaturgo Domingos Oliveira tenta algo diferente. Escreveu um romance recheado de erotismo, **Antônio: o primeiro dia da morte de um homem**. Nele, conta as desventuras de um professor maduro que escreve roteiros, mas preferiria escrever livros. Apesar da dor que sente pela perda de um amigo e pelo fim do casamento, Antônio apaixona-se por duas mulheres e se entrega a um triângulo amoroso. **Record, 176 páginas, R\$ 30.**



Infantil
1 hora

Os garotinhos de Liverpool

Show de rock é lugar de criança? O produtor musical Fábio Freire acha que sim. Com a bênção de Paul McCartney, o vovô de Liverpool, Freire montou o espetáculo **Beatles para crianças**, que apresenta o repertório da banda para os pequenos. O show conta com projeção de desenhos animados e muita interação com a plateia. As crianças são chamadas ao palco para cantar e tocar “Blackbird”. Os pais se juntam aos filhos num animado coro de “All together now”. **Teatro UMC, São Paulo, 12, 17 e 18/10.**



Streaming
2 horas

Infância roubada

Agu (**Abraham Attah**) vive num vilarejo próximo a um campo de refugiados num país da África. Durante o dia, ele brinca com os meninos do campo. À noite, a diversão fica por conta das refeições em família. A calma é interrompida quando tropas do Exército tomam a cidade para sufocar uma rebelião contra o governo corrupto do país. Agu se envolve com os rebeldes e deixa a infância para trás. **Beasts of no nation**, dirigido por Cary Fukunaga, é o primeiro filme produzido pelo Netflix e foi premiado no Festival de Cinema de Veneza. **Netflix, estreia no dia 16/10.**



Festival
2 horas

O pop salva

No próximo fim de semana, a banda escocesa **Belle and Sebastian** invade o palco do **Popload Festival** para anunciar que o pop tem poder para salvar os tímidos e os introspectivos. Stuart Murdoch e companhia vêm a São Paulo apresentar *Girls in peacetime want to dance*, o novo álbum da banda. Saem as letras indie-fofas, repletas de melancolia adolescente, e entram ritmos dançantes e batidas eletrônicas. Richard Colburn e Chris Geddes, baterista e tecladista da banda, vão discotecar no festival. A apresentação da banda Spoon, que contribuiu com a trilha sonora do seriado *The O.C.*, também vai agradar aos fãs de rock alternativo. O rapper Emicida, o roqueiro Iggy Pop e a cantora americana Natalie Prass, aposta da revista *Rolling Stone*, também subirão ao palco. **Audio Club, São Paulo, 16 e 17/10.**

Teatro
1 hora

Sociedade anônima

Mirian (**Raquel Alvarenga**) e Mário (**Vandré Silveira**) trabalham na mesma repartição pública. Imersos no trabalho burocrático, eles mal se veem. Quando Mirian vai a uma festa na casa de Mário, os dois descobrem que têm muito em comum. **O acidente** leva ao palco o cotidiano sem grandes emoções das pessoas anônimas. **Sesc Tijuca, Rio de Janeiro, 1º/11.**



DVD
1 hora

Aulas tortas de Direito

Annalise Keating (**Viola Davis**) é uma professora de Direito que ensina seus alunos que um bom advogado pode livrar a cara de qualquer criminoso. Viola se tornou a primeira mulher negra a ganhar um Emmy (o Oscar da televisão) de melhor atriz dramática por sua atuação em **How to get away with murder**. **Disney, R\$ 49,90.**

Por **Marcos Coronato**, mcoronato@edglobo.com.br,
com **Ruan de Sousa Gabriel**, **Nina Finco**
e **Ariane Freitas**, atfreitas@edglobo.com.br

Quadrinhos
1 hora

Que a força esteja com ele

Numa galáxia muito, muito distante, vive Roan, um menino que sonhava modestamente em ingressar na Academia de Pilotos, mas consegue ser aceito na Academia Jedi. Mestre Yoda será seu professor e Roan aprenderá desde as lições mais simples, como manusear um sabre de luz e levitar objetos, até as mais complexas e assustadoras, como dançar com uma garota. **Academia Jedi**, de Jeff Brown, imagina como seria cursar o ensino médio na galáxia muito, muito distante onde habitam os personagens de *Star wars*. **Editora Aleph, 173 páginas, R\$ 39,90.**



CD
1 hora

Com uma ajudinha dos amigos

Em 2013, a música eletrônica ganhou novo fôlego com *Settle*, o álbum de estreia da dupla Disclosure. A suavidade das batidas trouxe uma alternativa ao bate-estaca que domina a música eletrônica dançante. No novo disco, **Caracal**, os irmãos **Guy e Howard Lawrence** inovam menos. Em compensação, das 11 faixas do disco, nove têm participações especiais de peso e qualidade, como Lorde, Sam Smith e The Weeknd. **Universal, R\$ 27,90.**





RUTH DE AQUINO

Fidelidade se compra?

Não, presidente Dilma Rousseff. Talvez seja tarde para descobrir o óbvio. Fidelidade se constrói, respeito se conquista, amor se cultiva. Mesmo num país em que os partidos políticos se desmoralizam a tal ponto que tudo parece estar à venda no Congresso – do voto à consciência –, Dilma percebe que é hoje uma mulher traída e uma líder mal-amada.

Não importa quantos cargos ela tenha distribuído, quantas concessões tenha feito. Não importa quantos mimos tenha oferecido a seus concubinos. Eles traem. Conspiram. Querem mais. A insatisfação costuma conduzir à infidelidade. Se até os partidos comprados traem Dilma, a rebeldia não se explica apenas pelo vício da prostituição do poder. Nem os pares de Dilma se afeioaram a ela – muitos, se não falam mal pela frente, o fazem pelas costas.

Toma lá. E não dá cá. De todas as derrotas sofridas por Dilma nos últimos dias – e não foram poucas –, a falta de quórum na Câmara para votar seus vetos às pautas-bomba pode ter sido a que mais a magoou. Um sinal do que vem por aí. Sua maior luta, hoje, é travada nas duas Casas, e não com juízes, procuradores, jornalistas ou eleitores. “Juntos, somos imbatíveis”, disse Dilma em Barreiras, na Bahia. Juntos... com quem, exatamente? Com senadores e deputados.

As manobras de Dilma para angariar apoio não estão dando certo. A “reforma ministerial”, de custo moral e ético muito alto, dá frutos podres. Delcídio do Amaral (PT-MS), líder do governo no Senado, diz: “Acho que alguma coisa não está funcionando”. Acha mesmo ou tem certeza? O líder do PR na Câmara, Maurício Lessa, afirma: “O governo não pode achar que resolve a vida só com o PMDB”. Não mesmo. Há um novo bloco de partidos revoltados. O “baixo clero” pode ser muito baixo. O que é pior: os dois maridos oficiais – o PT e o PMDB – não estão unidos em torno da matriarca.

O elemento peemedebista Eduardo Cunha, presidente da Câmara, cada vez mais afundado em suas contas move-dças, familiares e milionárias em dólares na Suíça, exerce poder avassalador contra Dilma – mas pode cair antes de qualquer um em Brasília. Comprovadas as contas secretas e a origem de corrupção, Cunha não poderá continuar a presidir a Câmara. Simples assim. Não tem moral para falar de moral. Dilma e Lula sonham em lavar Cunha a jato.

Não sinto pena de Dilma. Ela fez por merecer o pesadelo atual. Muito pior foi o pesadelo em que ela jogou o Bra-

sil, ao usar no ano passado R\$ 106 bilhões em barbeiragens fiscais para enganar o eleitor mais crédulo. Criou uma Ilha da Fantasia em que o estudante, a dona de casa, o trabalhador, o pequeno empresário, o jovem idealista, a classe média e os mais carentes se inspiraram para reelegê-la.

Dos R\$ 106 bilhões, R\$ 40 bilhões de bancos públicos foram usados nas pedaladas – o termo usado para adiar pagamentos e maquiar as contas públicas. Estamos, todos nós, pagando agora por isso. Nos primeiros oito meses de 2015, como foi publicado no jornal *O Globo* na sexta-feira, o Tesouro Nacional já repassou a BNDES, Banco do Brasil e FGTS R\$ 14,4 bilhões. Objetivo? Cobrir os gastos com juros subsidiados de programas federais no ano passado. Esse é o preço, até agora, da operação-bomba para reeleger Dilma.

Nunca antes na história um presidente pedalou com um doping dessa magnitude. Nunca antes se usou tamanho

artifício para mascarar uma gestão incompetente e temerária e alimentar o marketing piegas da mãe do PAC. É uma constatação financeira, técnica, nada ideológica ou política. Basta examinar os gráficos, ano a ano. São números, não palavras. Não há subjetividade nem torcida contra.

Quando Dilma vê “luz no fim do túnel”, é natural. Não tem saída a não ser parecer otimista. Jaques Wagner, o novo escudeiro imposto por Lula na Casa Civil, é só elogios: “A presidente é uma guerreira, ela opera muito bem diante da dificul-

dade... ela entende que (*a reprovação das contas pelo Tribunal de Contas da União*) é uma página virada e que a batalha definitiva será no Congresso”. Leia-se batalha para continuar a governar. Batalha para não sofrer impeachment. Para não desmilinguir.

A reprovação das contas de Dilma pelo TCU já era esperada. Mas não por essa goleada de 8 a zero. Unânime, inédita, histórica. Dilma se preocupa com o uso que o Congresso fará dessa derrota. O país tenta olhar o lado bom. O da prestação de contas. Contas fiscais e morais. Afinal, quem quer fidelidade precisa ser fiel, em primeiro lugar. Precisa ser responsável. A moeda que conta para nós é esta, a da responsabilidade com a nação e com os eleitores. Tanto a presidente quanto o Congresso deveriam saber que não é possível cobrar sacrifício ou fidelidade de quem se sente espoliado ou traído. ♦

AS MANOBRAS DE
DILMA PARA ANGARIAR
APOIO NÃO ESTÃO
DANDO CERTO. A
REFORMA MINISTERIAL
DÁ FRUTOS PODRES

Ruth de Aquino é colunista de ÉPOCA raquino@edglobo.com.br



O COMBUSTÍVEL DIÁRIO
DE QUE NOSSO CORPO
PRECISA.

**SIDNEY
OLIVEIRA**

Suplementos, Vitaminas e Minerais

A alimentação ideal é aquela que atende às nossas necessidades diárias de nutrientes. Mas a correria do dia a dia acaba sendo um empecilho.

Os produtos Sidney Oliveira ajudam a suprir a carência de vitaminas e minerais, para que a gente possa ter uma vida mais saudável e com mais energia.

ultrafarma.com.br
11 5591-1466



Não use esse produto como única fonte de nutrientes. Recomenda-se a orientação de um médico ou nutricionista. Consumir somente a quantidade indicada nas embalagens. Gestantes, crianças, nutrízes e portadores de qualquer enfermidade somente devem consumir estes produtos sob orientação de nutricionista ou médico. NÃO CONTÉM GLÚTEN.



PREPARE-SE PARA TER UM CARRO CHEIO DE PERSONALIDADE.

VOLVO V40 KINETIC
COM MOTOR T3 DE 152HP

A PARTIR DE **R\$ 99.950**
FATURAMENTO DIRETO COM A VOLVO

EXPLORE A NOVA VERSÃO KINETIC
NA CONCESSIONÁRIA MAIS PRÓXIMA
E SURPREENDA-SE.

MADE BY SWEDEN

volvocars.com.br
/volvocarsbr



O cinto de segurança salva vidas.